

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Letícia Lucinda Meirelles

**OS VERBOS DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Belo Horizonte

2016

Letícia Lucinda Meirelles

## **OS VERBOS DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudos na interface sintaxe e semântica lexical

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Cançado (FALE/UFMG)

M514v

Meirelles, Leticia Lucinda.

Os verbos de movimento no português brasileiro  
[manuscrito] / Leticia Lucinda Meirelles. – 2016.  
143 f., enc.

Orientadora: Márcia Cançado.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudos na Interface Sintaxe e  
Semântica Lexical.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de  
Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 122-131.

Apêndices: f. 132-143.

1. Língua Portuguesa – Brasil – Teses. 2. Língua  
Portuguesa – Verbos – Teses. 3. Língua Portuguesa –  
Semântica – Teses. 4. Língua Portuguesa – Sintaxe – Teses.  
I. Cançado, Márcia, 1958- II. Universidade Federal de Minas  
Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS



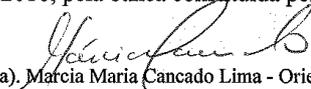
## FOLHA DE APROVAÇÃO

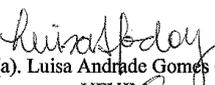
**Os verbos de movimento no português brasileiro**

### LETÍCIA LUCINDA MEIRELLES

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos na Interface Sintaxe e Semântica Lexical.

Aprovada em 25 de janeiro de 2016, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Marcia Maria Cancado Lima - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Luisa Andrade Gomes Godoy  
UFVJM

  
Prof(a). Sueli-Maria Coelho  
UFMG

Belo Horizonte, 25 de janeiro de 2016.

Àqueles que deixam minha vida mais doce: Lênin e Fidel.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, no mundo acadêmico, agradeço à minha querida orientadora, Márcia Cançado, pelo apoio e incentivo de sempre, e principalmente por ter propiciado minha formação em Semântica Lexical, área de pesquisa com a qual tanto me identifico. Márcia conduziu minha orientação de maneira exemplar, não apenas durante o mestrado, mas desde minha graduação, passando pela Iniciação Científica e Monografia. Além disso, sou extremamente grata por poder fazer parte do Núcleo de Pesquisa em Semântica Lexical (NuPeS), coordenado pela Márcia, que desenvolve importantes trabalhos para a descrição do sistema linguístico do português brasileiro. Enfim, Márcia, você é a grande responsável por minha motivação e inspiração para seguir carreira acadêmica! Muito obrigada pela confiança depositada em mim e em meu trabalho!

Ainda na academia, agradeço à Luana Amaral, amiga, companheira de pesquisa, e agora professora universitária, por todo o auxílio teórico e empírico (além de psicológico) que forneceu durante minha formação.

Agradeço também à Profa. Sueli Coelho pela disponibilidade de ler minha dissertação e por todo o conhecimento transmitido durante o curso sobre Gramática de Construções. Sueli, você é uma excelente pessoa e professora! Espero que tenha o prazer de cursar outras disciplinas ofertadas por você, assim como de continuar gozando de sua presença em meu processo de formação.

À Luísa Godoy, por aceitar participar de minha defesa como membro da banca avaliadora e por ler meu trabalho.

Na vida pessoal, agradeço ao meu amado pai pelo apoio, confiança, amor, amizade, companheirismo e por ser meu porto seguro. À minha avó Sônia, pela doçura, incentivo e exemplo de vida. Ao Maurício e à Lúcia, pela amizade e carinho, pelos encontros regados a vinho e acompanhados de boas conversas, e pelo interesse em minha formação profissional. Ao Henrique, meu amor, por ser meu companheiro de vida, de coisas boas e ruins. Por estar ao meu lado e compartilhar seus dias comigo. Aos meus dois amores, meus dois cachorrinhos Lênin e Fidel, aqueles que lambem minhas lágrimas e beijam meus sorrisos, trazendo muito amor, alegria e aprendizado à minha vida!

Por fim, agradeço à minha mãe que, apesar de não estar mais ao meu lado em matéria, se faz presente no sopro suave de uma brisa, nas flores, nas borboletas, no balanço das árvores... Mãe, você é a luz que me acorda todas as manhãs e me inspira a viver!

“Cultures, to be sure, show how we are different. Languages, however, are variations on a worldwide, cross-cultural perception of this thing called life.”

John McWhorter

## RESUMO

Nesta dissertação, tomamos como objeto de estudo os verbos de movimento do português brasileiro. Esses são verbos como *correr*, *balançar*, *lançar*, *sair*, *hastear*, entre outros, que descrevem situações em que uma entidade realiza, voluntária ou involuntariamente, algum tipo de movimento (TALMY, 1985, 2000), podendo ou não haver a presença de uma trajetória. O nosso objetivo é descrever as propriedades semânticas e sintáticas desses verbos com o intuito de os agruparmos em classes verbais e fornecer sua estrutura semântica através da linguagem de decomposição em predicados primitivos. Partimos do pressuposto, que norteia os trabalhos na linha da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, de que verbos que se comportam sintaticamente da mesma maneira devem apresentar propriedades semânticas em comum (LEVIN, 1993; PINKER, 1989; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a). Baseamos nosso trabalho nas propostas de Levin e Rappaport Hovav (1992), de Levin (1993) e de Jackendoff (1990), os quais apontam para o fato de os verbos de movimento do inglês não constituírem uma classe única. A partir daí, checamos se o mesmo é válido para o português brasileiro. Como resultado, obtivemos que os verbos de movimento de nossa língua dividem-se em cinco classes distintas. Concluímos, portanto, que a propriedade semântica *movimento* não é relevante para a divisão dos verbos do português brasileiro em classes que determinem o seu comportamento sintático e que a representação semântica dessa propriedade não é feita, na maioria das vezes, através de primitivos específicos de movimento, uma vez que o *movimento* faz parte do sentido idiossincrático de alguns verbos ou é derivado da estruturação da representação lexical dos verbos.

Palavras-chave: semântica; verbos de movimento; estrutura argumental.

## ABSTRACT

In this dissertation, we analyze motion verbs in Brazilian Portuguese. These verbs describe situations in which an entity performs some motion, voluntarily or involuntarily, (TALMY, 1985, 2000), with or without a path. Our aim is to describe the semantic and syntactic properties of these verbs in order to group them in verbal classes and represent their semantic structure by means of the predicates decomposition metalanguage. We assume, based on works at the Interface Syntax-Lexical Semantics, that verbs which have the same syntactic behavior must have semantic properties in common (LEVIN, 1993; PINKER, 1989; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a). We base our work on proposals by Levin and Rappaport Hovav (1992), Levin (1993) and Jackendoff (1990), who argues that English motion verbs do not constitute a single class. We checked whether the same is true for Brazilian Portuguese and we reached the conclusion that in that language motion verbs are divided into five different classes. Therefore, we conclude that the semantic property *motion* is not relevant to the division of the Brazilian Portuguese verbs into classes that determine their syntactic behavior and that the semantic representation of this property is not made, mostly, through specific motion primitives. This occurs because this semantic property is part of the idiosyncratic meaning of some verbs or is derived from the verbs' lexical representation.

Keywords: semantics; motion verbs; argument structure

## LISTA DE SÍMBOLOS E SIGLAS

┆	relação de acarretamento
~┆	ausência de relação de acarretamento
⊥	contradição
┆┆	paráfrase
TOP	tópico
SP	sintagma preposicionado
SN	sintagma nominal
SV	sintagma verbal

Os símbolos utilizados neste trabalho foram retirados de Cann (1993).

## SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: APRESENTAÇÃO DO TRABALHO.....	12
Introdução.....	12
1 Objeto de estudo e hipótese.....	12
1.1 Objetivos e justificativa.....	17
1.2 Metodologia.....	19
CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
2.1 O léxico.....	23
2.2 Interface Sintaxe-Semântica Lexical.....	26
2.2.1 Classes verbais.....	27
2.3 Representações Semântica.....	30
2.4 A linguagem de decomposição de predicados.....	33
2.5 Aspecto lexical.....	37
CAPÍTULO 3: A PROPRIEDADE SEMÂNTICA <i>MOVIMENTO</i> .....	43
3.1 Verbos de movimento e a tipologia de Talmy.....	43
3.1.1 Problemas para a tipologia de Talmy.....	49
3.2 <i>Movimento</i> , classes verbais e representações lexicais.....	60
3.3 <i>Movimento</i> e inacusatividade.....	73
CAPÍTULO 4: MOVIMENTO E CLASSES VERBAIS NO PB.....	82
4.1 Verbos de realização de evento.....	82
4.2 Verbos de trajetória.....	86
4.3 Verbos de evento causado.....	97
4.4 Verbos de movimento causado.....	105
4.5 Verbos de modo de movimento.....	113
4.6 Conclusões.....	117
CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	122
APÊNDICE.....	132

# CAPÍTULO 1: APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

## Introdução

Esta dissertação insere-se na linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, que tem como interesse o estudo das propriedades semânticas dos itens lexicais que possuem relevância para a sintaxe, ou seja, que influenciam/ determinam o comportamento sintático dos mesmos. A partir daí, o objetivo principal deste trabalho é analisar os verbos que denotam movimento no português brasileiro (doravante PB), com o intuito de descrevermos quais das suas propriedades semânticas são relevantes para a determinação da sua sintaxe. Para tanto, verificamos o status dos verbos de movimento enquanto classe verbal do PB e propusemos representações semânticas para os mesmos através da linguagem de decomposição de predicados primitivos.

A dissertação está organizada da seguinte forma: neste capítulo, apresentamos a pesquisa de forma geral; no capítulo 2, explicitamos a abordagem teórica adotada; o capítulo 3 descreve como a propriedade semântica *movimento* vem sendo tratada na literatura linguística; no capítulo 4, apresentamos nossa proposta de divisão dos verbos de movimento do PB em classes verbais; o capítulo 5 conclui a dissertação. Os dados utilizados na realização da pesquisa encontram-se no apêndice.

## 1 Objeto de estudo e hipótese

O conceito de *movimento* não é algo simples de se definir. Vejamos as sentenças abaixo:

- (1) O atleta correu por 3 horas.
- (2) O menino saiu de casa.
- (3) O goleiro lançou a bola para o zagueiro.
- (4) O soldado hasteou a bandeira.
- (5) O vento balançou a cortina.
- (6) O domador enjaulou o leão.
- (7) O cachorro enterrou o osso na areia.
- (8) A cozinheira misturou a farinha e o leite.

Podemos dizer que todas as sentenças de (1) a (8) denotam um certo tipo de movimento. A sentença em (1) descreve um evento em que o atleta faz um movimento rápido com os pés; a em (2), uma situação em que o menino faz um movimento para fora de casa; a em (3), um evento em que a bola se move do goleiro para o zagueiro; a sentença (4) denota uma situação em que a bandeira se move através de uma ação realizada pelo soldado; a em (5), um evento em que o vento faz com que a cortina se mova; as em (6) e (7) descrevem situações em que uma entidade muda de local, ou seja, o leão passa a ficar dentro de uma jaula e o osso passa a ficar enterrado na areia. Por fim, a sentença em (8) denota um movimento através do qual os ingredientes (farinha e leite) ficam misturados<sup>1</sup>.

Com isso, vemos que delimitar o conceito de *movimento* não é simples, pois várias situações no mundo podem denotar movimento, mesmo que ele seja de diferentes tipos. Contudo, a alcunha “verbos de movimento” na literatura refere-se, normalmente, a verbos como *correr, nadar, balançar, girar, sair, chegar, descer*, entre outros, de modo que esses verbos são divididos em dois tipos: verbos que denotam o modo como acontece o movimento (*correr, nadar, balançar e girar*) e verbos que acarretam movimento por uma trajetória (*sair, chegar e descer*) (JACKENDOFF, 1990; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992; LEVIN, 1993).

Neste trabalho, tomamos como objeto de estudo verbos do PB como *correr, balançar, girar, sair*, entre outros, e os denominamos de “verbos de movimento”, assim como é feito na literatura linguística. Vejamos como alguns autores tratam esses verbos.

Talmy (1985, 2000), por exemplo, define como evento de movimento qualquer situação que contenha movimento ou uma locação estacionária. Dessa forma, o autor considera eventos de movimento tanto sentenças do tipo *o artista foi para Paris* quanto do tipo *a caneca está sobre a mesa*. Contudo, neste trabalho, optamos por analisar apenas sentenças do primeiro tipo e excluimos as locações estacionárias de nossa análise, uma vez que elas não descrevem uma situação em que uma entidade realiza algum tipo de movimento. Baseando-nos no autor, propomos que um evento de movimento consiste em uma *figura*, que se refere ao objeto que se move, em um *fundo*, que é o ponto de referência para o movimento da *figura*, e em uma *trajetória*. Essa, por sua vez, é opcional (uma vez que certos verbos de movimento como *balançar e pular* não descrevem, necessariamente, que uma entidade se desloca por um espaço) e é definida como o percurso do movimento realizado pela *figura*.

---

<sup>1</sup> A explicitação do fato de vários eventos no mundo denotarem movimento foi uma sugestão da banca avaliadora.

Os componentes do evento de movimento podem ser assim representados:

(9)	O lápis	rolou	para fora	da mesa.
	↓	↓	↓	↓
	Figura	Movimento	Trajectoria	Fundo

Na literatura, encontramos diferentes opiniões a respeito da divisão dos verbos de movimento em classes verbais e algumas propostas de representações lexicais para os mesmos.

Levin e Rappaport Hovav (1992) e Levin (1993) propõem a existência de três classes distintas de verbos de movimento de acordo com o componente semântico por eles lexicalizado, com seu aspecto lexical e com o seu comportamento quanto à inacusatividade<sup>2</sup>.

a) Classe de *arrive* ‘chegar’

São verbos inacusativos que denotam *achievements* e que incluem em seu significado a direção do movimento. Exemplos em PB desses verbos são *chegar, ir, partir, retornar, vir*, etc.

b) Classe de *roll* ‘rolar’

Também são verbos inacusativos, porém, denotam atividades, incluindo em seu significado a maneira como o movimento ocorre. São verbos como *rolar, escorregar, balançar, sacudir, girar*, etc.

c) Classe de *run* ‘correr’

São verbos do tipo *correr, pular, nadar, dançar*, entre outros. São inergativos que denotam atividades e, assim como os verbos da classe de *roll*, seu significado inclui a maneira como ocorre o movimento.

As autoras argumentam que as propriedades semânticas *modo* e *direção do movimento* estão em distribuição complementar, ou seja, um verbo que denota a direção do movimento não lexicaliza também o modo do movimento e um verbo que denota o modo do movimento não lexicaliza também a direção do movimento.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Talmy (1985, 2000) divide as línguas do mundo em dois tipos, de acordo com o tipo de evento de movimento que elas lexicalizam: línguas emolduradas nos verbos (*verb-framed languages*), cujos verbos lexicalizam *movimento* e *trajetória*, e línguas emolduradas nos satélites (*satellite-framed languages*), nas

---

<sup>2</sup> Explicaremos melhor a proposta das autoras, assim como os conceitos de aspecto lexical e inacusatividade nos capítulos 2 e 3 desta dissertação.

quais os verbos lexicalizam *movimento* e *maneira* ou *movimento* e *causa*, enquanto a *trajetória* é expressa através dos satélites. Esses, por sua vez, são, segundo o autor, constituintes que se encontram em relação de irmandade com o sintagma verbal, como as partículas verbais do inglês (*go down/ back/ in* ‘descer/voltar/entrar’), mas que não são sintagmas nominais nem sintagmas preposicionados. Contudo, embora a tipologia proposta por Talmy (1985, 200) seja considerada o ponto de partida para muitos estudos que têm como objeto os verbos de movimento, atualmente existem vários trabalhos que questionam a proposta do autor, como mostraremos no capítulo 3. Também nesse capítulo, descrevemos como o PB se comporta em relação a essa tipologia.

Para Jackendoff (1990), também existem dois tipos de verbos de movimento: os verbos de modo de movimento e os verbos de trajetória. Os primeiros dizem respeito a verbos que descrevem o movimento de um objeto, mas não implicam que esse objeto percorre uma trajetória, sendo representados através da função MOVE<sup>3</sup>. Exemplos desses verbos no PB são *requebrar, dançar, girar* e *balançar*. Os segundos, por sua vez, são verbos que possuem um sujeito que se move por uma trajetória e são representados por GO. São exemplos de verbos de trajetória *ir, chegar, entrar* e *partir*.

A seguir encontram-se as duas representações dos verbos de movimento propostas por Jackendoff (1990):

(10) v: [Event MOVE ([Thing ])]

(JACKENDOFF, 1990, p. 99)

(11) v: [Event GO ([X], [Path TO ([Place Y]]))]

(JACKENDOFF, 1990, p. 93)

Levin e Rappaport Hovav (2005) e Rappaport Hovav e Levin (1998), por sua vez, propõem a seguinte representação para os verbos da classe de *correr*:

(12) *run* ‘correr’: [ X ACT <MANNER>]

(Adaptado de RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 109)

---

<sup>3</sup> As funções MOVE e GO (JACKENDOFF, 1983, 1990) são primitivos semânticos utilizados na decomposição do significado dos itens verbais, fazendo parte, portanto, do conjunto de predicados que compõem a linguagem de decomposição de predicados primitivos, que será explicada no capítulo 2.

A diferença entre a representação das autoras e das propostas por Jackendoff (1990) é que, enquanto o autor utiliza funções específicas de movimento (MOVE e GO), Levin e Rappaport Hovav (2005) e Rappaport Hovav e Levin (1998) argumentam que os verbos do tipo *run* ‘correr’ se comportam da mesma forma que os demais verbos de atividade do inglês, uma vez que são todos agentivos e possuem uma forma intransitiva, não utilizando, portanto, um primitivo específico para descrever os eventos de movimento. Além disso, as autoras deixam explícito em sua representação o conteúdo semântico que é lexicalizado pelos verbos de atividade do inglês (a maneira de agir <MANNER>), enquanto as representações de Jackendoff (1990) não trazem essa informação para os verbos de movimento. Contudo, Levin e Rappaport Hovav não fornecem, em nenhum trabalho, estruturas semânticas para os verbos da classe de *roll* ‘rolar’ e de *arrive* ‘chegar’.

A partir daí, baseadas nos trabalhos de Jackendoff (1990), Levin e Rappaport Hovav (1992) e Levin (1993) e também em alguns trabalhos do PB (AMARAL, 2010, 2013, 2015; CORRÊA; CANÇADO, 2006; GODOY, 2012; SOUTO, 2014), partimos do pressuposto de que a propriedade *movimento* também não é relevante para a divisão dos verbos do PB em classes verbais.

A nossa hipótese é de que nem todas as classes de verbos que denotam movimento têm uma representação lexical que contenha predicados primitivos específicos dessa propriedade semântica. Justificamos a postulação dessa hipótese através dos trabalhos de Rappaport Hovav e Levin (1998) e Levin e Rappaport Hovav (2005), que propõem uma estrutura semântica sem predicados de movimento para os verbos do tipo *run* ‘correr’, e do trabalho de Amaral (2013), que mostra que verbos de movimento do PB do tipo *correr* possuem o mesmo comportamento de verbos do tipo *chorar* e *gemer*.

- (13) a. O maratonista correu.  
 b. O maratonista correu uma corrida perfeita.  
 c. A corrida do maratonista foi perfeita.
- (14) a. O atleta nadou.  
 b. O atleta nadou um nado borboleta.  
 c. O nado do atleta chamou a atenção de muitos treinadores.
- (15) a. A criança chorou.  
 b. A criança chorou um choro angustiante.  
 c. O choro da criança comoveu os pais.
- (16) a. O menino adoentado gemia.

- b. O menino adoentado gemia um gemido angustiante.
- c. O gemido do menino preocupava os médicos.

Todos os verbos de (13) a (16) aceitam um objeto cognato e derivam sintagmas nominais, o que, juntamente a outras propriedades semânticas e sintáticas compartilhadas pelos mesmos, evidencia que eles pertencem a uma mesma classe verbal, não sendo necessário que haja em sua representação lexical um primitivo específico que denote movimento.

Assim, o principal interesse de nossa pesquisa é descobrir como o *movimento* é representado na estrutura lexical dos verbos.

Tendo delimitado nosso objeto de estudo e explicitado nossa hipótese, passemos para os objetivos e a justificativa da realização desta pesquisa.

### 1.1 Objetivos e justificativa

Os objetivos gerais desta pesquisa são (i) contribuir para a descrição do sistema linguístico do PB através da análise de um tipo de verbo muito mencionado na literatura linguística, porém pouco sistematizado em termos de suas propriedades semânticas relevantes para a realização da sua sintaxe; (ii) discutir os predicados primitivos, como MOVE e GO, que vêm sendo usados na representação dos eventos de movimento, contribuindo, assim, para a sistematização da metalinguagem de decomposição de predicados primitivos.

A fim de verificar nossa hipótese de que nem todos os verbos que denotam movimento têm um predicado específico para essa propriedade semântica em sua estrutura, propomos os seguintes objetivos específicos:

- ✓ fazer um levantamento dos verbos de movimento do PB;
- ✓ separar os verbos de movimento do PB em classes e propor representações semântico-lexicais para os mesmos;
- ✓ determinar quando a propriedade semântica *movimento* deve estar presente na estrutura argumental dos verbos por meio de primitivos específicos.

Esta pesquisa se justifica em ao menos três sentidos: em primeiro lugar, como apontam Jackendoff (1990), Levin e Rappaport (1992) e Levin (1993), os verbos de movimento não parecem constituir uma classe única, de modo que suas propriedades

semânticas e seus comportamentos sintáticos devem ser mais bem estudados. Em segundo lugar, não encontramos trabalhos no PB cujo objetivo seja descrever os diferentes tipos de verbos de movimento dessa língua. Há trabalhos como os de Amaral (2010) e de Menuzzi e Ribeiro (2011), que tratam dos verbos do tipo *girar*, e como o de Amaral (2013), que descreve os verbos do tipo *correr*. No entanto, ainda existem os verbos do tipo *chegar* e do tipo *lançar* que não são analisados pela autora. Além disso, as duas classes propostas por Amaral (2010, 2013) são abordadas de forma isolada, não havendo uma discussão acerca do papel da propriedade semântica *movimento* em suas respectivas representações lexicais. Quanto aos verbos de trajetória, temos os trabalhos de Corrêa (2005) e de Souto (2014). Contudo, a divisão em classes proposta no primeiro não parte do pressuposto de que devem constituir uma classe apenas verbos que apresentam as mesmas propriedades semânticas e os mesmos comportamentos sintáticos, direção que assumimos neste trabalho. Por exemplo, a autora agrupa em uma mesma classe os verbos *sentar*, *aterrissar* e *colocar*. Porém, eles não se comportam da mesma forma do ponto de vista sintático. Enquanto *aterrissar* e *sentar* apresentam tanto uma forma transitiva quanto uma intransitiva (*o piloto aterrissou o avião/ o avião aterrissou; a mãe sentou o menino na mesa/ o menino sentou na mesa*), o mesmo não ocorre para *colocar* (*o professor colocou o livro na mesa/ \*o livro colocou na mesa*). Já o segundo trabalho foca na descrição sintática apenas do verbo *ir*, além de não propor uma representação semântica para a classe.

Os verbos do tipo *lançar* são tratados no trabalho de Godoy (2012), no entanto, o foco da autora é descrever a alternância reflexiva e não os verbos de movimento em si.

Por fim, não há um consenso e uma análise uniformizada quanto à representação semântica dos verbos de movimento na literatura. Existem autores que utilizam representações lexicais com o primitivo MOVE para verbos de modo de movimento (JACKENDOFF, 1990; AMARAL, 2010; MENUZZI; RIBEIRO, 2011). Autores que utilizam o predicado GO para verbos de trajetória (JACKENDOFF, 1990; PINKER, 1989). Autores que trocam as funções de ambos os predicados, como Godoy (2012), que utiliza o metapredicado MOVE na representação de verbos que acarretam movimento em uma determinada trajetória. E autores, como Levin e Rappaport Hovav (2005), Rappaport Hovav e Levin (1998) e Amaral (2013), nos quais baseamos nossa hipótese, que propõem que certos verbos de movimento não precisam de predicados específicos que denotem essa propriedade semântica em suas estruturas lexicais.

Feitas essas constatações, justificamos, portanto, a realização desta dissertação. Passemos, pois, para a descrição da metodologia adotada em nossa pesquisa.

## 1.2 Metodologia

Esta pesquisa se insere no âmbito dos trabalhos que foram desenvolvidos no NuPeS (Núcleo de Pesquisa em Semântica Lexical), núcleo de pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG, coordenado pela Profa. Dra. Márcia Caçado e, portanto, se vale dos pressupostos metodológicos dos mesmos. Por fazerem parte da linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical, esses trabalhos partem do pressuposto de que verbos que exibem o mesmo comportamento sintático devem compartilhar propriedades semânticas e são essas propriedades que determinam a realização da sintaxe verbal (LEVIN, 1993; CANÇADO, 1995 e trabalhos subsequentes; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; GODOY, 2009, 2012; AMARAL, 2010, 2013, 2015; CANÇADO; GODOY, 2012; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a, entre outros trabalhos).

Assim, realizamos uma coleta, através do dicionário de Borba (1990), dos verbos de movimento do PB. Em um primeiro momento coletamos 150 verbos que pareciam se encaixar naquilo que chamamos de “verbos de movimento” neste trabalho (JACKENDOFF, 1990; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992; LEVIN, 1993). Depois de coletados os verbos, observamos os comportamentos semântico e sintático dos mesmos. Para tanto, analisamos o número de argumentos que cada verbo toma para ter o seu sentido saturado, testamos seu aspecto lexical, seu comportamento em relação à inacusatividade, a participação em alternâncias verbais (como *o vento balançou a cortina/ a cortina balançou*) e o componente semântico que cada verbo lexicaliza. Os testes de aspecto lexical e os de inacusatividade serão explicados, respectivamente, nos capítulos 2 e 3. Nesta seção explicaremos dois testes muito utilizados por nós: o de número de argumentos verbais e o teste que evidencia o componente semântico lexicalizado por cada verbo.

Para descobrirmos quantos argumentos um verbo necessita para saturar o seu sentido, partimos basicamente de dois testes. O primeiro deles consiste no apagamento de constituintes. Vejamos um exemplo:

- (17) a. O soldado hasteou a bandeira até o topo do mastro.
- b. O soldado hasteou a bandeira.
- (18) a. O Lúcio enviou um anel de diamantes para a Joana.
- b. ? O Lúcio enviou um anel de diamantes.

O verbo *hastear* na sentença em (17a) combina-se com basicamente três constituintes sintáticas: o SN sujeito, *o soldado*, o SN objeto direto, *a bandeira*, e o SP, *até o topo do mastro*. Contudo, esse último é omitido na sentença em (17b) sem que o sentido do verbo seja prejudicado, o que evidencia que *até o topo do mastro* é um adjunto e não um argumento verbal. Diferentemente, quando o SP, *para a Joana*, é omitido em (18b), a interpretação da sentença fica comprometida, o que é uma evidência de que ele é um argumento do verbo *enviar*, assim como o SN sujeito, *o Lúcio*, e o SN objeto direto, *um anel de diamantes*.

Um segundo teste que mostra o número de argumentos que um verbo toma para ter o seu sentido saturado é o proposto por Mito, Silva e Lopes (2007). Ele consiste na construção de uma sentença composta, formada pelo verbo *dizer* na oração principal e pelo verbo a ser testado na oração subordinada juntamente a um locativo. Verbos que não pedem um SP locativo como argumento, quando colocados nesse teste, formam sentenças ambíguas, uma vez que o locativo pode estar ligado ao verbo *dizer* ou ao verbo que está sendo testado.

(19) A Maria disse que o menino chegou na festa.

(20) A Maria disse que o João dançou na cozinha.

A sentença em (19) não é ambígua, de modo que temos apenas a leitura de que *na festa* é o local onde o menino chegou, o que mostra que o SP é argumento de *chegar*. Já a sentença em (20) apresenta duas leituras: uma de que o local onde a Maria disse que o João dançou foi na cozinha e outra de que a Maria disse que o local onde o João dançou foi na cozinha. Entretanto, esse teste funciona apenas com SPs encabeçados pela preposição *em*.

Através desses testes agrupamos em uma mesma classe os verbos que possuem o mesmo número de argumentos.

O teste que evidencia o componente semântico lexicalizado pelo verbo, por sua vez, foi proposto por Cançado e Amaral (no prelo). As autoras propõem, baseadas em Jackendoff (1990), que o componente semântico da raiz verbal pode ser expresso “por nomes ou adjetivos com sentido correlato ao do verbo, e que esses itens lexicais podem se expandir em sintagmas que apresentam alguns dos argumentos do verbo” (CANÇADO; AMARAL, no prelo, p. 178). Vejamos, por exemplo, o verbo *quebrar*. Ele é um verbo que lexicaliza que uma entidade muda de estado, passando de não quebrada para quebrada (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a). O sentido de *ficar estado* (PARSONS, 1990) é evidenciado pelo fato de esses verbos acarretarem uma sentença onde o verbo *ficar* faz a cópula do objeto

afetado pela ação com o adjetivo ou particípio verbal que denota o resultado expresso pelo verbo.

- (21) a. O menino quebrou o vaso de flor.  
b. † O vaso de flor ficou quebrado.

Agora peguemos como exemplo o verbo *correr*, analisado nesta pesquisa. Esse verbo aceita a presença de um SN cognato que denota um evento no mundo (AMARAL, 2013):

- (22) O atleta correu uma corrida perfeita.

Tal fato mostra que *correr* lexicaliza a realização de um evento no mundo.

De acordo com o resultado dos testes que aplicamos, conseguimos formar cinco classes distintas com 91 dos 150 verbos inicialmente coletados. A partir daí, atribuímos para cada classe uma estrutura lexical, buscando definir se predicados específicos que denotam movimento deviam estar presentes nas representações semânticas.

O uso de dados de intuição em nossa pesquisa se justifica pelo fato de necessitarmos manipular as sentenças com relação ao tempo, ao aspecto e ao número de argumentos que cada verbo apresenta. Como apontam Laporte (2008) e Cançado, Godoy e Amaral (2013a), por meio de sentenças construídas, podemos constatar o que é e o que não é permitido na língua, ou seja, podemos trabalhar com a evidência negativa, isto é, com sentenças agramaticais, fator que tem sua importância reconhecida desde Chomsky (1957). Através da evidência negativa, somos capazes de mostrar, por exemplo, que verbos do tipo *quebrar* exibem uma forma transitiva e uma intransitiva (*o menino quebrou o vaso/ o vaso quebrou*) enquanto o mesmo não ocorre para verbos do tipo *correr*, que só exibem uma forma intransitiva (*o atleta correu/ \*o treinador correu o atleta*). Tal fato seria impossível se nossa base para coleta de dados fosse um *corpus* com dados reais de fala.

Além disso, teríamos uma dificuldade enorme de encontrar em um *corpus* de língua real todos os verbos e sentenças que aqui utilizamos (CANÇADO, GODOY, AMARAL, 2013a). Não nos interessa, portanto, questões relacionadas à frequência de uso, à existência de variantes linguísticas nem às funções comunicativas da linguagem, uma vez que acreditamos que esses fatores não influenciam na relação semântico-sintática dos itens verbais.

Tendo delineado os passos que seguimos em nossa pesquisa, passemos, pois, para a explicitação do referencial teórico utilizado.

## **CAPÍTULO 2: REFERENCIAL TEÓRICO**

Segundo Cançado e Amaral (no prelo), a Semântica Lexical pode ser definida como o estudo do significado dos itens lexicais sob a ótica da Semântica Representacional, uma vez que relaciona a língua às representações mentais. Essa área de estudo pode ser dividida em dois grandes campos: a Semântica Lexical, que surgiu com a Linguística Estruturalista e trata do sentido das palavras e das possíveis relações existentes entre eles, valendo-se de conceitos como metáfora, metonímia, sinonímia, antonímia, hiponímia, meronímia, traços semânticos (teoria dos protótipos), entre outros; e a Semântica Lexical, também conhecida como Interface Sintaxe-Semântica Lexical, que surgiu com os trabalhos de Fillmore (1968, 1970, 1971) e que busca determinar quais propriedades semânticas influenciam/ determinam a sintaxe sentencial. Os estudos nessa linha de pesquisa focam na análise dos itens predicadores, mais especificamente dos verbos, sob três perspectivas principais: papéis temáticos, aspecto lexical e estruturas de decomposição de predicados.

Esta dissertação se encaixa dentro da linha de pesquisa da Interface Sintaxe-Semântica Lexical. Neste capítulo, explicamos a noção de aspecto lexical, uma vez que esse será utilizado como um teste para a divisão dos verbos de movimento em classes verbais. Também explicitamos o papel do léxico na Interface Sintaxe- Semântica Lexical, assim como o funcionamento da linguagem de decomposição de predicados primitivos e as vantagens de sua utilização em relação ao uso de uma linguagem de representação do significado dos itens verbais por meio de grades temáticas.

### **2.1 O léxico**

Segundo Wunderlich (2006), o léxico pode ser definido como um componente da competência linguística do falante que lhe permite produzir e compreender as sentenças de uma língua.

Durante muito tempo, o léxico foi tratado como um simples repositório de palavras, papéis temáticos e exceções gramaticais, enquanto a gramática consistia (e ainda consiste, para algumas teorias, principalmente as de cunho gerativista) em um sistema computacional que determina os princípios de combinação de palavras para que sejam formadas sentenças.

Na Linguística Estruturalista, por exemplo, Bloomfield (1933, p.274) propõe que “o léxico é um apêndice da gramática, uma lista de irregularidades básicas” e que os morfemas, não as palavras, são relevantes para a sua formação:

a formação de classes de palavras em inglês é, na maioria das vezes, arbitrária: não há nada que nos diga que *homem, menino, rapaz, filho, pai* são substantivos masculinos, que *correr, incomodar* são verbos, que *triste, vermelho, verde* são adjetivos, e assim por diante. Desse modo, as classes dos morfemas também são determinadas arbitrariamente. Uma descrição completa de uma língua deve listar cada forma cuja função não é determinada pela estrutura; isso incluirá, portanto, um *léxico*, ou lista de morfemas, que vai indicar a classe de cada morfema e listar todas as formas complexas cuja função é irregular.<sup>4</sup>

(BLOOMFIELD, 1933, p. 269)

Portanto, o léxico estruturalista é o domínio das irregularidades linguísticas, enquanto a gramática é responsável pelos aspectos regulares da língua. Também é importante mencionar que, para os estruturalistas, o léxico não se equivale ao vocabulário da língua, uma vez que os aspectos regulares do vocabulário não pertencem ao léxico, mas sim à gramática e mais especificamente à morfologia, que é tratada como o sistema de regularidades das estruturas das palavras.

Já na Gramática Gerativa, o trabalho seminal de Chomsky (1957) não lida diretamente com a noção de léxico, mas faz uma série de considerações que são importantes para a definição do mesmo. A gramática, para o autor, é uma espécie de máquina que transforma um *input* abstrato em um *output* fonologicamente concreto. A gramática, portanto, é derivacional e transformacional, rompendo com a postulação *behaviourista* e estruturalista de que adquirimos a língua através de uma conexão entre estímulo e resposta. Chomsky propõe que o módulo central da gramática é a sintaxe e que a noção linguística central é a palavra, deixando, assim, a morfologia, que era foco dos estudos estruturalistas, de lado. No Modelo Padrão, Chomsky (1965) propõe a distinção entre estrutura profunda, alvo da interpretação semântica, e estrutura superficial, alvo da interpretação fonológica. Nesse modelo, juntamente com as regras de estruturação sintagmática, há o léxico, que é visto como uma lista de entradas lexicais com traços fonológicos e sintáticos:

---

<sup>4</sup> Do original: “The form-classes of English words are largely arbitrary: there is nothing to tell us that *man, boy, lad, son, father* are male nouns, that *run, bother* are verbs, that *sad, red, green* are adjectives, and so on. In particular, of course, the form-class of every morpheme is arbitrarily determined. A complete description of language will list every form whose function is not determined either by structure or by a marker; it will include, accordingly, a *lexicon*, or list of morphemes, which indicates the form-class of each morpheme, as well as lists of all complex forms whose function is in any ways irregular.” (tradução nossa)

[...] a base da gramática irá conter um léxico, o qual é uma simples lista desordenada dos constituintes lexicais. Mais precisamente, o léxico é um conjunto de entradas lexicais, cada uma com um par (*D*, *C*), onde *D* corresponde aos traços fonológicos distintivos de um item lexical na matriz ‘*spelling*’ e *C* é o conjunto de traços sintáticos desse item.<sup>5</sup> (CHOMSKY, 1965, p. 84)

Porém, no que diz respeito ao conteúdo do componente lexical, Chomsky (1965) adere à visão de Bloomfield (1933), assumindo que todas as idiosincrasias encontram-se especificadas no léxico.

No clássico *Remarks on Nominalization*, Chomsky (1970) propõe a Hipótese Lexical, segundo a qual os processos derivacionais de formação de palavras ocorrem no léxico e não durante as transformações sintáticas, apontando, assim, para a existência de regras lexicais. Contudo, no atual Programa Minimalista, o autor abandona completamente a hipótese da existência de regularidades no léxico, de modo que esse volta a ser visto como um estoque de palavras com seus traços fonológicos e sintáticos que entram no sistema computacional para que sejam checados.

No entanto, a importância do léxico para as teorias linguísticas tem se tornado cada vez mais clara, de modo que abordagens lexicalistas estão mais presentes nas discussões sobre a aquisição do nosso conhecimento linguístico, como pode ser visto em Fillmore (1970, 1971), Fillmore, Kay e O’ Connor (1988), Kiparsky (1982, 1985), Pinker (1989), Jackendoff (1983, 1990), Levin (1993), Levin e Rappaport Hovav (1992, 1995, 2005, dentre outros trabalhos), Pustejovsky (1995), Wunderlich (1997, 2012), Cançado e Godoy (2012), Cançado, Godoy e Amaral (2013a), entre outros.

Levin (1993) e Levin e Rappaport Hovav (2005) propõem que o conhecimento que um falante tem sobre os itens lexicais, como os verbos, por exemplo, sugere que o léxico é um componente da gramática organizado e sistematizado, na medida em que um falante de uma determinada língua é capaz de fazer julgamentos sobre a ocorrência dos verbos, a possível combinação de seus argumentos e adjuntos, e a sua participação em alternâncias verbais<sup>6</sup>.

Assim, um falante do PB, por exemplo, sabe que um verbo como *quebrar* pede dois argumentos (alguém que age ou uma causa e algo que é quebrado), aceita um instrumento

---

<sup>5</sup> Do original: “[...] the base of the grammar will contain a *lexicon*, which is simply an unordered list of all lexical formatives. More precisely, the lexicon is a set of *lexical entries*, each lexical entry being a pair (*D*, *C*), where *D* is a phonological distinctive feature matrix ‘*spelling*’ a certain lexical formative and *C* is a collection of specified syntactic features.” (tradução nossa)

<sup>6</sup> Por alternância verbal entendemos qualquer forma de reorganização da expressão dos argumentos de um verbo (LEVIN, 1993; CANÇADO, 2010).

como adjunto (*Pedro quebrou a vidraça da janela com um martelo*) e participa de certas alternâncias como a passiva (*A vidraça da janela foi quebrada por Pedro*) e a incoativa<sup>7</sup> (*A vidraça da janela (se) quebrou*). Em contrapartida, sabe que um verbo como *chicotear*, apesar de também possuir dois argumentos, aceitar um instrumento como adjunto (*O fazendeiro chicoteou o empregado com um chicote de espinhos*) e ocorrer na forma passiva (*O empregado foi chicoteado pelo fazendeiro*), não participa da alternância causativo-incoativa (*\*O empregado (se) chicoteou*).

Desse modo, como apontamos anteriormente, a partir de vários trabalhos realizados na segunda metade do século XX, foi atribuído um papel de destaque ao léxico nos modelos de gramática, uma vez que ele passou a ser visto como um constituinte estruturado e deixou de ser tratado como um simples repositório de papéis temáticos e de certas exceções gramaticais.

Dentre as linhas de pesquisa que defendem a existência de um léxico organizado, podemos destacar a Interface Sintaxe-Semântica Lexical, linha na qual o nosso trabalho se insere. Na próxima seção, faremos uma breve apresentação dessa linha de pesquisa.

## 2.2 Interface Sintaxe-Semântica Lexical

A Interface Sintaxe-Semântica Lexical pode ser definida, grosso modo, como o estudo de como o significado dos itens lexicais é estruturado, de modo que possa motivar a sintaxe. Dessa forma, segundo Beavers (2014), algumas questões básicas a que os semanticistas lexicais procuram responder são as seguintes: (i) o que é o significado de uma palavra? (ii) ele é algo atômico ou decomponível? (iii) se decomponível, quais são os seus subcomponentes relevantes gramaticalmente e como eles se combinam para formar o significado?. O autor ainda aponta que os pesquisadores dessa área geralmente seguem os seguintes passos metodológicos: (i) identificar classes de palavras; (ii) identificar comportamentos sintáticos compartilhados pelas palavras de uma mesma classe; (iii) identificar componentes do significado lexical que influenciam a variação gramatical.

De acordo com Levin e Rappaport Hovav (2005), desde a década de 1980, muitas teorias da gramática têm sido construídas baseadas no pressuposto de que a realização sintática dos argumentos verbais é motivada pela semântica do verbo (CANÇADO, 2005,

---

<sup>7</sup> É importante ressaltar que a alternância causativo-incoativa se difere da transitivo-intransitiva. Essa última é uma alternância sintática (*Ana sacudiu a toalha./ A toalha sacudiu*), enquanto a denominação causativo-incoativa é uma denominação semântica para um tipo de alternância transitivo-intransitiva que ocorre apenas com verbos de mudança de estado, como *João quebrou o vaso/ O vaso (se) quebrou*. (AMARAL, 2010; AMARAL, 2015).

2010; CANÇADO; GODOY, 2012; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, 1995, e trabalhos subsequentes; PINKER, 1989; WUNDERLICH, 1997, 2012; entre outros). Essas teorias são chamadas de teorias de projeção (LEVIN E RAPPAPORT HOVAV, 2005), pois assumem que a realização dos argumentos na sintaxe é uma projeção das propriedades lexicais dos verbos, que são de natureza semântica.

Assim, o objetivo das teorias da Interface Sintaxe-Semântica Lexical que assumem essa hipótese é propor representações semânticas para os verbos que possam servir de base para a explicação de sua sintaxe. São de grande importância nessa linha de pesquisa os estudos sobre as classes verbais e as representações semânticas dos verbos, também chamadas de representações lexicais.

### 2.2.1 Classes verbais

É consensualmente assumido que apenas algumas partes do significado de um verbo são relevantes para a realização de seus argumentos (JACKENDOFF, 1990; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; PINKER, 1989; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1988; entre outros). Esses componentes semânticos do verbo relevantes gramaticalmente são isolados a partir de uma observação minuciosa do comportamento sintático verbal, de modo que verbos que apresentam a mesma sintaxe devem possuir os mesmos componentes semânticos.

Grimshaw (2005), *apud* Cançado, Godoy, Amaral (2013a), por exemplo, aponta que, apesar de o inglês possuir muitos verbos relacionados com a noção de cor (*paint* ‘pintar’, *color* ‘colorir’, *bleach* ‘corar’, *redde* ‘avermelhar’ e *stain* ‘manchar’) não há nada particular na realização de seus argumentos que faça com que eles possam ser agrupados em uma mesma classe verbal. Do mesmo modo, Pesetsky (1995), (também *apud* CANÇADO; AMARAL; GODOY, 2013a) mostra que não há diferenças sintáticas entre verbos que denotam emissão de sons altos (*bellow* ‘berrar’, *shout* ‘urrar’) e verbos que denotam emissão de sons baixos (*whisper* ‘sussurrar’, *murmur* ‘murmurar’). No entanto, segundo o autor, a distinção entre verbos que denotam a maneira de falar (*sussurrar*, *murmurar*, *berrar* e *urrar*) e verbos que denotam um conteúdo de fala (*say* ‘dizer’, *speak* ‘falar’, *propose* ‘propor’) é relevante para a classificação dos verbos em classes verbais, uma vez que, no inglês, apenas os verbos do segundo tipo aceitam um complemento sentencial, como em *Mary said that she is angry* ‘Mary falou que ela está furiosa’, mas não *\*Mary whispered that she is angry* ‘Mary sussurrou que ela está furiosa’ (CANÇADO, GODOY, AMARAL, 2013a).

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Godoy (2009) mostra que no PB há um agrupamento de verbos que acarretam a propriedade semântica *ter boca* para o argumento externo. São verbos como *beijar*, *gritar*, *beber*, *bocejar*, *falar* e *assoviar*. No entanto, esses verbos não formam uma classe verbal, pois apresentam tanto comportamentos sintáticos distintos, quanto outras propriedades semânticas distintas. Por exemplo, apenas o verbo *beijar* ocorre na construção reflexiva (*Ana se beijou*). *Gritar*, *bocejar* e *assoviar* são intransitivos (*Carolina gritou sem parar/ Felipe bocejou durante a aula/ Henrique assoviou durante todo o jogo*), enquanto *beber* e *beijar* são transitivos (*Ricardo bebeu um copo de leite/ Joana beijou Marcos*). Do ponto de vista aspectual, *assoviar*, *gritar* e *bocejar* são verbos de atividade<sup>8</sup>, enquanto *beber* é um verbo de *accomplishment*. Portanto, a autora conclui que *ter boca* não é uma propriedade semântica relevante para a classificação dos verbos.

Outra propriedade semântica também muito estudada na literatura é o fato de um verbo atribuir ao seu argumento interno o papel temático de Paciente. Peguemos como exemplo o verbo *chicotear*. Ele possui um argumento interno que sofre uma ação, o que poderia nos levar a classificá-lo juntamente com outros verbos que também atribuem o papel de Paciente para o seu argumento interno, como é o caso do verbo *quebrar*:

- (23) a. O fazendeiro chicoteou o empregado.  
 b. \*O empregado (se) chicoteou. (agramatical na leitura incoativa)
- (24) a. Maria quebrou a taça de cristal.  
 b. A taça de cristal (se) quebrou. (leitura incoativa)

Apesar de ambos os verbos atribuírem o papel temático de Paciente para o seu argumento interno, apenas *quebrar* participa da alternância causativo-incoativa, o que faz com que *atribuir o papel temático de Paciente para o argumento interno* não seja uma propriedade semântica suficiente para agrupar verbos em uma classe.

De fato, não são todas as propriedades semânticas dos verbos que são relevantes para a formação de uma classe verbal que compartilhe os mesmos comportamentos sintáticos. Vejamos o caso da alternância causativo-incoativa no PB:

- (25) a. Maria quebrou a taça de cristal.  
 b. A taça de cristal (se) quebrou.

---

<sup>8</sup> Explicaremos a noção de aspecto lexical na seção 2.5.

- (26) a. O juiz legalizou a situação do casal.  
b. A situação do casal (se) legalizou.
- (27) a. O fazendeiro chicoteou o empregado.  
b. \*O empregado (se) chicoteou.
- (28) a. O Ronaldo comprou uma chácara.  
b. \*Uma chácara comprou.

Cançado, Godoy e Amaral (2013a) propõem que os verbos que participam da alternância causativo-incoativa compartilham o sentido de mudança de estado (PARSONS, 1990), de modo que todos acarretam *tornar-se/ ficar estado*:

- (29) a. Maria quebrou a taça de cristal.  
b. A taça de cristal tornou-se/ ficou quebrada.
- (30) a. O juiz legalizou a situação do casal.  
b. A situação do casal tornou-se/ ficou legal.
- (31) a. O fazendeiro chicoteou o empregado.  
b. \*O empregado tornou-se/ ficou chicoteado.
- (32) a. O Ronaldo comprou uma chácara.  
b. \*A chácara tornou-se/ ficou comprada.

Como podemos ver em (31) e em (32), os verbos *chicotear* e *comprar* não acarretam que os seus respectivos argumentos internos mudam ou ficam em um determinado estado, o que faz com que não aceitem a forma incoativa (31b; 32b). Assim, segundo as autoras, o que determina a possibilidade de um verbo participar da alternância causativo-incoativa é o fato de ele possuir o sentido de mudança de estado, de modo que todos os verbos que compartilham esse componente semântico formam uma única classe verbal.

Vejamos agora a propriedade semântica *movimento*, que é o tema de nosso trabalho. Podem ser considerados verbos que denotam movimento *entrar*, *correr* e *balançar*. Contudo, verbos que acarretam movimento se comportam sintaticamente diferente, como argumentam Levin e Rapaport-Hovav (1992):

- (33) a. A cortina balançou (com o vento).  
b. O vento balançou a cortina.
- (34) a. João correu.

- b. \*O treinador correu o João.
- (35) a. O menino entrou na sala de aula.
- b. \*A professora entrou o menino na sala de aula.
- c. O menino entrou. (gramatical apenas com leitura dêitica<sup>9</sup>)

A partir dos exemplos dados de (33) a (35), vemos que os três verbos se comportam de maneiras diferentes: *balançar* possui uma forma intransitiva e uma transitiva direta; *entrar* possui apenas uma forma transitiva indireta, não aceitando o apagamento do sintagma preposicionado; por fim, *correr* possui apenas uma forma intransitiva.

Segundo Levin e Rappaport-Hovav (1992), apenas verbos de movimento inacusativos e que possuem o aspecto lexical de atividade participam da alternância transitivo-intransitiva, como é o caso de *balançar*, enquanto verbos de movimento inergativos, como *correr*, e verbos de movimento que são inacusativos, mas possuem o aspecto lexical de *achievement*, como *entrar*, não realizam tal alternância. Isso nos mostra que *balançar*, *correr* e *entrar* pertencem a classes verbais distintas, o que já evidencia que *movimento* não é uma propriedade semântica relevante para a divisão dos verbos em classes.

Tendo visto a noção de classe verbal e de propriedade semântica relevante sintaticamente, passemos agora para uma breve explicação sobre como são compostas as estruturas semânticas dos verbos e qual a melhor maneira de representá-las.

### 2.3 Representações semânticas

Pinker (1989) afirma que a entrada lexical de um verbo especifica uma associação entre suas informações morfológica, fonológica, sintática e semântica. Por informação morfológica entende-se o conjunto de morfemas que compõem o verbo, enquanto a informação fonológica corresponde ao som desses morfemas. A informação sintática é conhecida como estrutura argumental do verbo e traz a especificação das propriedades sintáticas de seus argumentos. Por fim, a informação semântica diz respeito ao significado verbal e é conhecida como estrutura semântica.

Semelhantemente, Rappaport Hovav e Levin (1988) e Rappaport Hovav, Laughren e Levin (1993) propõem que na informação lexical dos verbos existem dois níveis de

---

<sup>9</sup> Entendemos por leitura dêitica quando a sentença é compreensível somente se interpretarmos que o evento de *entrar* ocorre no local onde se encontra o falante que a proferiu.

representação: a *Lexical Conceptual Structure* (LCS)<sup>10</sup>, que corresponde ao nível semântico, e a estrutural argumental, que corresponde ao nível sintático. O nível sintático traz a informação de quantos argumentos um predicado requer e a LCS expressa qual é o tipo de relação semântica entre o verbo e seus argumentos. No entanto, nesta dissertação, assumiremos, de acordo com as propostas de Cançado e Godoy (2012) e de Cançado, Godoy e Amaral (2013a), que o nível semântico é a própria estrutura argumental. Assim, os termos *estrutura argumental*, *estrutura semântica/lexical*, *representação semântica/lexical* são equivalentes.

Seguindo as autoras, partimos do pressuposto de que a estrutura argumental de um verbo deve conter a representação do significado verbal associada à realização de seus argumentos. Como vimos, os verbos podem ser agrupados em classes verbais de acordo com propriedades semânticas que são relevantes para o seu comportamento sintático. Desse modo, podemos falar tanto da estrutura argumental de cada verbo, quanto da estrutura argumental que representa toda uma classe. À estrutura recorrente de uma classe Rappaport-Hovav e Levin (1988) dão o nome de *template*; é essa estrutura que carrega as informações que são compartilhadas entre os verbos. O *template* de uma classe verbal está associado com a relação semântica que os verbos estabelecem com seus argumentos, com o aspecto lexical e também com os seus comportamentos sintáticos (BEAVERS, 2014).

Embora haja o consenso de que a estrutura semântica de um verbo deva representar a sua relação com os seus argumentos, muitas propostas discutem qual a melhor maneira de fazê-lo. Alguns pesquisadores, seguindo o trabalho pioneiro de Fillmore (1968), propõem que essa representação deve ser feita através de uma lista de papéis temáticos. Assim, o verbo *quebrar*, por exemplo, possuiria a seguinte estrutura argumental:

(36) a. *quebrar* (causativo): {Agente, Paciente}

Sara quebrou a xícara.

b. *quebrar* (não-causativo): {Paciente}

A xícara quebrou

(RAPPAPORT HOVAV; LAUGHREN; LEVIN, 1993, p. 44)

Outros pesquisadores, incluindo Jackendoff (1983, 1990), Pinker (1989), Levin e Rappaport Hovav (2005 e demais trabalhos), entre outros, adotam uma representação envolvendo a decomposição do significado verbal em predicados primitivos que se combinam

---

<sup>10</sup> Levin e Rappaport Hovav (2011) apontam que o termo *Lexical Conceptual Structure* encontra-se atualmente em desuso.

para compor o sentido do verbo. Verbos que pertencem à mesma classe possuem os mesmos predicados em sua decomposição. Desse modo, uma possível representação do verbo *quebrar* através da linguagem de decomposição de predicados seria:

(37) a. *quebrar* (causativo): [x cause [y become BROKEN]]

b. *quebrar* (não-causativo): [y become BROKEN]

(RAPPAPORT HOVAV; LAUGHREN; LEVIN, 1993, p. 44)

Hoje é assumido que o significado verbal é mais bem representado através da decomposição de predicados (DOWTY, 1979; JACKENDOFF, 1983, 1990; PINKER, 1989; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995, 2005; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1988; BEAVERS, 2010; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a). Uma estrutura de decomposição de predicados apresenta mais informações a respeito do verbo do que uma grade temática, uma vez que a primeira traz, além da relação semântica entre o verbo e seus argumentos, informações do evento como um todo<sup>11</sup>. Nas representações em (37), por exemplo, podemos tirar as informações de que o verbo *quebrar* é biargumental em sua forma causativa e monoargumental na não-causativa. Sabemos que ambas as formas do verbo denotam uma mudança e que essa mudança é para o estado *quebrado*. Além disso, podemos derivar os papéis temáticos de Agente e Paciente das estruturas, de modo que x é o Agente e y, o Paciente.

Cançado, Godoy e Amaral (2013a,b), baseadas em Dowty (1979), ainda propõem que podemos derivar o aspecto lexical das estruturas de decomposição de predicados. Assim, (37a) possui o aspecto lexical de *accomplishment* e (37b), que é a forma incoativa do verbo, de *achievement*.

Outra vantagem em se utilizar a decomposição de predicados para a representação do sentido verbal é que, através dessa linguagem, conseguimos delimitar a estrutura comum de uma classe e aquilo que é particular de cada verbo. Em (23a, b), os predicados *cause* e *become* são as partes do sentido recorrentes em todos os verbos pertencentes à classe de *quebrar*. Já BROKEN é a raiz, ou seja, o sentido idiossincrático do verbo. Nesta pesquisa, adotamos a decomposição de predicados como forma de representar o sentido lexical dos verbos e apresentamos detalhadamente essa metalinguagem na próxima seção.

---

<sup>11</sup> Para uma visão mais detalhada sobre as vantagens do uso da linguagem de decomposição de predicados na representação lexical, ver Levin e Rappaport Hovav (2005), Beavers (2010) e, para análises do português, ver Cançado, Godoy e Amaral (2013a,b) e Meirelles (2013b).

## 2.4 A linguagem de decomposição de predicados

Seguindo a explicação de Cançado e Amaral (no prelo), os estruturalistas foram os primeiros linguistas a perceberem que os itens lexicais podiam ser decompostos em unidades menores de sentido, chamadas de *traços semânticos*. Esse tipo de decomposição ficou conhecido como análise componencial. Nessa análise, o sentido dos itens lexicais pode ser decomposto em traços semânticos como, por exemplo, a palavra *ave* pode ser decomposta nos seguintes traços: [+animado, +bípede, +ovíparo, +voador] (CANÇADO; AMARAL, no prelo, p. 13).

A Semântica Gerativa, baseada na abordagem componencial estruturalista, também assume que o significado dos itens lexicais e das sentenças é decomponível. Contudo, contrariamente aos estruturalistas, os semanticistas gerativos passaram a interpretar os traços semânticos como predicados, no sentido da lógica de predicados. Porém, ao invés de utilizarem a representação linear da lógica, valeram-se de representações arbóreas, como explicam Cançado e Amaral (no prelo). Assim, “a estrutura profunda da gramática, que na abordagem chomskyana tinha motivação sintática, passou a ser considerada como uma representação da estrutura semântica” (CANÇADO; AMARAL, no prelo, p. 162).

Foi a partir da Semântica Gerativa que se perpetuou a ideia de que o significado dos verbos pode ser decomposto em elementos básicos, como os predicados primitivos. Entretanto, Cançado e Amaral (no prelo) apontam que é importante realçar que os predicados primitivos, como utilizados hoje, “são elementos de natureza predicativa que fazem parte do sentido dos verbos e não elementos de uma estrutura profunda a partir da qual itens lexicais são gerados” (CANÇADO; AMARAL, no prelo, p. 164).

Dessa forma, a decomposição de predicados primitivos é uma linguagem e um método de descrição semântica que parte do pressuposto de que o significado, de uma palavra ou sentença, se constitui de partes que se combinam<sup>12</sup>, podendo ser utilizada por diversas teorias que tratem de problemas semânticos em geral (CANÇADO; AMARAL, no prelo). Ela foi proposta originalmente no âmbito da Semântica Gerativa, na década de 60, por autores como Lakoff (1970), McCawley (1968), Morgan (1969) e Ross (1972) e é utilizada atualmente para a representação do sentido lexical dos verbos (CANÇADO, 2010; CANÇADO; GODOY, 2012; CANÇADO; GODOY, AMARAL, 2013a; DOWTY, 1979; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992 e trabalhos subsequentes; WUNDERLICH, 1997, 2012; dentre outros).

---

<sup>12</sup> Difere-se, portanto, do trabalho de Fodor (1970), que propõe uma visão unitária do significado.

Morgan (1969), por exemplo, argumenta que uma sentença como a apresentada em (38) é ambígua, o que seria uma evidência da existência de diferentes elementos semânticos básicos no sentido do verbo:

(38) Eu quase matei o João.<sup>13</sup> (MORGAN, 1969, p. 62)

Essa sentença possui duas leituras possíveis: uma de que o participante denotado pelo sujeito apenas pensou em matar João, mas não o fez, ou que iniciou a ação de matar João, mas não a concluiu. O autor explicita essas duas interpretações através das seguintes sentenças:

(39) O que eu quase fiz foi matar João.

(40) O que eu fiz foi quase matar João.<sup>14</sup> (MORGAN, 1969, p. 63)

Assim, Morgan (1969) conclui que o verbo *matar* pode ser dividido em partes menores de sentido (“predicados internos”), sobre as quais o advérbio *quase* tem escopo. Isso fez os semanticistas gerativos derivarem o verbo *kill* ‘matar’ da seguinte decomposição de predicados, que equivaleria à estrutura profunda do verbo: [CAUSE DIE] (FODOR, 1970).

Levin e Rappaport Hovav (2005) argumentam que a decomposição de predicados é uma representação do sentido verbal em termos de um ou mais primitivos que representam os componentes de significado que são comuns entre um grupo de verbos. Elas dão o seguinte exemplo, baseadas em Lakoff (1965), para evidenciar a existência de primitivos básicos no sentido dos verbos:

(41) a. Marshall esfriou a sopa.

b. A sopa esfriou.<sup>15</sup> (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005, p. 69)

As autoras afirmam que ambas as formas do verbo *esfriar* apresentam o acarretamento de que a sopa ficou fria, de modo que as restrições seletivas para o objeto da forma transitiva são as mesmas para o sujeito da forma intransitiva. Isso nos mostra que essas

---

<sup>13</sup> Do original: “I almost Killed John.”(tradução nossa)

<sup>14</sup> Do original: “What I almost did was kill John/ what I did was almost kill John.” (tradução nossa)

<sup>15</sup> Do original: “Marshall cooled the soup/ the soup cooled.” (tradução nossa)

formas compartilham um componente de significado, alguma coisa como ‘<sub>BE</sub> COOL’ (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005, p. 69).

Wunderlich (2012), por sua vez, argumenta que até mesmo itens lexicais não predicadores possuem uma complexidade interna. Segundo o autor, palavras como *cabana*, *castelo*, *palácio* e *alojamento* possuem o conceito de *casa* como um de seus componentes. Do mesmo modo, a palavra *bachelor* ‘bacharel’, do inglês, inclui os seguintes traços semânticos na composição de seu significado: *adulto*, *homem* e *solteiro*.

Beavers (2010) aponta quatro vantagens do uso da decomposição de predicados: os eventos podem ser decompostos em subeventos; apenas informações semânticas relevantes para a sintaxe são representadas na decomposição de predicados; os predicados primitivos determinam a correlação semântica com os seus argumentos assim como prevêm a posição desses na sintaxe; algumas decomposições de predicados correspondem às classes aspectuais, mostrando como o significado aspectual é construído.

Pegemos como exemplo a representação do verbo *dry* ‘secar’, proposta por Levin e Rappaport Hovav (2005, p. 71):

(42) *dry*: [[ X ACT] CAUSE [ Y BECOME <DRY>]]

A estrutura de decomposição de predicados em (42) nos mostra que há uma relação entre dois subeventos e também nos mostra que o evento, como um todo, possui o aspecto lexical de *accomplishment*, pois apresenta um início, um desenrolar e um ponto final da ação. Essa estrutura também nos mostra que o verbo em questão é transitivo, tendo seus dois argumentos representados por X e Y. As informações relevantes para o agrupamento dos verbos em classes e também para a sintaxe verbal são os metapredicados ACT, CAUSE, BECOME e a categoria ontológica da raiz <DRY>, que é um estado. O conteúdo específico da raiz representa aquilo que é idiossincrático de cada verbo, ou seja, o seu sentido particular, que não é dividido com os demais verbos da classe.

Rappaport Hovav e Levin (1998) assumem que a Gramática Universal traz um inventário das estruturas semânticas de cada classe verbal. Essa estrutura é dada através da combinação de vários predicados primitivos ou metapredicados, os quais correspondem ao conhecimento que um falante possui sobre os diversos tipos de eventos.

Os metapredicados mais utilizados na literatura são os seguintes: **BECOME** (MCCAWLEY, 1968; LAKOFF, 1970; DOWTY, 1979; PARSONS, 1990; dentre outros), **CAUSE** (PINKER, 1989; DOWTY, 1979; PARSONS, 1990; PUSTEJOVSKY, 1995;

WUNDERLICH, 1997, 2012; dentre outros), **ACT** (ROSS, 1972; DOWTY, 1979; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; WUNDERLICH, 2012, dentre outros), **DO** (ROSS, 1972; DOWTY, 1979), **AFFECT** (JACKENDOFF, 1990), **MOVE** (JACKENDOFF, 1990), **GO** (JACKENDOFF, 1990; PINKER, 1989), **WITH** (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005, dentre outros) e **IN** (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005, dentre outros).

Além dos metapredicados, existem as raízes. Essas carregam o sentido idiossincrático dos verbos e podem ser argumentos de predicados, como <*STATE*> (MCCAWLEY, 1968; LAKOFF, 1970; DOWTY, 1979, PARSONS, 1990; dentre outros), <*THING*> (CLARK; CLARK, 1979; HALE; KEYSER, 1993, 2002; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; WUNDERLICH, 2012) e <*PLACE*> (CLARK; CLARK, 1979; HALE; KEYSER, 1993, 2002; LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 2005; WUNDERLICH, 2012), ou modificadores de predicados, como é o caso das raízes <*MANNER*> (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, 2010) e <*INSTRUMENT*><sup>16</sup> (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998).

Em nossa pesquisa, adotaremos a linguagem de decomposição de predicados primitivos baseadas nos trabalhos de Levin e Rappaport Hovav (2005), de Rappaport Hovav e Levin (2010) e de Cançado, Godoy e Amaral (2013a). A sintaxe dessa linguagem se baseia na noção de predicados e argumentos da lógica. Os predicados são itens insaturados que tomam argumentos para completar o seu sentido. Vejamos, como exemplos, algumas estruturas propostas por Cançado, Godoy e Amaral (2013a), reformuladas por Cançado e Amaral (no prelo):

- (43) v: [[X ACT<sub>(VOLITION)</sub>] CAUSE [BECOME [Y <STATE>]]]  
 (44) v: [[X ACT<sub>(VOLITION)</sub>] CAUSE [BECOME [Y POSS <THING>]]]  
 (45) v: [[X ACT<sub>(VOLITION)</sub>] CAUSE [BECOME [Y LOC <THING>]]]

Nas estruturas acima, o predicado ACT toma apenas um argumento para ter o seu sentido saturado e esse deve ser um indivíduo ou uma eventualidade representada pela variável X. O primitivo CAUSE, que representa uma relação entre dois subeventos, toma dois argumentos desse tipo (subeventos) para ser saturado. O metapredicado BECOME pede um argumento composto (Cancado; Godoy; Amaral, 2013a), sendo este uma variável, geralmente

---

<sup>16</sup> Meirelles (2013a) e Meirelles e Cançado (2015) propõem que a raiz <*THING*> também funciona como modificador do metapredicado AFFECT.

Y, ligada a um estado que pode ser de três tipos: estado puro <STATE>, estado locativo [Y LOC <THING>] e estado possessivo [Y POSS <THING>]. Tanto o predicado POSS como o LOC tomam dois argumentos para terem seu sentido completo: a variável Y e a raiz <THING>. As raízes são sempre representadas entre colchetes angulados e em itálico, enquanto os colchetes delimitam os constituintes semânticos (CANÇADO; AMARAL, a no prelo). Ainda é importante ressaltar, segundo Cançado e Amaral (no prelo), que os predicados LOC e POSS e os seus complementos não serão representado na sintaxe por preposições e argumentos, no caso dessas classes, pois fazem parte do sentido do verbo, não correspondendo a constituintes sintáticos.

A estrutura em (43) é o *template* da classe dos verbos de mudança de estado opcionalmente volitivos, como *quebrar, abrir, fechar, acender, domesticar, hidratar*, etc. Cançado, Godoy e Amaral (2013a) listam 436 verbos pertencentes a essa classe e todos eles compartilham o sentido de *tornar-se estado* (PARSONS, 1990) e participam da alternância causativo-incoativa, como em *João quebrou o vaso/ o vaso quebrou*.

A estrutura em (44) representa os verbos de mudança de estado possessivo ou *locatum*, como *algemar, amordaçar, azulejar, coroar, cimentar, encapar*, etc. Fazem parte dessa classe 96 verbos que acarretam que o nome contido dentro do verbo passa a ficar em uma entidade Y: *o policial algemou o prisioneiro* | *o prisioneiro ficou com algemas*.

Por fim, (45) é o *template* da classe dos verbos de mudança de lugar ou *location*, como *enjaular, engarrafar, hospitalizar, ensacar, envelopar, enlatar*, etc. As autoras listam 15 verbos pertencentes a essa classe e todos eles denotam que o argumento interno do verbo muda de lugar, passando a ficar no local contido dentro do radical verbal: *o padeiro ensacou os pães* | *os pães ficaram no saco*.

Tendo visto como funciona a linguagem de decomposição em predicados primitivos, na próxima seção, trabalharemos o conceito de aspecto lexical.

## 2.5 Aspecto lexical

Na literatura linguística, o aspecto pode ser definido como o tempo não dêitico, uma vez que se refere ao tempo interno de uma determinada situação e está relacionado à maneira como esta se desenrola no decorrer do tempo (CANÇADO; AMARAL, no prelo). Tradicionalmente, o aspecto é dividido em dois tipos: gramatical e lexical. Nesta seção, trataremos apenas do aspecto lexical (*aktionsart*), com o intuito de mostrarmos os testes

aspectuais que utilizamos como uma das formas de agrupar os verbos de movimento do PB em classes.

Vendler (1967) foi o primeiro a propor as quatro classes aspectuais que utilizamos hoje: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*.

Os verbos de estado, segundo Smith (1997), não podem ser considerados como eventos, pois não possuem uma dinâmica interna, ou seja, não indicam um processo que se desenvolve no tempo. Apresentam um esquema temporal homogêneo, isto é, o valor de verdade de uma expressão será sempre o mesmo em todos os subintervalos desse evento. São considerados verbos de estado:

- (46) Sônia ama seus filhos.
- (47) Henrique tem um cachorrinho.
- (48) Luana sabe inglês.

Segundo Dowty (1979), um bom teste para diferenciar os estados das outras classes aspectuais é evidenciar que os verbos de estado não são dinâmicos. A dinamicidade é uma propriedade específica de predicados que descrevem uma sucessão de estágios ou um único estágio de um processo que se desenvolve no tempo. Os verbos de estado descrevem uma eventualidade<sup>17</sup> que não se altera num período de tempo. Portanto, a ideia é que os verbos estativos não são respostas adequadas à pergunta *o que aconteceu/ o que está acontecendo?*, como veremos a seguir:

- (49) A: O que aconteceu/ o que está acontecendo?  
B: \*Sônia amou/ está amando seus filhos.
- (50) A: O que aconteceu/ o que está acontecendo?  
B: \*Henrique teve/ está tendo um cachorrinho.
- (51) A: O que aconteceu/ o que está acontecendo?  
B: \*Luana soube/ está sabendo inglês.

Os verbos de atividade descrevem ações monoeventivas que se desenvolvem no tempo, sem ter um determinado ponto de conclusão. Vale dizer que são em grande parte agentivos e, assim como os verbos de estado, são homogêneos na medida em que qualquer de

---

<sup>17</sup> O termo *eventualidade* (BACH, 1986) será utilizado para descrever todas as categorias aspectuais, enquanto o termo *evento* será reservado para as categorias dinâmicas (*accomplishments*, *achievements* e atividades).

suas partes é da mesma natureza que o todo. Entretanto, contrariamente a esses últimos, as atividades caracterizam-se por serem dinâmicas. São exemplos de verbos de atividade:

- (52) Livia nada todos os dias.
- (53) Giuliano corre sempre.
- (54) Roberta dança muito bem.

Existe um importante teste na literatura, conhecido como acarretamento com progressivo ou paradoxo do imperfectivo, que é utilizado para diferenciar os verbos de atividade dos demais:

- (55) Livia estava nadando. ⊢ Livia nadou.
- (56) Giuliano estava correndo. ⊢ Giuliano correu.
- (57) Roberta estava dançando. ⊢ Roberta dançou.

Nos verbos de *accomplishment* (58) e *achievement* (59) não existe essa relação de acarretamento entre as sentenças, pois essas classes denotam eventos télicos, ou seja, que possuem um ponto final.

- (58) Ricardo estava construindo uma casa. ~ ⊢ Ricardo construiu uma casa.
- (59) O menino estava chegando em casa. ~ ⊢ O menino chegou em casa.

Wachowicz e Foltran (2006) propõem que os verbos que denotam *achievements*, quando utilizados no progressivo, expressam a eminência de uma ação. Assim, uma sentença como (59) nos transmitiria a ideia de que o menino está prestes a chegar em casa.

Os verbos de *achievement*, por sua vez, são monoeventivos e télicos, descrevendo eventos que não se desenvolvem no tempo, ou seja, que são pontuais:

- (60) O homem morreu.
- (61) A banana amadureceu.
- (62) O menino chegou em casa.

Como os verbos de *achievement* descrevem um evento que já se inicia no seu ponto de culminação, esse evento não pode ser interrompido, de modo que temos sentenças agramaticais quando combinamos verbos desse tipo com a expressão *parar de* (Dowty, 1979):

- (63) \*O homem parou de morrer.
- (64) \*A banana parou de amadurecer.
- (65) \*O menino parou de cair<sup>18</sup>.

Por fim, os verbos de *accomplishment* caracterizam-se por serem verbos bieventivos e télicos, ou seja, por indicarem uma ação que se desenvolve no tempo e possui um ponto de culminação. São exemplos desses verbos:

- (66) Ricardo construiu uma casa.
- (67) Ana quebrou a taça de cristal.
- (68) A mãe encapou o caderno da filha.

Por serem eventos complexos, os verbos que denotam *accomplishments* formam sentenças ambíguas quando combinados com o advérbio *quase* (DOWTY, 1979):

- (69) Ricardo quase construiu uma casa.
- (70) Ana quase quebrou a taça de cristal.
- (71) A mãe quase encapou o caderno da filha.

De acordo com Dowty (1979), os dois escopos do advérbio *quase* podem gerar as seguintes interpretações: (i) o agente apenas pensou em realizar uma determinada ação, mas não a fez; (ii) o agente começou a realizar uma determinada ação, mas não a terminou. Verbos de *achievement* e de atividade não apresentam ambiguidade de interpretação com *quase*.

Além disso, ainda há um teste usado para diferenciar atividades de *accomplishments*. Os primeiros verbos, por serem atélicos, aceitam adjunções temporais do tipo *por/ durante x tempo*, enquanto os verbos de *accomplishment*, por serem durativos e télicos, aceitam adjunções do tipo *em x tempo*:

---

<sup>18</sup> Agramatical com a leitura de que o evento de *cair* foi interrompido.

- (72) Ricardo construiu uma casa em cinco meses/ \*por cinco meses.  
 (73) Giuliano correu por quarenta minutos/ \*em quarenta minutos.

Cançado e Amaral (no prelo), seguindo Smith (1997), propõem que um verbo pode mudar de classe aspectual quando alteramos algumas de suas propriedades sintáticas, passando de aspecto lexical básico, que lhe é inerente, a um aspecto derivado (aspecto da sentença), que depende das propriedades sentenciais. Vejamos como isso ocorre em alguns casos no PB, de acordo com as autoras:

Tipicamente os verbos de estados não ocorrem no progressivo, porém, quando isso é possível, a leitura não é de imperfectividade, mas sim de mudança de estado:

- (74) \*Henrique estava tendo um cachorrinho.  
 (75) Luana está sabendo inglês. (antes Luana não sabia inglês, mas agora sabe.)

Os verbos de atividade podem apresentar uma leitura de *accomplishment* quando atribuímos aos mesmos um ponto final, ou seja, telicidade:

- (76) Roberta dançou uma música.  
 (77) Lívia nadou três quilômetros.

O inverso ocorre com verbos de *accomplishment* quando apresentam objetos que denotam mais de uma entidade e estão no aspecto gramatical imperfectivo<sup>19</sup>.

- (78) Ricardo construía casas.  
 (79) Ana quebrava taças de cristal.

Os verbos de *achievement* podem se tornar de *accomplishment* quando adicionamos uma causa externa ao evento e o contrário ocorre quando expressamos apenas o ponto final do mesmo. Essa é a mudança aspectual que ocorre na alternância causativo-incoativa (CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a):

- (80) Ana quebrou a taça de cristal. (*accomplishment*)

---

<sup>19</sup> O aspecto gramatical imperfectivo é utilizado quando queremos descrever uma situação pelo ponto de vista interno, ou seja, quando desejemos retratar as partes constitutivas de uma determinada eventualidade.

(81) A taça de cristal quebrou. (*achievement*)

Verbos de *achievement* também podem receber uma leitura de atividade quando alteramos seu aspecto gramatical para formas imperfectivas, como pretérito imperfeito e presente:

(82) O menino chega tarde em casa todos os dias.

(83) O menino sempre chegava tarde em casa.

Além disso, alguns verbos de *achievement* também podem apresentar leitura de atividade quando combinados com a expressão *parar de*:

(84) O menino parou de cair. (essa sentença é gramatical em uma leitura habitual)

Tendo visto a definição e os tipos de aspectos lexicais, mostraremos brevemente como eles podem ser derivados a partir das estruturas de decomposição de predicados primitivos das classes verbais.

Segundo Pinker (1989, p. 197), “sempre que um verbo especifica múltiplos eventos, esses eventos mantêm uma relação de causação entre si<sup>20</sup>.” Além disso, Dowty (1979) propõe que todas as vezes que temos uma estrutura CAUSE/BECOME, trata-se de um evento que denota *accomplishment*.

Baseadas nessas informações, Cançado, Godoy e Amaral (2013b) mostram como podemos derivar o aspecto lexical de uma estrutura de decomposição de predicados. As autoras utilizam como exemplo a estrutura genérica dos verbos de mudança [[X] CAUSE [BECOME Y...]] e mostram que, através dela, podemos perceber que todos os verbos de mudança do PB (mudança de estado, mudança de lugar e mudança de posse) possuem dois subeventos que se relacionam por meio do metapredicado CAUSE.

Visto isso, acreditamos ter explicitado todo o arcabouço teórico que subjaz nossa pesquisa. Portanto, no próximo capítulo, apresentaremos como a propriedade semântica *movimento* é tratada na literatura.

---

<sup>20</sup> Do original: “Whenever a verb specifies multiple events, they stand in some causal relation to one another.” (tradução nossa)

### **CAPÍTULO 3: A PROPRIEDADE SEMÂNTICA *MOVIMENTO***

A propriedade semântica *movimento* tem sido objeto de estudo em diversos trabalhos com intuítos diferentes. Autores como Talmy (1985, 2000), Slobin (2004), Zlatev e Yangklang (2004), e Beavers, Levin e Tham (2010) analisam a relação que essa propriedade tem com a tipologia das línguas naturais. Trabalhos como os de Levin e Rappaport Hovav (1992), de Levin (1993) e de Jackendoff (1983, 1990) propõem divisões dos verbos de movimento em classes verbais de acordo com os componentes semânticos que lexicalizam. Por fim, estudos como os de Duarte (2003), de Levin e Rappaport Hovav (1992), de Eliseu (1984) e de Munhoz (2011) tratam da correlação dos verbos de movimento, mais especificamente daqueles que veiculam uma trajetória, com a inacusatividade.

Neste capítulo, tratamos da propriedade semântica *movimento* em todos esses aspectos, fazendo algumas considerações e análises que foram deixadas de lado por esses autores.

#### **3.1 Verbos de movimento e a tipologia de Talmy**

Talmy (1985, 2000) propõe que existe uma relação entre os elementos semânticos (domínio do significado) e os elementos sintáticos pertencentes ao domínio das “expressões de superfície” (TALMY, 1985) de uma língua. Elementos semânticos são *movimento*, *trajetória*, *figura*, *fundo*, *maneira* e *causa*, enquanto elementos sintáticos são verbos, adposições, orações subordinadas e aquilo que o autor caracteriza como “satélite” e que definiremos mais adiante. Talmy (*op.cit.*) afirma que os elementos semânticos são codificados através dos sintáticos, mas que essa relação não é necessariamente um-para-um, de modo que dois ou mais elementos semânticos podem ser expressos por um mesmo elemento sintático e diferentes elementos sintáticos podem conter um mesmo elemento semântico.

A partir daí, o autor elege os verbos, mais especificamente aqueles que codificam um evento de movimento, como elemento sintático a ser estudado com o intuito de analisar, baseado no fato de que a relação semântica-sintaxe não é um-para-um, quais outros elementos semânticos podem ser lexicalizados<sup>21</sup> juntamente com o movimento.

---

<sup>21</sup> Segundo Talmy (1985), ocorre lexicalização quando um componente de significado é regularmente associado a um elemento de superfície, que são formas linguísticas pronunciadas.

Como vimos no capítulo 1, Talmy (*op.cit.*) define como evento de movimento qualquer situação que contenha movimento ou uma locação estacionária<sup>22</sup>. Assim, os componentes básicos de um evento de movimento são (i) a *figura*<sup>23</sup>, que consiste no objeto que se move ou que está localizado em relação a outro objeto; (ii) o *fundo*, que é a entidade que serve de ponto de referência para a localização ou movimento da *figura*; (iii) a *trajetória*, que é definida tanto como o percurso do movimento como o local ocupado pela *figura*; (iv) e o *movimento*, que se refere à própria presença dessa propriedade semântica no evento ou a uma localização espacial. O *movimento* é representado pela forma ‘move’ enquanto a *locação* é representada por ‘be<sub>L</sub>’ (*be located*).

Enquanto ‘move’ e ‘be<sub>L</sub>’ são tratados como componentes internos dos eventos, um evento de movimento pode possuir componentes externos como *maneira* ou *causa*. Dessa forma, Talmy (2000) nomeia os eventos de movimento por ele analisados de *macro-eventos* e esses são divididos em duas partes: (i) os *framing events* (eventos-moldura ou eventos principais) que contém as propriedades semânticas de *movimento* ou *locação* e (ii) os *co-eventos*, responsáveis pela expressão de noções como *maneira* e *causação*. Os exemplos do inglês, a seguir, ilustram todas essas entidades semânticas:

(85) Eventos de movimento com *conflation*<sup>24</sup> de *maneira* ou *causa*:

a. Locação estacionária – be<sub>L</sub> + *maneira*

The pencil lay on the table.

‘O lápis estava sobre a mesa.’

b. Locação estacionária - be<sub>L</sub> + *causa*

The pencil stuck on the table (after I glued it).

‘O lápis ficou preso sobre a mesa (depois que eu o coleí).’

c. Movimento – move + *maneira*

The pencil rolled off the table.

<sup>22</sup> “(...) we treat a situation containing movement or the maintenance of a stationary location alike as a motion event.” (TALMY, 1985, p.60)

<sup>23</sup> A *figura* na teoria de Talmy (1985, 2000) pode ser vista como equivalente à noção de Tema de Gruber (1965) e de Jackendoff (1983, 1990).

<sup>24</sup> O termo *conflation* (TALMY, 1972) se refere à incorporação de elementos semânticos no significado básico verbal. Alguns autores o traduzem para o português como *integração* (RIBEIRO, 2014) ou *amalgama* (BARBOSA, 2008). Neste trabalho optamos por adotar a nomenclatura original.

‘O lápis rolou para fora da mesa.’

d. Movimento- move + *causa*

The pencil blew off the table.

‘O lápis foi derrubado da mesa’ (pelo vento).

(Adaptado de TALMY, 1985, p. 61)

No exemplo (85a), *the pencil* é a *figura* e *the table* é o *fundo*. A preposição *on* representa o local (ideia estacionária) e o verbo *lay* incorpora em seu significado, além da localização da *figura* em relação ao *fundo*, a noção de *maneira*. Em (85b), os sintagmas *the pencil*, *the table* e *on* são, assim como em (85a), *figura*, *fundo* e local. No entanto, o verbo *stuck* incorpora em seu significado a noção de *causa*. A sentença em (85c) representa um evento de movimento dinâmico, no qual *the pencil* é a *figura*, *the table* é o *fundo*, *off* veicula a ideia de trajetória e o verbo *roll* lexicaliza em seu significado os componentes semânticos *movimento* e *maneira*. Por fim, em (85d), temos o verbo *blow*, que nos transmite a noção de movimento causado, como se alguém ou algo derrubasse o lápis da mesa. Nessa sentença, assim como em (71c), *the pencil* é a *figura*, *the table* é o *fundo* e *off* expressa a trajetória.

Talmy (1985) propõe que existem três padrões de lexicalização do elemento semântico *movimento* nas línguas do mundo. Cada língua elege um desses padrões:

a) Lexicalização de [Movimento + Modo/ Causa]

São línguas como o chinês, o inglês e as demais línguas indo-européias, exceto as românicas, que lexicalizam a maneira como se dá o movimento ou a causa do mesmo.

b) Lexicalização de [Movimento + Trajetória]

São as línguas românicas, semíticas, polinésias, nez perce e caddo, em que os verbos de movimento especificam a trajetória que o objeto movido percorre, ou a direção do movimento.

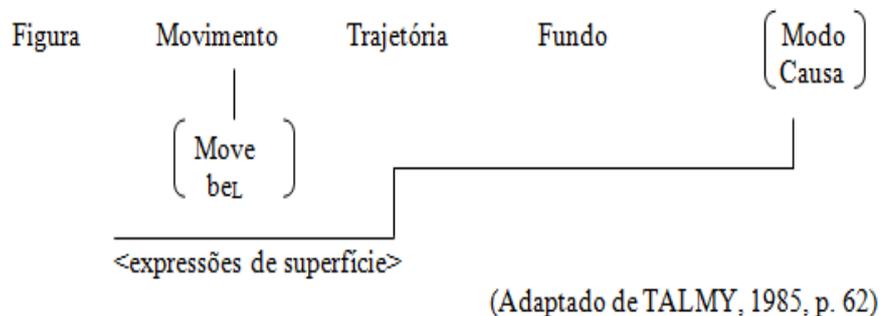
c) Lexicalização de [Movimento + Figura]

São línguas como o atsugewi e navajo, que possuem verbos que especificam o tipo de objeto que está sendo movido.

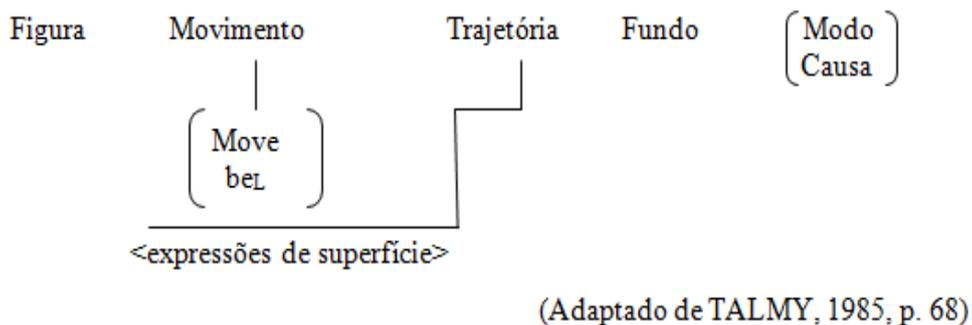
No entanto, o fato de uma língua eleger um padrão de lexicalização não significa que ela não possua verbos de outros tipos. O que acontece é que uma língua usa geralmente um desses tipos de lexicalização em sua expressão mais característica do movimento, ou seja, no seu uso coloquial e frequente. Podem ocorrer lexicalizações fora do padrão nas línguas, mas esses casos serão especiais e muito restritos (TALMY, 1985).

Talmy (2000), ao comparar extensivamente a codificação gramatical dos componentes *maneira e trajetória* entre as línguas naturais, propõe que os padrões de lexicalização mais recorrentes são [Movimento + Modo] e [Movimento + Trajetória], de forma que reduz a divisão das línguas para duas grandes categorias tipológicas: línguas emolduradas nos verbos (*verb-framed language*), que lexicalizam, na raiz verbal, *movimento e trajetória*, e línguas emolduradas nos satélites (*satellite-framed languages*), que lexicalizam *movimento e maneira* ou *movimento e causa*. Os satélites são, de acordo com Talmy (1985, 2000), constituintes que se encontram em relação de irmandade com o sintagma verbal, como as partículas verbais do inglês (*go down/ back/ in* ‘descer/voltar/entrar’), mas que não são sintagmas nominais nem preposicionados. A seguir apresentamos dois esquemas feitos por Talmy (1985) que exemplificam como ocorre *conflation* entre os elementos [Movimento + Modo/ Causa], típico das línguas emolduradas nos satélites, como o inglês em (86), e [Movimento + Trajetória], *conflation* típica das línguas emolduradas nos verbos, como o português e o espanhol em (87).

(86)



(87)



A representação em (86) nos mostra que os elementos semânticos *modo e causa* são lexicalizados pelo verbo, enquanto a *trajetória* é expressa fora do mesmo, por um satélite, no

caso. Já o esquema em (87) representa as línguas que fazem *conflation* dos elementos *movimento* e *trajetória*, de forma que o *modo* e a *causa* são expressos fora do verbo, muitas vezes em orações subordinadas, como podemos ver em (88) para o espanhol. As sentenças do inglês em (89) ilustram o padrão de lexicalização das línguas emolduradas nos satélites.

- (88) a. Meti el barril a la bodega rodándolo.  
coloquei o barril em a depósito rolando-o  
‘Coloquei o barril no depósito rolando-o.’
- b. Saqué el corcho de la botella retorciéndolo.  
tirei o rolha de a garrafa torcendo-a  
‘Tirei a rolha da garrafa torcendo-a.’

(TALMY, 2000, p. 51)

- (89) a. I rolled the keg into the storeroom.  
eu rolei o barril em+a o depósito  
‘Eu rolei o barril para o depósito.’
- b. I twisted the cork out of the bottle.  
eu torci a rolha fora de a garrafa.  
‘Eu tirei a rolha da garrafa torcendo-a.’

(TALMY, 2000, p. 28)

Em (88), a maneira como ocorre o movimento é expressa através da subordinação dos sintagmas verbais *rodándolo* e *retorciéndolo*, enquanto em (89) o modo do movimento é expresso nos verbos principais *roll* e *twist* e a trajetória é veiculada pelos satélites *into the storeroom* e *out of the bottle*.

As línguas apresentam padrões comportamentais específicos de acordo com a tipologia da qual fazem parte. Línguas emolduradas nos satélites, por exemplo, possuem várias partículas ou afixos que se combinam com os verbos para expressar a trajetória ou a direção do movimento (BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010; DEMONTE, 2011).

- (90) go **down**, go **up**, get **out**, get **off**, get **in**  
abaixar subir sair sair entrar

(Adaptado de DEMONTE, 2011, p. 20)

Línguas emolduradas nos verbos, por sua vez, tendem a possuir um pequeno inventário de verbos de modo de movimento (BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010; DEMONTE, 2011; AMARAL, 2010), uma vez que utilizam mais palavras para expressar situações que são lexicalizadas em apenas um verbo nas línguas emolduradas nos satélites:

- (91) She tiptoed into the classroom.  
 ela andar na ponta dos pés para dentro a sala de aula  
 ‘Ela entrou na sala de aula na ponta dos pés.’
- (92) Ela entrou na sala na ponta dos pés.

O inglês, que é uma língua emoldurada nos satélites, apresenta uma série de verbos de modo de movimento. Em (91), *tipoted* ‘andar na ponta dos pés’ indica o modo como o movimento é realizado, enquanto a direção do mesmo é expressa pela preposição *into* ‘para dentro’. O PB, por ser uma língua emoldurada no verbo, possui vários verbos que lexicalizam a trajetória, como *entrar*, enquanto a maneira como ocorre o movimento é expressa em adjunção (*na ponta dos pés*).

Além disso, as línguas emolduradas nos verbos expressam o modo do movimento em orações subordinadas encabeçadas por uma forma nominal (gerúndio) de um verbo de maneira<sup>25</sup> (TALMY, 1985; BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010).

- (93) La botella entro a la cueva flotando.  
 a garrafa entrou para o caverna flutuando  
 ‘A garrafa entrou na caverna flutuando.’
- (94) Je suis entre dans la Maison em boitant.  
 eu sou entrou em o mansão em mancando  
 ‘Eu entrei na mansão mancando.’

(Adaptado de BEAVERS; LEVIN; THAM, p. 344)

No entanto, apesar de muitos exemplos de sentenças em diversas línguas corroborarem a tipologia proposta por Talmy (CHOI; BOWERMAN, 1991; BARBOSA, 2008; AMARAL,

---

<sup>25</sup> Beavers, Levin e Tham (2010) chamam atenção para o fato de todas as línguas que possuem verbos de trajetória permitirem que o modo do movimento seja expresso através de uma oração subordinada. Dessa forma, mesmo as línguas emolduradas nos satélites teriam pelo menos um comportamento típico de línguas emolduradas nos verbos. Os autores ainda afirmam que todas as línguas possuem verbos de trajetória, com uma possível exceção apenas para o russo.

2010; DEMONTE, 2011), diversos trabalhos questionam-na, argumentando que línguas emolduradas nos verbos frequentemente apresentam comportamento de línguas emolduradas nos satélites e vice-versa (BEAVERS, 2008; BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010; CROFT *et al.*, 2010, RIBEIRO, 2014, entre outros).

### 3.1.1 Problemas para a tipologia de Talmy

Nesta subseção, apresentamos os problemas que diversos autores apontam para a tipologia proposta por Talmy (1985, 2000) através da análise de dados de diversas línguas. Também mostramos como o PB se comporta em relação a essa tipologia.

Slobin (2004) e Zlatev e Yangklang (2004) propõem a existência de outra classe, de acordo com o modo como as línguas representam os eventos de movimento, chamada de *equipollently-framed languages* ou apenas *E-framed languages*, que agrupa línguas que permitem a presença de um verbo de trajetória e de um verbo de maneira em uma só oração.

(95) chán dǎən (paj)  
 I walk go  
 ‘I am walking (away, towards)’

(Língua thai – ZLATEV; YANGKLANG, 2004, p. 165)

O exemplo em (95) traz uma complicação para a tipologia proposta por Talmy (1985, 2000), uma vez que apresenta, em uma mesma oração, um verbo que codifica trajetória (*paj*) e um que expressa a maneira do movimento (*dǎən*), situação não prevista pela proposta do autor. No entanto, neste trabalho não entraremos em maiores detalhes sobre esse tipo de língua, uma vez que focaremos nos casos em que os eventos de movimento são representados por um só verbo, como ocorre nas línguas emolduradas nos verbos e nas emolduradas nos satélites.

Beavers, Levin e Tham (2010) mostram uma série de situações em que as línguas apresentam comportamentos atípicos no que diz respeito à expressão dos eventos de movimento e sua classificação de acordo com a tipologia de Talmy (1985, 2000). Os autores começam por redefinir a noção de satélite proposta nos trabalhos de Talmy (*op.cit.*).

Como vimos, de acordo com Talmy, satélites são partículas que estão em relação de irmandade com o sintagma verbal, mas que não são preposições nem sintagmas nominais. O autor propõe que há maneiras de se diferenciar os satélites das preposições. As últimas, por

exemplo, desaparecem quando o elemento de *fundo* é omitido, enquanto os satélites permanecem junto ao verbo.

- (96) a. I ran out of the house.  
 eu corri fora de a casa  
 ‘Eu corri para fora da casa.’
- b. \*I ran out of.  
 eu corri fora de  
 ‘\*Eu corri para fora da’.
- c. I ran out.  
 eu corri fora  
 ‘Eu corri para fora’

(TALMY, 1985, *apud* BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010, p. 337)

Em (96a), *out* ‘fora’ é o satélite, *of* ‘de’ é a preposição e *the house* ‘a casa’ é o elemento que exerce a função de *fundo*. A sentença em (96b) torna-se agramatical, pois apresenta a preposição (*of*) sem o *fundo*, quando essa deveria ser omitida. Já (96c) é gramatical, pois traz apenas o verbo (*ran*) e o satélite (*out*).

Ainda segundo o autor, as classes das preposições e dos satélites não possuem os mesmos membros, de modo que há formas que exercem apenas uma das duas funções, como, *apart* ‘a parte’ e *forth* ‘em diante’, que são sempre satélites, e *from* ‘de’, *at* ‘em/a’ e *toward* ‘em direção a’, que são sempre preposições. Quando temos uma mesma forma que pode ser tanto satélite quanto preposição, ela apresenta sentidos diferentes em cada uma dessas funções: o satélite *over*, por exemplo, veicula o sentido de rotação ao redor de um eixo (TALMY, 1985, p. 105), como em *it flipped over* ‘ele capotou’, enquanto a preposição *over* possui o sentido de *above* ‘acima’, como em *over the wall* ‘acima do muro’.

A partir daí, Talmy (1985) propõe um único diagnóstico para distinguir um satélite de uma preposição: o elemento *fundo* é opcional com um satélite, mas obrigatório com uma preposição, como pode ser visto em (96b,c). Assim, o satélite seria um constituinte que se encontra em relação de irmandade com o sintagma verbal e que não requer a presença obrigatória de um elemento de *fundo*.

No entanto, Beavers, Levin e Tham (2010) argumentam que essa definição nem sempre se sustenta, uma vez que nem todos os satélites listados por Talmy se encontram em posição de irmandade com o sintagma verbal:

- (97) a. I run out of the house.  
 ‘Eu corri para fora da casa.’
- b. It was out of the house that I ran, not into the house.  
 ‘Foi para fora da casa que eu corri e não para dentro dela.’
- c. \*It was out that I ran of the house, not into the house.  
 ‘\*Foi para fora que eu corri da casa e não para dentro dela.’

(Adaptado de BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010, p. 338)

Na sentença em (97a), *out* ‘fora’ seria o satélite e estaria em posição de irmandade com o verbo *run* ‘correr’, enquanto *of* ‘de’ seria a preposição que encabeça o sintagma preposicionado *of the house* ‘da casa’, que, por sua vez, encontra-se em adjunção ao sintagma verbal. No entanto, quando analisamos a sentença em (97c), vemos que, ao separarmos *out* da expressão *of the house*, temos uma sentença agramatical, o que não ocorre em (97b), onde *out of the house* aparece junto, evidenciando assim que toda a expressão é um constituinte. Assim, Beavers, Levin e Tham (2010) concluem que *of the house* é complemento de *out*, de modo que *out of the house* constitui um só sintagma preposicionado que está em relação de irmandade com o sintagma verbal ou é adjungido ao mesmo, o que anula a diferença entre satélites e preposições.

Além disso, os autores afirmam que a distinção entre a obrigatoriedade do elemento *fundo* para as preposições e a sua não obrigatoriedade para os satélites não se sustenta do ponto de vista semântico.

- (98) a. John ran in (the house)  
 ‘John correu para dentro da casa’
- b. John ran to the store.  
 ‘John correu para loja.’

(Adaptado de BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010, p. 338)

De acordo com a proposta de Talmy, *in the house* é formado pelo satélite (*in*) seguido do *fundo* (*the house*), enquanto *to the store* constitui-se de uma preposição (*to*) mais o *fundo* (*the store*). No entanto, em (98a), embora o elemento de *fundo* (*the house*) possa não ser expresso, ele está subentendido, o que mostra que mesmo os satélites precisam de um complemento semântico.

Assumindo essa noção mais ampla de satélite, Beavers, Levin e Tham (2010) mostram que muitas línguas emolduradas nos verbos podem expressar a trajetória em adjunção através da preposição *até*, o que seria um comportamento inadequado de acordo com a tipologia proposta por Talmy.

- (99) La cire coule jusqu’au bord de la table.  
 a cera fluiu até borda de a mesa  
 ‘A cera fluiu até a borda da mesa.’

(Francês – CUMMINS, 1996, *apud* BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010, p. 345)

- (100) La botella flotó hasta la cueva.  
 a garrafa flutuou até a caverna  
 ‘A garrafa flutuou até a caverna.’

(Espanhol – ASKE, 1989, p. 3)

- (101) John-wa kishi-made oyoida/tadayotta.  
 John-TOP costa-até nadou/boiou  
 ‘John nadou/boiou até a costa.’

(Japonês – BEAVERS, 2008, p. 284)

Vejamos como o PB se comporta em relação a essa afirmação.

- (102) A bola rolou até o fim do morro.  
 (103) O peão girou até o outro lado da calçada.  
 (104) A bola quicou até o outro lado da quadra.  
 (105) A dançarina rodopiou até o centro da pista de dança.

De acordo com Amaral (2010, 2015), os verbos *rolar*, *girar*, *quicar* e *rodopiar* são verbos que lexicalizam a maneira como uma entidade se move, o que faz com que sejam classificados como pertencentes à classe dos verbos de modo de movimento. Dessa forma, o PB, assim como o francês, o espanhol e o japonês, também permite a expressão da trajetória através de sintagmas preposicionados encabeçados pela preposição *até* em sentenças com verbos de modo de movimento, comportamento atípico em línguas emolduradas nos verbos (CESA, 2012; RIBEIRO, 2014).

Beavers (2008) observa que elementos como *até* não são utilizados nas línguas apenas para expressar trajetória/ meta, mas também para introduzir uma noção mais geral de “limite” em diversos campos semânticos:

- (106) Ohiru-**made** kore-o shite-kudasai.  
‘Por favor, faça isso até meio dia.’ (noção temporal)
- (107) Yuka-kara yane-**made** nan-meetoru arimasu ka?  
‘Quantos metros tem do chão até o telhado?’ (noção espacial)  
(Japonês – KUNO, 1973 *apud* BEAVERS, 2008, p. 299)
- (108) Kono hooru-wa nisen-nin-**made** haireru.  
‘Essa sala acomoda até duas mil pessoas.’ (noção espaço-numeral)
- (109) Hikooki-ga deru-**made** robii-de tomodachi-to hanashite ita.  
‘Eu estava conversando com meu amigo até o avião decolar.’ (noção proposicional<sup>26</sup>)  
(Japonês – MAKINO; TSUTSUI, 1986 *apud* BEAVERS, 2008, p. 299)

Nas sentenças acima, a expressão *made* ‘até’ introduz vários tipos de limites: temporal (106), espacial (107), numeral (108) e proposicional (109). O PB também apresenta a preposição *até* em diferentes usos, nos quais o objetivo não é veicular trajetória (RIBEIRO, 2014):

- (110) Paulo correu **até** a saída. (trajetória)
- (111) João colocou açúcar **até** o café ficar doce. (proposicional)  
(RIBEIRO, 2014, p. 96)
- (112) A reunião durou **até** às 18h. (temporal)
- (113) Essa avenida vai **até** aonde? (espacial)
- (114) Esse salão de festas acomoda **até** 500 pessoas. (espaço-numeral)

De acordo com Beavers (2008), *até* expressa um ponto de limite em uma trajetória física ou abstrata de um participante do evento, sendo que o tipo desse limite (espacial, temporal, proposicional) é determinado pela natureza do evento denotado pelo verbo, bem como do sintagma preposicionado. Em (110), por exemplo, temos que o SP *até a saída*

<sup>26</sup> Entende-se por noção proposicional quando o SP introduzido pela preposição *até* incide sobre o verbo da oração principal, ou seja, sobre a primeira proposição.

veicula a informação de trajetória por estar ligado a um verbo de movimento e por *saída* se referir a um local, enquanto em (112), o SP *até às 18h* transmite a ideia de tempo por estar ligado a um verbo que pede um complemento temporal e devido à natureza do próprio sintagma preposicionado.

Sobre a preposição *até*, Demonte (2011) afirma que, no espanhol, os verbos de movimento direcional, como *subir* ‘subir’ e *salir* ‘sair’ selecionam tanto *hasta* ‘até’ quanto *a* ‘a/ ao’ para expressar o ponto final da trajetória, como em *salir a/hasta la casa* ‘ir para casa’ e *subir a/hasta la casa* ‘subir para casa’. A autora ainda afirma que enquanto *hasta* ocorre tanto com verbos de movimento direcional quanto com verbos de modo de movimento (*flotar hasta la orilla* ‘flutuar até a costa’), *a* só se combina com verbos de trajetória (*\*flotar a orilla* ‘flutuar a costa’).

Autores como Dini e Di Tomaso (1995) e Fábregas (2007) assumem que a preposição *a* em espanhol seria equivalente a *at* no inglês e, portanto, teria um valor locativo e não direcional. No entanto, Demonte (2011) insiste no sentido direcional dessa preposição, uma vez que ela pode se alternar com *hasta*, sendo ambas télicas. Beavers, Levin e Tham (2010), na tentativa de explicar a questão, propõem que os SPs locativos podem receber interpretação direcional quando combinados com verbos de movimento com a finalidade de deslocamento como em *correr ao supermercado* e *voar a Paris*<sup>27</sup>, mas geram sentenças agramaticais com verbos que não acarretam um deslocamento, como em *\*flutuar a costa* e *\*dançar ao meio do salão*. Esses casos mostram que a forma como as línguas expressam os eventos de movimento é resultado de diversos fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos e não de uma tipologia fixa.

Porém, Demonte (2011) argumenta que os casos em que verbos de modo de movimento se combinam com SPs direcionais não constituem uma exceção para a tipologia de Talmy, uma vez que esses não são constituintes argumentais, mas sim adjuntos. Entretanto, a nosso ver, o que está em discussão é o fato de as línguas emolduradas nos verbos permitirem a expressão da trajetória através de satélites (no sentido mais amplo do termo), em diversas situações, e não se os elementos preposicionados são argumentos ou adjuntos verbais.

---

<sup>27</sup> Exemplos atestados dessas sentenças podem ser vistos em: *a socióloga, então, correu ao supermercado para comprar alguns petiscos para sua nova melhor-amiga* (<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/O,,MUL1250521-5605,00-cachorros+vira-latas+tem+vida+de+re+em+são+Paulo.html> – Acessado em 15/12/2015) e *Cabral voou a Paris no dia 19, retornando dia 24*. (<http://facebook.com/cidadespossiveis/posts/373720225976153> - Acessado em 15/12/2015).

Além disso, no PB, existe uma série de verbos que não são de trajetória, mas que se combinam com outros sintagmas preposicionados, que não os encabeçados por *até* e *a*, para expressar o ponto inicial (Fonte), ponto final (Meta), ou ambos de uma trajetória.

- (115) O menino arremessou o celular **para a Maria/ no chão**.  
 (116) O João entregou um celular **para a Maria/ na casa da Maria**.  
 (117) Ana enviou um celular **para Maria/ para a casa da Maria**.  
 (118) A menina caminhou **para a escola/ de casa até a escola**.

Em (115) (116) e (117), *para Maria* e *para a casa da Maria* exercem a função de Meta: a pessoa ou local para onde o celular se move. Os sintagmas *no chão* e *na casa da Maria* são locativos, ou seja, não apresentam sentido direcional, uma vez que a preposição *em* no PB equivale a *at* no inglês. No entanto, nas sentenças em (115) e (116), eles desempenham a função de Meta por adquirirem uma interpretação direcional ao se combinarem com verbos de movimento que têm finalidade de deslocamento (BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010). Em (118) temos o verbo de modo *caminhar* que se combina com sintagmas preposicionados para indicar Meta (*para a escola*) ou Fonte e Meta (*de casa até a escola*).

Zubizarreta e Oh (2011) tentam explicar por que certas línguas, como o inglês e o holandês, permitem que seus verbos de modo de movimento variem livremente entre uma forma que expressa atividade e outra que denota *accomplishment* com a presença de um SP direcional, e por que as línguas românicas não permitem que um verbo de maneira se combine com um SP que expressa a direção do movimento:

- (119) a. John ran/walked/danced/swam for hours/\* in an hour.  
 ‘John correu/caminhou/dançou/nadou por horas/ \*em uma hora.’  
 b. John ran/ walked/ danced to the park in an hour.  
 ‘\*John correu/caminhou/dançou para o parque em uma hora.’  
 c. John swam to the other side of the lake in ten minutes.  
 ‘John nadou para o outro lado do rio em dez minutos.’

(Adaptado de ZUBIZARRETA; OH, 2011, p. 41)

- (120) a. dat Jan naar Groningen twee uur lang heeft gewandeld.  
 que Jan para Groningen duas horas durante tem caminhou  
 ‘Jan caminhou na direção de Groningen por duas horas.’

b. dat Jan in twee uur naar Groningen is gewandeld.

que Jan em duas horas para Groningen está caminhou

‘Jan caminhou até Groningen em duas horas.’

(Holandês- adaptado de ZUBIZARRETA; OH, 2011, p. 2)

Os verbos em (119a) e em (120a), denotam atividades, pois se combinam com o advérbio temporal *por x tempo*. Em (119b,c) e em (120b), os mesmos verbos apresentam leitura de *accomplishment*, uma vez que vêm acompanhados da expressão *em x tempo*.

Os autores trabalham com o conceito de construção<sup>28</sup> postulado por Goldberg (1995) e propõem que, nas línguas germânicas, verbos de modo de movimento podem modificar<sup>29</sup> a construção que chamam de construção de movimento direcional”. Essa apresenta a estrutura dada em (121), onde o SP é argumento apenas da construção e não do verbo<sup>30</sup>.

(121) [D [<sub>VP</sub> V [P [P [D] ]]]]

[D John [<sub>VP</sub> V walked [P [P to [D the park]]]]]

(Adaptado de ZUBIZARRETA; OH, 2011, p.44 e 46)

Dessa forma, ao entrarem nessa construção, os verbos de modo de movimento adquirem também uma leitura direcional, porém essa não é acarretada pelo verbo, mas sim pela construção.

No entanto, ao contrário do que afirmam os autores, línguas rômnicas como o francês (exemplo 99), o espanhol (exemplo 100) e o PB (exemplos de 102 a 105) possuem verbos de modo de movimento que podem se combinar com um SP direcional. Dessa forma, se

<sup>28</sup> De acordo com Goldberg (1995), as unidades linguísticas mínimas são as construções, que podem ser definidas como um pareamento entre forma (sintaxe) e significado (semântica), e que são instanciadas por unidades simples, como morfemas, ou complexas, como as orações. Nesse sentido, qualquer padrão é reconhecido como construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja previsível de suas partes componentes ou de outras construções já existentes. Assim, todas as unidades da língua, como morfemas, palavras, sintagmas e orações, são exemplos de construções gramaticais, de modo que se diferem apenas em sua complexidade interna: uma palavra é uma construção mais complexa do que um morfema, e uma oração, por sua vez, é mais complexa do que uma palavra.

<sup>29</sup> Zubizarreta e Oh (2011) propõem que os verbos podem participar de uma construção de duas maneiras distintas: instanciando-as ou modificando-as. No primeiro caso, há uma correspondência um-a-um entre os argumentos do verbo e os da construção. Já no segundo caso, alguns itens são argumentos apenas da construção.

<sup>30</sup> Goldberg (1995) propõe a distinção entre papéis participantes e papéis argumentais. Os primeiros correspondem aos papéis que preenchem o sentido verbal, enquanto os segundos são elementos que fazem parte da construção, mas que não saturam o verbo. Todo papel participante tem um papel argumental correspondente, mas o contrário não é verdadeiro. Por exemplo, na construção *o menino pulou da cama*, *o menino* é, ao mesmo tempo, papel participante e papel argumental, enquanto *da cama* é apenas papel argumental.

realizarmos uma análise construcional das línguas românicas, teremos que dizer que os verbos de modo de movimento do francês, do espanhol e do PB podem modificar as suas respectivas construções de movimento direcional.

Outro fato interessante de se notar e que é deixado de lado por muitos autores é que mesmo verbos que lexicalizam a trajetória como *entrar, sair, descer, subir*, pedem, como complemento, um SP que expressa algum ponto da mesma.

(122) O menino entrou **no quarto**.

(123) A professora saiu **da sala**.

(124) O menino desceu **da cama**.

(125) Maria subiu **para a casa da Ana**.

Nas sentenças de (122) a (125), a trajetória é expressa por dois elementos sintáticos distintos: o verbo e o sintagma preposicionado. Dessa forma, *entrar no quarto* é igual a *ir para dentro* (trajetória 1 – direção) *do quarto* (trajetória 2 – Meta); *sair da sala* equivale a *ir para fora* (trajetória 1 – direção) *da sala* (trajetória 2 – Meta); *descer da cama* é *ir para baixo* (trajetória 1 – direção) *da cama* (trajetória 2 – Fonte); e *subir* é igual a *ir para cima* (trajetória 1 – direção) *para a casa da Ana* (trajetória 2 – Meta). Esse fato está em consonância com a afirmação de Talmy (1985) de que um mesmo componente semântico pode ser expresso por mais de um elemento sintático, em uma mesma sentença, uma vez que o componente semântico *trajetória* encontra-se codificado em dois elementos sintáticos (elementos de superfície): o verbo e o SP.

Além disso, outra evidência de que o PB não apresenta comportamento típico de línguas emolduradas nos verbos é que ele possui mais verbos de modo de movimento do que verbos de trajetória. Amaral (2015) lista cerca de 26<sup>31</sup> verbos de modo de movimento para o PB (*balançar, girar, chacoalhar, quicar, rodopiar*, entre outros), enquanto em nosso trabalho encontramos 17 verbos de trajetória nessa língua (*atravessar, entrar, sair, subir, descer, vir, ir*, entre outros)<sup>32</sup>.

<sup>31</sup> Em nosso trabalho, através de um refinamento da lista de verbos dada por Amaral (2015), encontramos 17 verbos de modo de movimento no PB. No entanto, ainda assim esse continua sendo um comportamento atípico de línguas emolduradas nos verbos, uma vez que o esperado é que línguas desse tipo tenham mais verbos de trajetória e poucos verbos de modo de movimento.

<sup>32</sup> Ver Apêndice, página 132.

Assim, fica claro que o PB apresenta uma série de comportamentos típicos de línguas emolduradas nos satélites (CESA, 2012; RIBEIRO, 2014)<sup>33</sup>. Portanto, concordamos com a proposta de Beavers, Levin e Tham (2010) de que as diferentes formas como as línguas expressam os eventos de movimento derivam de restrições mais gerais, como (i) restrições lexicais: tipo de lexicalização, partículas espaciais; (ii) restrições morfológicas: marcadores de casos e afixos; (iii) restrições sintáticas: adjunção, subordinação e *serial verb constructions* (construções em que há mais de um verbo em uma mesma oração, ex. 81). Assim, o PB expressa os eventos de movimento através da lexicalização da trajetória ou do modo do movimento pelo verbo; a trajetória pode ser expressa através de sintagmas preposicionados (satélites, sejam eles adjuntos ou argumentos verbais) tanto em verbos de trajetória (*entrar*, *sair*) quanto em verbos que não a lexicalizam (verbos de modo de movimento, como *girar* e *rodopiar*, e demais verbos de movimento, como *arremessar* e *entregar*); a maneira como ocorre o movimento pode estar contida no verbo (verbos de modo de movimento) ou pode vir em orações subordinadas e através de adjuntos, como em *o menino entrou no quarto pulando*, onde a oração subordinada, *pulando*, expressa a maneira como o menino entrou no quarto e em *o menino entrou no quarto na ponta dos pés*, onde *na ponta dos pés* é um modificador que expressa maneira.

Beavers, Levin e Tham (2010) ainda propõem que o fato de os verbos de movimento lexicalizarem o modo como o movimento ocorre ou a trajetória do mesmo, decorre de uma restrição mais ampla, proposta por Rappaport Hovav e Levin (1998, 2010): um verbo não pode lexicalizar ao mesmo tempo maneira e resultado, onde Beavers, Levin e Tham (2010) assumem que a trajetória é um subtipo de resultado. Os trabalhos de Rappaport Hovav e Levin (1998, 2010) baseiam-se na hipótese de que existe uma complementaridade entre maneira e resultado, de modo que os verbos de uma língua lexicalizam um ou outro componente semântico. Contudo, o PB apresenta um problema para a proposta das autoras no que diz respeito aos tipos de lexicalização que essa língua permite.

Como vimos na seção da metodologia de nosso trabalho, Cançado e Amaral (no prelo), propõem que o componente semântico da raiz verbal pode ser expresso através de modificadores cognatos ou sintagmas nominais derivados do verbo. Quando analisamos os verbos de movimento do PB, percebemos que existem alguns que não lexicalizam nem o

---

<sup>33</sup> Beavers, Levin e Tham (2010) afirmam que as línguas emolduradas nos verbos não só permitem como também preferem comportamentos típicos das línguas emolduradas nos satélites.

modo como ocorre o movimento nem um resultado, opondo-se, assim, à proposta de Rappaport Hovav e Levin (1998) e à de Rappaport Hovav e Levin (2010)<sup>34</sup>.

- (126) a. O diretor entrou na sala de aula.  
       b. A entrada do diretor na sala de aula
- (127) a. Luana enviou um presente para Luísa.  
       b. O envio do presente para Luísa
- (128) a. O soldado hasteou a bandeira.  
       b. O hasteamento da bandeira pelo soldado
- (129) a. Sônia viajou.  
       b. A viagem de Sônia

Como podemos ver, nos exemplos acima, os verbos *entrar*, *enviar*, *hastear* e *viajar* parecem lexicalizar um tipo de evento, pois derivam um SN cognato que denota esse componente semântico no mundo (126b, 127b, 128b, 129b). Evidenciamos que esses sintagmas nominais denotam eventos, acrescentando-lhes expressões temporais que indicam o momento em que ocorreu o evento ou a duração do mesmo (AMARAL, 2013).

- (130) A entrada do diretor na sala de aula **às 15h** (surpreendeu a todos).
- (131) O envio do presente para Luísa **durou um dia**.
- (132) O hasteamento da bandeira **durou 10 minutos**.
- (133) A viagem de Sônia **durou 3 dias**.

Porém, embora os verbos de (126) a (129) lexicalizem um evento, eles se diferenciam quanto ao número e tipo de argumentos que tomam para ter o seu sentido saturado, o que faz com não constituam uma única classe verbal, como veremos mais adiante, no próximo capítulo.

Feitas todas essas considerações, concluímos que o PB não se encaixa na tipologia proposta por Talmy (1985, 2000), pois apresenta comportamentos tanto de línguas emolduradas nos verbos quanto de línguas emolduradas nos satélites. Como língua

---

<sup>34</sup> Amaral e Caçado (no prelo) já argumentam contra a proposta da complementaridade entre maneira e resultado: “assuming distinct classes of agentive activity verbs, we argue against manner/result complementarity, Rappaport Hovav and Levin’s (2010) proposal that all activity verbs lexicalize manner and all other verbs, except stative verbs, lexicalize result. Other authors, such as Goldberg (2010), Beavers and Koontz-Garboden (2012), and Mateu and Acedo-Matellán (2012) also argue against manner/result complementarity, in the way it is proposed by Rappaport Hovav and Levin (2010)”

emoldurada no verbo, o PB possui verbos de movimento que lexicalizam a trajetória, mas como língua emoldurada nos satélites, ele pode expressar a trajetória através desses constituintes (satélites), sejam eles adjuntos ou argumentos verbais.

Além disso, reforçamos que a hipótese da complementaridade entre maneira e resultado (RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, 2010) não se sustenta nessa língua, uma vez que ela permite outros tipos de lexicalização, como apontam Amaral e Cançado (no prelo).

Por fim, gostaríamos de ressaltar que, apesar de uma série de análises, como a aqui presente, apresentarem exemplos e argumentos contrários à tipologia de Talmy (1985, 2000), o trabalho desse autor é de extrema importância para o desenvolvimento dos estudos dos verbos de movimento, uma vez que, a partir dele, diversos autores se debruçaram sobre o assunto. Além do mais, mesmo em meio a tantos exemplos contrários, a tipologia de Talmy (*op.cit.*) ainda é válida, pois, embora não seja categórica, pode ser vista como uma tendência geral nas línguas.

Visto isso, passemos agora para uma análise do comportamento dos verbos de movimento em relação às classes verbais e à inacusatividade.

### 3.2 *Movimento, classes verbais e representações lexicais*

Levin e Rappaport Hovav (1992) e Levin (1993) dividem os verbos de movimento do inglês em três classes, de acordo com a forma como se comportam em relação aos testes de inacusatividade<sup>35</sup>:

- (134) a. classe de *arrive* ‘chegar’: *arrive* ‘chegar’, *come* ‘vir’, *go* ‘ir’, *depart* ‘partir’,  
*fall* ‘cair’, *return* ‘retornar’, *descend* ‘descer’;  
 b. classe de *roll* ‘rolar’: *roll* ‘rolar’, *slide* ‘escorrer’, *move* ‘mover’, *swing*  
 ‘balançar’, *spin* ‘girar’, *rotate* ‘rodar’;  
 c. classe de *run* ‘correr’: *run* ‘correr’, *walk* ‘andar’, *gallop* ‘galopar’, *jump*  
 ‘saltar’, *hop* ‘pular’, *swim* ‘nadar’.

(Adaptado de LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, p. 252)

<sup>35</sup> As autoras estão preocupadas com a relação entre a classe dos verbos de movimento e o fenômeno da inacusatividade. No entanto, nesta seção focaremos apenas na distinção das classes verbais, de modo que trataremos da correlação existente entre a propriedade semântica *movimento* e a classificação de um verbo como inacusativo na seção seguinte.

Os membros da classe de *arrive* são chamados de verbos de movimento direcional, uma vez que o seu significado inclui a especificação de uma direção: o verbo *arrive* ‘chegar’, por exemplo, denota a realização de um movimento para um ponto específico e o verbo *descend* ‘descer’ especifica que a direção do movimento é para baixo. Já o significado dos verbos da classe de *roll* e de *run* não revela nada a respeito da direção do movimento, mas sim sobre a maneira como esse ocorre (*correr*, por exemplo, denota um rápido movimento de locomoção com os pés), de modo que os verbos dessas duas classes são chamados de verbos de modo de movimento. Levin e Rappaport Hovav (1992) afirmam que os elementos semânticos *direção do movimento* e *modo de movimento* estão em distribuição complementar, ou seja, o significado de um verbo de movimento contém especificações sobre apenas um desses componentes e nunca sobre os dois. Essa afirmação está de acordo com a proposta de Talmy (1985, 2000) de que os verbos lexicalizam movimento e trajetória ou movimento e maneira, uma vez que um mesmo verbo não lexicaliza movimento, trajetória e maneira.

As autoras propõem que o que diferencia a classe de *roll* ‘rolar’ da de *run* ‘correr’ é um traço chamado de causa externa direta (DEC), que especifica se a ação denotada pelo verbo acontece espontaneamente ou se é externamente causada por alguma força ou agente. Esse traço é marcado em termos de dois valores (+DEC) ou (-DEC), de modo que os verbos que apresentam o traço (+DEC) não possuem um participante que controla a realização do evento, enquanto os verbos (-DEC) exibem a presença do mesmo. Assim, os verbos da classe de *run* ‘correr’ são (-DEC), pois envolvem um participante que tem controle sobre o desempenho da ação, enquanto os da classe de *roll* ‘rolar’ apresentam o traço (+DEC), uma vez que a realização do movimento pode ser atribuída a uma força externa. O traço DEC é irrelevante para a classificação dos verbos da classe de *arrive* ‘chegar’, pois esses não parecem se dividir entre verbos que envolvem ou não um participante controlador da ação.

Os verbos da classe de *roll* denotam que o argumento que se move não necessariamente tem controle sobre esse movimento, uma vez que o evento pode ser causado por uma força externa, como um agente ou força natural. Essa falta de controle é evidenciada pelo uso transitivo desses verbos, como ilustrado nos exemplos em (132) e (133), onde o controle da ação de *rolar* e de *girar* não é atribuído a Bill, mesmo ele sendo uma entidade animada e, portanto, capaz de exercer controle sobre a realização do movimento.

(135) a. Andrew rolled Bill down the hill.

‘Andrew rolou Bill montanha abaixo.’

- b. Bill rolled down the hill.  
‘Bill rolou montanha abaixo.’

- (136) a. Andrew spun Bill around.

‘Andrew girou Bill.’

- b. Bill spun around.

‘Bill girou.’

(Adaptado de LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, p. 262)

É a propriedade (+DEC) que permite a alternância entre as formas intransitiva e transitiva dos verbos da classe de *roll*<sup>36</sup>.

Levin e Rappaport Hovav (1992) comparam o uso transitivo dos verbos do tipo *roll*, que são (+DEC), com o dos verbos do tipo *run*, que são (-DEC).

- (137) a. Tony walked the dog down the street.

Tony caminhou o cachorro para baixo a rua

‘\*Tony caminhou o cachorro pela rua.’

- b. The dog walked down the street.

‘O cachorro caminhou pela rua.’

- (138) a. Tony jumped the horse over the fence.

Tony pulou o cavalo por cima a cerca

‘\*Tony pulou o cavalo por cima da cerca.’

- b. The horse jumped over the fence.

‘O cavalo pulou por cima da cerca.’

(Adaptado de LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, p. 263)

Nas sentenças em (137) e em (138), embora Tony leve/ cause o cachorro a caminhar e o cavalo a pular, esses animais ainda mantêm um grau de controle sobre a ação, diferentemente do que acontece com Bill nos exemplos em (135) e em (136).

As autoras ainda argumentam que há outros verbos que implicam a presença de uma causa direta externa, como é o caso dos verbos *cool* ‘esfriar’, *harden* ‘endurecer’, *shorten*

<sup>36</sup> Levin e Rappaport Hovav (1992) classificam essa alternância como alternância causativo-incoativa. No entanto, como veremos no capítulo 4, Amaral (2015), ao fazer um estudo sobre as alternâncias verbais do PB, propõe que nem toda mudança de uma forma transitiva para intransitiva ou vice-versa consiste na alternância causativo-incoativa. Essa é típica dos verbos de mudança de estado, de modo que a alternância dos verbos da classe de *rolar* não pode ser classificada como alternância causativo-incoativa.

‘encurtar’ e *dry* ‘secar’, e outros verbos que são (-DEC), como os verbos *gleam* ‘cintilar’ e *shine* ‘brilhar’, que, embora não admitam a presença de uma causa externa, não possuem um participante controlador da ação, como ocorre com os verbos do tipo *run*. Tal fato levou Levin e Rappaport Hovav (1994, 1995) a reformularem o traço DEC em duas noções semânticas: a causa interna e a externa. Verbos internamente causados descrevem situações nas quais alguma propriedade inerente ao argumento verbal é responsável pela realização do evento, como no caso dos verbos *gleam* ‘cintilar’, *shine* ‘brilhar’, *mature* ‘amadurecer’, *sour* ‘azedar’, verbos do tipo *run* ‘correr’, *speak* ‘falar’, entre outros. Verbos externamente causados, por sua vez, implicam a existência de uma causa externa que é responsável pela realização do evento: um agente, uma força natural ou uma circunstância, como *break* ‘quebrar’, *dry* ‘secar’, *wash* ‘lavar’, etc. Ainda, segundo as autoras, verbos internamente causados são basicamente intransitivos, enquanto os externamente causados são basicamente transitivos. Assim, a forma básica das sentenças<sup>37</sup> em (137) e (138) seria a intransitiva, enquanto para os verbos do tipo *break* ‘quebrar’ a forma básica seria a transitiva, como em *o menino quebrou o vaso de flor*.

Ao trazermos a proposta de Levin e Rappaport Hovav (1992) e Levin (1993) para o PB, também verificamos que os verbos de movimento dessa língua se dividem em verbos de movimento direcional, que lexicalizam a direção do movimento, como *entrar*, *sair*, *descer*, *subir*, *ir*, *vir*, entre outros, e verbos de modo de movimento (AMARAL, 2010, 2015), como *girar*, *sacudir*, *balançar*, *chacoalhar*, *rodopiar*, entre outros. No entanto, como vimos na seção anterior, nem todos os verbos de movimento do PB lexicalizam a trajetória ou a maneira como ocorre o movimento. Alguns verbos lexicalizam um evento, como mostramos nos exemplos de (126) a (129)<sup>38</sup>, o que evidencia que os verbos de movimento dessa língua não podem ser subdivididos apenas em verbos de trajetória e em verbos de modo de movimento.

Jackendoff (1983, 1990) propõe a existência de dois tipos de verbos de movimento: os verbos de modo de movimento, que o autor trata como uma única classe, diferentemente de Levin e Rappaport Hovav (1992) e de Levin (1993), e os verbos de trajetória. Os primeiros

---

<sup>37</sup> Segundo Haspelmath (1993), a forma semântica básica de uma sentença é aquela menos marcada sintaticamente, ou seja, que possui o menor número de elementos sintáticos. A forma sintática derivada ou marcada, isto é, aquela que possui mais elementos sintáticos, também é semanticamente derivada, pois possui componentes de sentido que não estão presentes na forma básica. Assim, de acordo com o autor, eventos que tendem a ocorrer de forma espontânea, do ponto de vista semântico, estão associados a um protótipo de evento espontâneo e esse será representado sintaticamente como não marcado. Por outro lado, eventos que dependem da presença de um agente causador externo serão associados a um protótipo de evento causado, de modo que esse será expresso como a forma básica.

<sup>38</sup> As classes verbais dos verbos de movimento do PB serão descritas no capítulo seguinte.

dizem respeito a verbos que descrevem o movimento de um objeto, mas não implicam que esse objeto percorre uma trajetória. Exemplos no PB (traduzidos dos exemplos do autor para o inglês) são *requebrar*, *dançar*, *girar* e *balançar*. Os segundos, por sua vez, são verbos que possuem um sujeito que se move por uma trajetória. São exemplos de verbos de trajetória (traduzidos do autor) *ir*, *entrar* e *partir*.

Para os verbos de modo de movimento, o autor propõe a seguinte representação, que mostramos em (10) e aqui retomamos:

(139)  $v: [_{\text{Event}} \text{MOVE} ([_{\text{Thing}} ])]$

(JACKENDOFF, 1990, p. 99)

A representação em (139) é uma decomposição do sentido dos verbos de modo de movimento. É composta por uma função<sup>39</sup> MOVE, que indica a parte comum do sentido desses verbos. Essa função toma um argumento, que é da categoria ontológica das coisas (Thing). O constituinte conceptual formado pela função e seu argumento é da categoria ontológica dos eventos (Event).

Para os verbos de trajetória, Jackendoff (1983, 1990) propõe uma representação com a função GO (que mostramos em (11) e aqui retomamos). Essa, por sua vez, é biargumental, tomando como argumento uma entidade X e uma trajetória PATH.

(140)  $v: [_{\text{Event}} \text{GO} ([X], [_{\text{Path}} \text{TO} ([_{\text{Place}} Y])])]$

(JACKENDOFF, 1990, p. 93)

O autor ainda propõe a existência de uma função chamada de GO<sub>EXT</sub>, que indica a extensão espacial de objetos ao longo de uma trajetória, como ocorre em sentenças do tipo *essa rua vai do centro à periferia*. No entanto, diferentemente da função GO, GO<sub>EXT</sub> pertence à categoria ontológica dos estados (STATE), uma vez que representa situações não dinâmicas<sup>40</sup>.

<sup>39</sup> Funções, na linguagem de Jackendoff (1983, 1990), dizem respeito às categorias conceptuais responsáveis pela construção do significado linguístico.

<sup>40</sup> Jackendoff (1983, 1990) propõe uma extensão dos predicados primitivos que constituem as eventualidades de movimento e de localização espacial para todos os outros campos semânticos, mesmo que esses não estejam, *a priori*, relacionados com o campo espacial. Essa proposta ficou conhecida como Hipótese Locacional e não será assumida em nosso trabalho.

Levin e Rappaport Hovav (1992) e Levin (1993), embora tratem dos verbos de movimento do inglês, não fornecem nenhuma representação lexical para os mesmos. As autoras propõem uma estrutura para os verbos de modo de movimento apenas em seu artigo de 1998, como mostramos em (12) e retomamos a seguir:

(141) *run* ‘correr’: [ X ACT <sub><MANNER></sub> ]

(Adaptado de RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 109)

Os verbos de modo de movimento pertencem, segundo Rappaport Hovav e Levin (1998), à classe dos verbos de maneira em geral e, por isso, não precisam ser representados por um predicado específico de movimento. No entanto, as autoras não deixam claro se os verbos do tipo *roll* ‘rolar’ também teriam a mesma representação lexical dos da classe de *run* ‘correr’, além de não fornecerem a estrutura para os verbos do tipo *chegar*.

Para o PB, temos os trabalhos de Amaral (2010, 2015) e de Menuzzi e Ribeiro (2011) que propõem uma representação lexical com o primitivo MOVE para os verbos de modo de movimento dessa língua<sup>41</sup>, indo em consonância com a proposta de Jackendoff (1983, 1990). Mas, em contrapartida, Godoy (2012) se utiliza desse mesmo predicado para tratar de eventos que denotam movimento em uma determinada trajetória:

(142) v: [[X ACT <sub><MANNER></sub>] CAUSE [Y MOVE [PATH Z]]]

(Adaptado de GODOY, 2012, p. 78)

Segundo a autora, verbos de movimento são aqueles que têm o metapredicado MOVE em sua representação semântica. A estrutura em (142) representa o sentido decomposto de verbos como *lançar*, *jogar*, *transportar*, *transferir*, entre outros.

Sobre os verbos do tipo *correr*, Amaral (2013) propõe, diferentemente de Levin e Rappaport Hovav (1992), de Rappaport Hovav e Levin (1998), de Levin (1993) e de Jackendoff (1983, 1990), que eles não lexicalizam a maneira como o movimento ocorre, não pertencendo, assim à classe dos verbos de modo de movimento. Os verbos da classe de *correr*, assim como os mostrados nas sentenças de (123) a (126), derivam um SN que denota um evento no mundo (*o atleta correu/ a corrida do atleta*), o que evidencia que eles

---

<sup>41</sup> A proposta de Amaral (2010, 2015) será discutida no capítulo seguinte.

lexicalizam esse componente semântico e não o modo do movimento. Portanto, Amaral (2013) apresenta outra estrutura para esses verbos, diferente da apresentada por Rappaport Hovav e Levin (1998)<sup>42</sup>.

Corrêa (2005) e Corrêa e Caçado (2006) analisam 202 verbos do PB que acarretam o deslocamento de uma entidade de um ponto determinado a outro, sendo, por isso, chamados pelas autoras de verbos de trajetória. Eles foram subdivididos em seis classes distintas de acordo com sua grade temática que, por sua vez, é dada de acordo com a proposta de Caçado (2005). Segundo a autora, os papéis temáticos são definidos pelas propriedades atribuídas a um determinado argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento se encontra. Desse modo, os papéis temáticos não são atribuídos apenas pelo item predicador, como o verbo, mas por toda a sentença. A proposta de Caçado (2005) é vantajosa, pois explica os diferentes papéis semânticos que o SN *Paulo* recebe nas sentenças a seguir sem precisar assumir que há várias entradas lexicais, com diferentes papéis temáticos, para um mesmo item (CORRÊA, 2005).

- (143) a. **Paulo** quebrou o vaso com um martelo. → Agente  
 b. **Paulo** quebrou o vaso com o empurrão que levou. → Causa  
 c. **Paulo** quebrou a cabeça no acidente. → Paciente  
 d. **Paulo** quebrou a cabeça com aquele problema. → Experienciador

(Adaptado de CORRÊA, 2005, p.15)

Em cada sentença em (143), *quebrar* atribui ao seu argumento externo (*Paulo*) um papel temático diferente, o que nos levaria a propor quatro entradas lexicais para esse verbo. Porém, adotando a proposta de Caçado (2005) de que é toda a proposição que atribui os papéis semânticos para os argumentos verbais, podemos assumir que *quebrar* possui apenas uma entrada lexical em todos esses casos e que os papéis temáticos de seus argumentos são atribuídos pela interação do verbo com o restante da sentença.

Assim, Caçado (2005) lista quatro propriedades semânticas que podem ser atribuídas aos argumentos de um predicado: *desencadeador*, *afetado*, *estativo* e *controle*. A propriedade de *desencadeador* é atribuída ao argumento que é responsável, voluntária ou involuntariamente, pelo desenrolar do evento, como em *o menino quebrou o vaso* e *a chegada do diretor assustou os alunos*, em que os SNs em negrito são os desencadeadores

<sup>42</sup> A proposta de Amaral (2013) para os verbo do tipo *correr* será detalhada no capítulo 4.

dos eventos de *quebrar* e de *assustar*. A propriedade de *afetado* assemelha-se ao papel de Paciente, uma vez que o argumento que a recebe é afetado pelo evento descrito na proposição, passando muitas vezes, por uma mudança, como em *João matou seu colega*, em que *seu colega* é afetado pela ação de João. Já a propriedade de *estativo* é atribuída a um argumento cujas características não se alteram, como em *João leu um livro*, em que *um livro* recebe a propriedade de *estativo* por não ser afetado pela ação de *ler* e por não ser o desencadeador da mesma. Por fim, o *controle* é uma propriedade que sempre aparece associada às demais, de modo que, combinado com a propriedade de *desencadeador*, pode ser visto como a capacidade de desencadear um evento de forma voluntária; com a de *afetado*, como a capacidade de interromper um evento de forma voluntária; e com a de *estativo*, como a capacidade de interromper um estado também de forma voluntária.

Voltando para os trabalhos de Corrêa (2005) e de Cançado e Corrêa (2006), vimos que as autoras dividem os verbos de trajetória do PB em seis classes distintas quanto às propriedades atribuídas aos argumentos presentes nas proposições. A primeira classe é composta pelos verbos que apresentam um argumento externo desencadeador, que pode ou não se deslocar durante o decorrer do evento, um argumento interno afetado, que é deslocado pela ação denotada pelo verbo, e um terceiro argumento preposicionado que exerce a função de locativo e pode receber a propriedade de afetado. Exemplos desses verbos podem ser vistos a seguir:

- (144) A mãe sentou o menino na mesa.
- (145) O piloto aterrissou o avião em São Paulo.
- (146) O professor colocou o livro na mesa.

A segunda classe apresenta verbos que possuem um argumento externo desencadeador (com controle opcional), que pode ou não ser deslocado durante o evento, um argumento interno afetado e deslocado e um terceiro argumento preposicionado, que exerce a função de trajetória:

- (147) A mãe desceu o filho da cama.
- (148) A mãe levou os filhos para a escola.
- (149) O jogador chutou a bola para o gol.

A terceira classe é formada por verbos que possuem um sujeito desencadeador e deslocado pelo evento (com controle opcional) e um locativo também afetado:

- (150) O menino chegou na sala.
- (151) A criança entrou no quarto.
- (152) Ana saiu da cozinha.

A quarta classe possui verbos que têm como sujeito um desencadeador deslocado pelo evento (com controle opcional) e uma trajetória:

- (153) O garoto correu para a rua.
- (154) Sônia voltou de Paris.
- (155) O menino caminhou até o parque.

A quinta classe é composta por verbos que possuem um argumento externo deslocado e afetado pelo evento e um argumento preposicionado locativo também afetado:

- (156) O copo caiu do armário.
- (157) O fantasma apareceu na sala.
- (158) O copo escorregou da mão da moça.

Por fim, os verbos da sexta classe têm como sujeito um desencadeador deslocado (com controle opcional), possuem um argumento locativo afetado e uma trajetória opcional:

- (159) O atleta atravessou a piscina de uma ponta a outra.
- (160) O fiel subiu as escadas da Penha do primeiro ao último degrau.

No entanto, se partirmos do pressuposto de que apenas os verbos que compartilham as mesmas propriedades semânticas e os mesmos comportamentos sintáticos formam uma classe verbal (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, 2005; LEVIN, 1993; RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a), veremos que a divisão das classes feita por Corrêa (2005) e Corrêa e Cançado (2006) não se encaixa nessa definição.

Começemos com os verbos de (144) a (146), que as autoras classificam como pertencentes a uma só classe. O verbo *aterrissar* em (144) deriva um SN eventivo (161b),

enquanto o mesmo não ocorre para *colocar* e *sentar* (162b, 163b). Esse último, assim como *aterrissar*, alterna entre uma forma transitiva (161a, 163a) e uma intransitiva (151c, 163c), diferentemente de *colocar*.

- (161) a. O piloto aterrissou o avião em São Paulo.  
 b. A aterrissagem do avião (em São Paulo) durou 10 minutos.  
 c. O avião aterrissou (em São Paulo).
- (162) a. O professor colocou o livro na mesa.  
 b. \*A colocada do livro na mesa  
 c. \*O livro colocou na mesa.
- (163) a. A mãe sentou o menino na mesa.  
 b. ? A sentada do menino (na mesa)  
 c. O menino sentou (na mesa)

Os verbos de (147) a (149) também não apresentam o mesmo comportamento sintático:

- (164) a. A mãe desceu o filho da cama.  
 b. A descida do filho da cama às 8h.  
 c. O filho desceu da cama.
- (165) a. A mãe levou os filhos para a escola.  
 b. \*A levada dos filhos para a escola  
 c. \*Os filhos levaram para escola.
- (166) a. O jogador chutou a bola para o gol.  
 b. O chute da bola para o gol  
 c. \*A bola chutou para o gol.

Os verbos *descer* e *chutar* derivam um SN eventivo (164b, 166b), mas apenas o verbo *descer* possui uma forma intransitiva (164c). Já o verbo *levar* não deriva um SN (165b) nem possui uma forma intransitiva (165c).

Os verbos pertencentes à quarta classe também se comportam de modo diferente sintaticamente: os verbos *correr* e *caminhar* aceitam o apagamento do SP (167b, 169b) e derivam SNs eventivos (167c, 169c), enquanto *voltar*, embora também derive um SN eventivo (168c) só aceita o apagamento do SP em situações dêiticas (168b). Tal fato nos leva

a pensar que o SP é argumento de *voltar* (DEMONTE, 2011) e adjunto dos verbos *correr* e *caminhar* (AMARAL, 2013).

- (167) a. O garoto correu para rua.  
 b. O garoto correu o dia todo.  
 c. A corrida do garoto durou 3 horas.
- (168) a. Sônia voltou de Paris.  
 b. Sônia voltou. → gramatical apenas com leitura dêitica  
 c. A volta de Sônia de Paris/ a volta de Paris durou o dia todo.
- (169) a. O menino caminhou até o parque.  
 b. O menino caminhou o dia todo.  
 c. A caminhada do menino durou 3 horas

Os verbos da sexta classe, por sua vez, também se comportam de maneira distinta em pelo menos um aspecto: tanto *saltar* quanto *subir* permitem o apagamento do SP (170b, 171b), o que sugere que ele não é um argumento verbal, mas apenas *saltar* aceita o apagamento do SN sem que seja necessária uma interpretação dêitica.

- (170) a. O atleta saltou a barreira de um lado para o outro.  
 b. O atleta saltou a barreira.  
 c. O atleta saltou.
- (171) a. O fiel subiu as escadas da Penha do primeiro ao último degrau.  
 b. O fiel subiu as escadas da Penha.  
 c. O fiel subiu. → gramatical apenas com leitura dêitica

A terceira classe é a única que parece ter comportamento uniforme entre os seus membros. Os verbos *chegar*, *entrar* e *sair* só aceitam o apagamento do SP em situações dêiticas (172b, 173b, 174b) e todos derivam um SN eventivo (172c, 173c, 174c):

- (172) a. O menino chegou na sala.  
 b. O menino chegou. → gramatical apenas com leitura dêitica  
 c. A chegada do menino na sala às 15h.
- (173) a. A criança entrou no quarto.  
 b. A criança entrou. → gramatical apenas com leitura dêitica

- c. A entrada da criança no quarto às 15h
- (174) a. Ana saiu da cozinha.
- b. Ana saiu. → gramatical apenas com leitura dêitica
- c. A saída de Ana da cozinha às 15h

Quanto aos verbos da quinta classe, temos que eles apresentam comportamentos semelhantes, mas com algumas ressalvas: os verbos *cair*, *escorregar* e *aparecer* apagam o SP. No entanto, *aparecer* só admite o apagamento desse em situações dêiticas. Os verbos *cair* e *aparecer* derivam SNs eventivos (175c, 176c), no entanto, enquanto *aparecimento* deriva morfologicamente de *aparecer*, o mesmo não acontece para *cair* e *queda*.

- (175) a. O copo caiu do armário.
- b. O copo caiu.
- c. A queda do copo às 15h
- (176) a. O fantasma apareceu na sala.
- b. O fantasma apareceu. → gramatical apenas com leitura dêitica
- c. O aparecimento do fantasma às 15h
- (177) a. O copo escorregou da mão da moça.
- b. O copo escorregou (e quebrou).
- c. \*O escorregão do copo da mão da moça às 15h

Visto isso, fica claro que, para formar classes verbais constituídas por verbos que realmente compartilham propriedades semânticas e sintáticas, a divisão dos verbos de trajetória feita por Corrêa (2005) e por Corrêa e Cançado (2006) deve ser reformulada. Além disso, os trabalhos das autoras corroboram a afirmação feita no capítulo 2 de que os papéis temáticos não são suficientes para agrupar os verbos em classes semânticas que tenham relevância para a sintaxe verbal.

Moraes (2008) desenvolve uma análise dos verbos de movimento do PB, baseada no trabalho de Levin (1993), objetivando contribuir para o desenvolvimento de uma Wordnet para essa língua. Uma Wordnet é uma rede semântica implementada computacionalmente que organiza os itens lexicais em conjuntos de itens, chamados de *synsets*, que apontam para o mesmo conceito semântico. O autor chega à conclusão de que os verbos de movimento do PB dividem-se em dois grandes grupos, cujos respectivos membros compartilham os mesmos modos de realização dos argumentos: verbos do tipo *subir*, que são intransitivos e que

denotam o deslocamento direcionado de uma entidade animada, e verbos do tipo *rolar*, que expressam o modo de movimento de uma entidade inanimada, sendo que o movimento pode ser acompanhado ou não de deslocamento. Esses últimos podem ser tanto transitivos quanto intransitivos e participam da alternância causativo-incoativa.

Na classe de *subir*, encontram-se verbos como *avançar, descer, cair, chegar, despencar, entrar, escapar, ir, partir, recuar, sair, subir, vir e voltar*. Segundo o autor, eles são intransitivos, pois, na sintaxe, realizam um sujeito e facultativamente um adjunto. Contudo, esses verbos parecem pedir dois argumentos, um Tema e um sintagma que tem a função de Fonte ou de Meta, de modo que, quando o omitimos sintaticamente, a sentença só tem sentido se lhe atribuirmos uma leitura dêitica (DEMONTE, 2011; CORRÊA, 2005; CORRÊA; CANÇADO, 2006). Retomemos os exemplos de (172) a (174) que evidenciam essa afirmação:

- (178) a. O menino chegou na sala.  
       b. O menino chegou. → gramatical apenas com leitura dêitica
- (179) a. A criança entrou no quarto.  
       b. A criança entrou. → gramatical apenas com leitura dêitica
- (180) a. Ana saiu da cozinha.  
       b. Ana saiu. → gramatical apenas com leitura dêitica

As sentenças em (178b), (179b), (180b) são compreensíveis somente se interpretarmos que os eventos de *chegar, entrar e sair* ocorreram no local onde se encontra o falante que as proferiu.

Além disso, outro problema para a proposta de Moraes (2008) é que os verbos da classe de *subir* também denotam o movimento de entidades inanimadas e não apenas de animadas, como afirma o autor. As sentenças a seguir expressam o movimento de objetos através de uma trajetória:

- (181) A carta chegou na casa da Maria.  
 (182) A bola entrou no gol.  
 (183) O bolo saiu da forma.

Para os verbos de modo de movimento do PB (*rolar, girar, quicar, rodar, rodopiar*), o autor propõe que eles descrevem o movimento de entidades inanimadas, mas eles também se combinam com SNs animados (AMARAL, 2010; 2015):

- (184) O menino rolou no chão.
- (185) A bailarina girava sem parar.
- (186) A dançarina rodopiava lindamente.

Como afirma Moraes (2008), esses verbos alternam entre uma forma intransitiva e outra transitiva:

- (187) O João rolou a bola.
- (188) O mestre sala girou a porta bandeira.
- (189) O menino rodopiou o peão.

Porém, contrariamente ao que propõe o autor, essa alternância não pode ser classificada como causativo-incoativa, segundo Amaral (2015).

Findada essa seção, fica clara a necessidade de se (re)fazer um levantamento dos verbos de movimento do PB e de rever as suas divisões em classes propostas na literatura, como o que faremos no capítulo 4.

### **3.3 Movimento e inacusatividade**

Segundo Levin e Rappaport Hovav (1992), os verbos de movimento foram considerados, por um bom tempo, um problema para a hipótese de que a inacusatividade é uma propriedade sintática dos verbos semanticamente determinada.

A Hipótese Inacusativa, como formulada por Perlmutter (1978) e adotada por Burzio (1986), é uma hipótese sintática que propõe que os verbos intransitivos são divididos em duas classes: verbos inergativos e verbos inacusativos. Ambos têm apenas um argumento, porém o único argumento dos primeiros possui propriedades de sujeito e o único argumento dos segundos possui propriedades de objeto direto. Desse modo, a estrutura profunda de um verbo inacusativo é representada por (190a) enquanto a de um verbo inergativo, por (190b):

- (190) a. Verbo inacusativo: \_\_\_\_ [<sub>SV</sub> V SN]

## b. Verbo inergativo: SN [sv V]

(Adaptado de LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, p. 247)

De acordo com Levin e Rappaport Hovav (1992), através da Hipótese Inacusativa é possível postular uma regra de correspondência entre a sintaxe e a semântica que determina a qual classe o verbo pertence. Argumentos Agentes são sujeitos em estrutura profunda, enquanto argumentos Pacientes são objetos diretos na mesma. Assim, classes semânticas de verbos tendem a se comportar da mesma forma com relação à inacusatividade, uma vez que os argumentos de verbos pertencentes a uma mesma classe compartilham as mesmas funções semânticas.

No entanto, nem sempre a relação entre semântica e sintaxe funciona como o proposto pela Hipótese Inacusativa, pois verbos pertencentes a uma mesma classe semântica não se comportam de maneira uniforme em relação aos testes usados para determinar se um verbo intransitivo deve ser classificado como inergativo ou como inacusativo. Alguns verbos de movimento têm o comportamento de verbos inacusativos, outros apresentam propriedades de verbos inergativos (LEVIN, RAPPAPORT HOVAV, 1992) e ainda há outros que apresentam propriedades de verbos transitivos (AMARAL, 2015), como veremos mais adiante.

Levin e Rappaport Hovav (1992) afirmam que os sujeitos dos verbos de movimento denotam uma entidade que se move (podendo ou não haver mudança de lugar), e, por isso, devem ser classificados como Tema (GRUBER, 1965). Tal afirmação sugere que esses sujeitos superficiais são objetos diretos na estrutura profunda. Contudo, verbos de movimento como *run* ‘correr’ e *swim* ‘nadar’ frequentemente se comportam como verbos inergativos em diferentes línguas, enquanto verbos do tipo *come* ‘vir’ e *descend* ‘descer’ exibem propriedades de verbos inacusativos.

No entanto, as autoras argumentam que, apesar da diferença de comportamento em relação à inacusatividade, os verbos de movimento não apresentam um problema para a hipótese de que a inacusatividade é semanticamente determinada. O que acontece é que nem todas as propriedades semânticas são relevantes na determinação da inacusatividade de um verbo intransitivo, que é o que ocorre com a propriedade semântica *movimento*. Assim, o fato de os verbos possuírem a propriedade semântica *movimento* não faz com que eles se comportem uniformemente em relação à inacusatividade e nem com que constituam uma única classe semântica.

Como vimos na seção anterior, Levin e Rappaport Hovav (1992) dividem os verbos de movimento do inglês em três classes: os verbos de movimento direcional, como *arrive*

‘chegar’ e *descend* ‘descer’, os verbos de modo de movimento do tipo *run* ‘correr’ e os de modo de movimento do tipo *roll* ‘rolar’. Quanto à inacusatividade as autoras propõem que eles se comportam da seguinte forma: os verbos da classe de *arrive* e de *roll* são inacusativos, enquanto os da de *run* são inergativos.

Todos os verbos da classe de *arrive* apresentam comportamento inacusativo, mesmo quando usados agentivamente. O verbo *cadere* ‘cair’ do italiano, por exemplo, seleciona o auxiliar inacusativo *essere* ‘ser’ mesmo quando apresenta uso agentivo:

(191) Luigi è caduto apposta.

‘Luigi caiu propositalmente.’

(LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, p. 253)

A evidência para o comportamento inacusativo desses verbos em inglês é a sua participação na inversão locativa, uma vez que essa é considerada como um teste de inacusatividade para essa língua:

(192) ... out of house came a tiny old lady and three or four enormous people...

‘...para fora da casa vieram uma senhora pequena e velha e três ou quatro pessoas enormes...’

(BROMFIELD, 1933 *apud* LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992, p. 254)

Assim como vários linguistas buscaram evidências empíricas para uma caracterização dos verbos inacusativos, também no português, foram propostos alguns testes para diagnosticar a inacusatividade<sup>43</sup>.

Verbos inacusativos aceitam a formação de particípio adjetival com seu argumento, enquanto o mesmo não ocorre com os inergativos:

(193) O homem morto

(194) O bebê nascido

(195) \*O atleta corrido

(196) \*O atleta pulado

---

<sup>43</sup> Para uma análise extensa sobre os verbos inacusativos do português ver Duarte (2003) e Eliseu (1984), para o português europeu, e Ciríaco e Cançado (2004), Silva e Farias (2011) e Munhoz (2011) para o PB.

O argumento dos verbos inacusativos aceita a posposição, até mesmo com ausência de concordância na linguagem coloquial, o que evidencia seu comportamento de objeto.

- (197) Morreu uma pessoa/ umas pessoas na manifestação.
- (198) Nasceu um bebê/ três bebês hoje.
- (199) \*Correu um atleta/ uns atletas.
- (200) \*Pulou um atleta/ uns atletas.

Os verbos inergativos aceitam um objeto cognato, ao contrário dos inacusativos, que não aceitam por já terem essa posição ocupada:

- (201) O atleta correu uma corrida rápida.
- (202) O atleta pulou um pulo alto.
- (203) ? O homem morreu uma morte dolorosa.
- (204) \*O bebê nasceu um nascimento demorado.

Por fim, o argumento dos verbos inergativos se comporta como Agente, enquanto o dos inacusativos, como Paciente. Assim, os verbos inergativos respondem adequadamente a pergunta em (205a) e em (206a), contrariamente aos inacusativos, que não respondem a esse tipo de questão<sup>44</sup>:

- (205) a. O que o atleta fez?  
b. O atleta correu/ pulou.
- (206) a. O que o homem/ o bebê fez?  
b. \*O homem morreu/ o bebê nasceu.

Contudo, os verbos do tipo *chegar* do PB não corroboram todos os testes de inacusatividade propostos para essa língua. Em primeiro lugar, eles não aceitam a formação de participio adjetival junto ao seu argumento:

- (207) \*O menino chegado na festa

---

<sup>44</sup> Jackendoff (1990) propõe que argumentos agentes ocorrem em estruturas do tipo “o que o x fez foi”. Portanto, o fato de um verbo responder adequadamente a uma pergunta do tipo “o que o x fez?” evidencia a agentividade de seu argumento.

- (208) \*O menino entrado no quarto.  
 (209) \*O menino ido para a escola.  
 (210) \*O menino saído de casa.

Além disso, eles respondem adequadamente à pergunta “o que o x foi?”, uma vez que podem ter leitura agentiva:

- (211) a. O que o menino fez?  
 b. ?O menino chegou na festa.  
 c. O menino entrou no quarto.  
 d. O menino foi para a escola.  
 e. O menino saiu de casa.

O que evidencia a inacusatividade desses verbos é o fato de eles não permitirem um objeto cognato e de seus argumentos aceitarem naturalmente a posposição:

- (212) a. \*O menino chegou uma chegada triunfante na festa.  
 b. Chegou um menino/ uns meninos na festa.  
 (213) a. \*O menino entrou uma entrada repentina no quarto.  
 b. Entrou um menino/ uns meninos no quarto.  
 (214) a. \*O menino foi uma ida rápida para a escola.  
 b. Foi um menino/ uns meninos para a escola.  
 (215) a. \*O menino saiu uma saída rápida de casa.  
 b. Saiu um menino/ uns meninos de casa.

Porém, diferentemente dos demais verbos inacusativos, os verbos do tipo *chegar* têm dois argumentos, um SN Tema (que pode ter uma leitura agentiva) e um SP que denota Fonte, Meta ou ambos.

- (216) O menino chegou na festa/ O menino chegou de São Paulo.  
 Tema                      Meta      Tema                      Fonte

- (217) O menino entrou no quarto.  
 Tema                      Meta

(218) O menino foi para a escola.

Tema                      Meta

(219) O menino saiu de casa/ O menino saiu para a casa do amigo.

Tema                      Fonte      Tema                      Meta

A natureza argumental do SPs é evidenciada pelo fato de que, quando apagados, as sentenças são interpretáveis apenas com leitura dêitica:

(220) O menino chegou. → gramatical apenas com leitura dêitica

(221) O menino entrou. → gramatical apenas com leitura dêitica

(222) \*O menino foi.<sup>45</sup>

(223) O menino saiu. → gramatical apenas com leitura dêitica

Além disso, ao aplicarmos o teste proposto por Miotto, Silva e Lopes (2007), explicitado na metodologia deste trabalho, vemos que essa sentença não fica ambígua. Isso evidencia que o SP é argumento verbal.

(224) A Maria disse que o menino chegou na festa.

(225) A Maria disse que o João dançou na cozinha.

A sentença em (224) não é ambígua, de modo que temos apenas a leitura de que *na festa* é o local onde o menino chegou, o que mostra que o SP é argumento de *chegar*. Já a sentença em (225) apresenta duas leituras: uma de que o local onde a Maria disse que o João dançou foi na cozinha e outra de que a Maria disse que o local onde o João dançou foi na cozinha<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> Souto (2014) trata do licenciamento da estrutura argumental do verbo *ir* no PB com o intuito de investigar porque esse verbo aceita o apagamento do SP trajetória em sentenças como *O menino já foi/ o menino se foi/ o menino foi embora*, mas não em sentenças que contêm apenas o SN Tema e o verbo: *\*o menino foi*. A autora conclui que o verbo *ir* pode ser licenciado sem a presença da trajetória desde que esse argumento seja saturado pela presença de categorias funcionais, como expressões adverbiais e outras categorias aspectuais, como a perfectividade. Não entraremos em detalhes da proposta da autora por não ser o foco de nosso trabalho.

<sup>46</sup> O teste proposto por Miotto, Silva e Lopes (2007) só funciona com SPs locativos, ou seja, formados pela preposição *em*, seguida de um SN. Esses SPs adquirem sentido direcional quando combinados com verbos de movimento que acarretam deslocamento (BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010).

Dessa forma, Munhoz (2011) e Munhoz e Naves (2012), ao analisarem sentenças de tópico-sujeito no PB<sup>47</sup>, propõem que verbos do tipo *chegar* são inacusativos de dois lugares, uma vez que, apesar de o SN Tema e o SP Trajetória serem argumentos, não se trata de um argumento externo e de um interno. Assim, o que diferencia os verbos ergativos dos inacusativos é que, enquanto os primeiros têm um argumento externo, os segundos não o possuem, podendo selecionar um ou dois argumentos internos. Portanto, a estrutura argumental dos verbos do tipo *chegar* é configurada da seguinte forma:

(226) \_\_\_\_ [<sub>VP</sub> V SN SP]

Na sintaxe, o SN sobe para a posição de sujeito para receber caso nominativo, enquanto o caso do SN que se encontra dentro do SP é atribuído pela preposição que o encabeça (MUNHOZ, 2011).

Passando para os verbos de modo de movimento, Levin e Rappaport Hovav (1992) propõem que, se o significado do verbo implica a presença de uma causa direta externa, então ele deve ser considerado inacusativo, enquanto se o verbo for (-DEC), é encontrado na configuração sintática de ergativo. Desse modo, verbos do tipo *roll* ‘rolar’ são basicamente inacusativos, enquanto os do tipo *run* ‘correr’ são inergativos.

De fato, os verbos da classe de *correr* no PB se comportam como inergativos típicos, uma vez que não formam participio adjetival com seu argumento (224b, 225b, 226b, 227b) e estes não aceitam a posposição (227c, 228c, 229c, 230c):

- (227) a. O atleta correu.  
 b. \*O atleta corrido  
 c. \*Correu o atleta.
- (228) a. O menino caminhou (a tarde toda).  
 b. \*O menino caminhado  
 c. \*Caminhou o menino.
- (229) a. O Pedro nadou.  
 b. \*O Pedro nadado

---

<sup>47</sup> Segundo Munhoz (2011) e Munhoz e Naves (2012) existem dois tipos de tópico-sujeito no PB: o genitivo, onde um só argumento aparece de forma descontínua na sentença - *o meu carro furou o pneu (o pneu do meu carro furou)*; e o locativo, onde um elemento locativo aparece na posição de sujeito/ tópico, enquanto um elemento Tema aparece na posição de objeto - *meu bolso coube minha carteira (minha carteira coube no meu bolso)*.

- c. \*Nadou o Pedro.
- (230) a. O atleta pulou.  
b. \*O atleta pulado  
c. \*Pulou o atleta.

Além disso, esses verbos aceitam objetos cognatos, o que evidencia que essa posição não se encontra previamente ocupada.

- (231) O atleta correu uma corrida rápida.  
(232) O menino caminhou uma caminhada longa.  
(233) O Pedro nadou um nado borboleta.  
(234) O atleta pulou um pulo alto.

Quanto aos verbos do tipo *rolar*, vemos que eles não se encaixam nos testes de inacusatividade, embora sejam assim classificados por Levin e Rappaport Hovav (1992). Em primeiro lugar, eles não formam participio adjetival com o seu argumento:

- (235) a. O lápis rolou.  
b. ?O lápis rolado
- (236) a. A cortina balançou.  
b. \*A cortina balançada
- (237) a. O peão girou.  
b. \*O peão girado
- (238) a. A bailarina rodopiou.  
b. \*A bailarina rodopiada

Além disso, eles não parecem aceitar a posposição como os verbos da classe de *chegar* aceitam:

- (239) ?Rolou o lápis.  
(240) ?Balançou a cortina.  
(241) ? Girou o peão.  
(242) ?Rodopiou a bailarina.

Por fim, esses verbos aceitam um objeto cognato/ hipônimo, o que não é esperado em verbos inacusativos:

- (243) O perdedor rolou um rolamento mediano.  
(<https://angelfire.com/rpg2/fudgebrasilmg/fudge-traducao/HTML/comabtehtm> - Acessado em 09/12/2015)
- (244) O escritório tremeu e balançou um balanço que provoca enjoos e dor de cabeça.  
([https://ovosestrelados.blogspot.com.br/2004\\_12\\_01\\_archive.html](https://ovosestrelados.blogspot.com.br/2004_12_01_archive.html) - Acessado em 09/12/2015)
- (245) O cidadão girou um giro de 360° em câmara lenta.  
(<https://caminhodocareca.blogspot.com.br/2012/10/resgatando-o-sortudo.html> Acessado em 09/12/2015)
- (246) Zac rodopiou um giro no ar.  
(<https://fanfiction.com.br/historia/424999/Jily-HowImetyou/capitulo/32/> - Acessado em 09/12/2015)

A partir daí, Amaral (2015) propõe que os verbos de modo de movimento do PB são basicamente transitivos (247, 248, 249, 250) e alternam com uma forma intransitiva (235a, 236a, 237a, 238a). Essa, por sua vez, é o que a autora chama de forma média: uma alternância transitivo-intransitiva que ocorre com verbos alternantes que acarretam movimento para o seu argumento interno.

- (247) O treinador de judô rolou o aluno.
- (248) A menina balançou a cortina.
- (249) O menino girou o peão.
- (250) O bailarino rodopiou a bailarina.

Até agora, vimos que a propriedade semântica *movimento* não é relevante para a inacusatividade, uma vez que os verbos de movimento podem ser inacusativos, inergativos e transitivos, nem para a formação de classes semânticas que prevejam o comportamento verbal na sintaxe, já que os verbos que denotam movimento dividem-se em mais de uma classe. Dessa forma, no capítulo seguinte, mostramos quais são as classes pelas quais os verbos de movimento do PB se distribuem.

## CAPÍTULO 4: MOVIMENTO E CLASSES VERBAIS NO PB

Como mostramos no decorrer desta dissertação, autores como Levin e Rappaport Hovav (1992), Levin (1993) e Jackendoff (1990) propõem que os verbos de movimento não constituem uma classe única, pois apresentam propriedades semânticas distintas, como aspecto lexical e número de argumentos verbais, e diferentes comportamentos sintáticos.

Neste capítulo, baseadas nas propostas dos autores, mostramos que a propriedade semântica *movimento* também não é relevante para a divisão dos verbos do PB em classes, uma vez que os verbos de movimento dessa língua agrupam-se em diferentes classes, sendo que cada uma possui uma estrutura de decomposição de predicados específica. Também pretendemos mostrar como o *movimento* é representado na estrutura argumental dos verbos.

### 4.1 Verbos de realização de evento

Como vimos nos capítulos 1 e 3, Levin e Rappaport Hovav (1992) e Levin (1993) dividem os verbos de movimento do inglês em três classes, dentre as quais se encontra a classe dos verbos do tipo *run* ‘correr’. Esses são, segundo as autoras, verbos como *andar*, *caminhar*, *galopar*, *nadar*, *pular* e *saltar*, que lexicalizam a maneira como ocorre o movimento, não trazendo, portanto, informações sobre a trajetória ou a direção do mesmo. Além disso, são verbos inergativos que denotam atividades.

O aspecto lexical de atividade desses verbos pode ser evidenciado a partir do teste do paradoxo do imperfectivo:

(251) O menino estava correndo. ⊢ O menino correu.

(252) O menino estava caminhando. ⊢ O menino caminhou.

(253) O menino estava nadando. ⊢ O menino nadou.

Como já mencionamos nesta dissertação, verbos que denotam atividades, quando postos no imperfectivo, acarretam que a ação foi realizada, contrariamente aos verbos de *accomplishment*.

Em uma análise sobre os predicados primitivos ACT e DO na representação semântica dos verbos, Amaral (2013) aponta que Van Valin (2005) propõe que os verbos de atividade são representados pelo elemento **do**’:

- (254) v: **do'**(x, [pred'(x)])  
*correr*: **do'**(x, [correr'(x)])

(VAN VALIN, 2005, *apud* AMARAL, 2013, p. 58)

De acordo com Amaral (*op. cit.*), o autor distingue o primitivo DO em dois predicados: um que representa atividade (**do'**) e outro que representa agentividade (DO). Assim, a representação completa de *correr* seria:

- (255) *correr*: DO (**do'**(x, [correr'(x)])

Rappaport Hovav e Levin (1998), por sua vez, propõem a seguinte estrutura para os verbos do tipo *correr* (estrutura já apresentada nos exemplos 12 e 141), uma vez que eles são considerados verbos de maneira em geral:

- (256) *run* 'correr': [ X ACT <sub><MANNER></sub>]

(Adaptado de RAPPAPORT HOVAV; LEVIN, 1998, p. 109)

Levin e Rappaport Hovav (1992) propõem a existência de dois tipos de verbos de modo de movimento: os verbos do tipo *correr* e os do tipo *rolar*. O que diferencia essas duas classes é a presença do traço (DEC), causa externa direta, uma vez que os verbos da classe de *correr* exibem valor negativo para esse traço, pois envolvem um participante que tem controle sobre o desempenho da ação. Os verbo do tipo *rolar*, por sua vez, são (+DEC), porque não possuem um participante que controla a realização do evento, como mostramos nas sentenças em (135) e em (136).

Diferentemente das autoras, Jackendoff (1990) trata os verbos de modo de movimento como uma única classe, pois para ele o que importa é o fato de esses verbos não exibirem a presença de uma trajetória. Assim, o autor propõe para os verbos de modo de movimento, a seguinte representação, que mostramos em (10) e em (139) e aqui retomamos:

- (257) v: [Event MOVE ([Thing ])]

(JACKENDOFF, 1990, p. 99)

Amaral (2013) propõe que os verbos do tipo *correr* no PB lexicalizam a realização de um evento no mundo, de modo que devem possuir uma raiz <EVENT> em sua estrutura semântica. Isso pode ser evidenciado pelo fato de esses verbos aceitarem um objeto cognato/hipônimo que especifica esse evento:

(258) O atleta correu a corrida final do campeonato.

(259) O atleta nadou um nado borboleta.

(260) O homem caminhou a caminhada do dia.

(Adaptado de AMARAL, 2013, p. 59)

Jackendoff (1983, 1990) e Pinker (1989) propõem que EVENT é uma categoria ontológica básica que se encontra na estrutura conceptual<sup>48</sup> juntamente a outras categorias, como THING, PLACE, STATE e PATH. De acordo com Jackendoff (1990), cada constituinte sintático de uma sentença pertence a um constituinte conceptual. Desse modo, em uma sentença do tipo *John ran toward the house* ‘John correu para casa’, *John* e *the house* pertencem à categoria ontológica THING, o SP, *toward the house*, à PATH, e a sentença inteira pertence à categoria ontológica EVENT. Embora eventos sejam geralmente relacionados às sentenças inteiras, o autor reconhece que palavras, como *war* ‘guerra’ (JACKENDOFF, 1990, p. 23) podem se referir a eventos. Assim, Amaral (2013) propõe que palavras como *corrida*, *nado* e *caminhada* pertencem à categoria ontológica dos eventos.

A autora afirma que podemos construir paráfrases para os verbos do tipo *correr* com o verbo *fazer*, que corresponderia ao primitivo DO, e com nomes que denotam eventos<sup>49</sup>:

(261) O João correu 5 km hoje. † † O João fez uma corrida de 5 km hoje.

(262) A menina já caminhou hoje. † † A menina já fez caminhada hoje.

(263) As crianças gostavam de nadar cachorrinho. † † As crianças gostavam de fazer nado cachorrinho.

(AMARAL, 2013, p 60)

<sup>48</sup> Segundo Jackendoff (1983, 1990), a estrutura conceptual se refere à maneira como os falantes organizam as representações mentais do significado das expressões linguísticas.

<sup>49</sup> Proposta semelhante pode ser vista em Pinker (1989), uma vez que o autor afirma que os verbos inergativos podem ser parafrazeados como *perform some action or activity* ‘fazer/realizar uma ação ou atividade’.

O primitivo DO foi proposto inicialmente nos trabalhos de Ross (1972) e de Dowty (1979), estando ligado intrinsecamente à ação e à agentividade no primeiro, e funcionando como um operador aspectual no segundo<sup>50</sup>. No entanto, para ambos os autores, DO é um predicado semântico de dois lugares que relaciona uma entidade a um evento.

Contudo, Amaral (2013) reformula a proposta dos autores para o PB e conclui que DO não está relacionado à noção de agentividade, uma vez que existem verbos que lexicalizam eventos realizados por sujeitos não volitivos, como *chorar* e *espirrar* (*o menino chorou involuntariamente/ a criança espirrou acidentalmente*). Dessa forma, o primitivo DO tem apenas a função de relacionar uma entidade X a um evento.

Assim, a autora propõe a seguinte estrutura para os verbos do tipo *correr*:

- (264) v: [X DO < EVENT>]  
 a. *correr*: [X DO < CORRIDA>]  
 b. *nadar*: [X DO < NADO>]  
 c. *caminhar*: [X DO < CAMINHADA>]

Além do objeto cognato, podemos derivar desses verbos um SN eventivo:

- (265) a. O atleta correu muito hoje.  
 b. A corrida do atleta  
 (266) a. O atleta nadou muito hoje.  
 b. O nado do atleta  
 (267) a. O homem caminhou muito hoje.  
 b. A caminhada do homem

Através dessa estrutura, derivamos as seguintes propriedades sintático-semânticas dos verbos pertencentes a essa classe: (i) os verbos são monoargumentais, de modo que apresentam um argumento externo que realiza um evento; (ii) derivam um SN eventivo.

Também é importante mencionar que, embora possuam o aspecto básico de atividade, esses verbos podem denotar *accomplishments* quando combinados com SNs ou com SPs que indicam um ponto final.

---

<sup>50</sup> O trabalho de Dowty (1979) é voltado para a formação das classes aspectuais formuladas por Vendler (1967). Em sua proposta, estados são elementos básicos, enquanto *accomplishments*, *achievements* e atividades são aspectos derivados de uma operação feita sobre os primeiros através dos elementos DO, CAUSE e BECOME. Dessa forma, DO é concebido como um operador aspectual que opera sobre estados dando origem a atividades.

- (268) O atleta correu 5 km.  
 (269) O homem caminhou até o trabalho.

Nas sentenças acima, temos o que Cançado e Amaral (no prelo), baseadas em Smith (1997), chamam de aspecto derivado ou de aspecto da sentença.

Por fim, ressaltamos, seguindo Amaral (2013), que o fato de verbos como *correr*, *dançar*, *nadar*, *pular*, *caminhar*, entre outros, denotarem movimento é uma propriedade idiossincrática desses verbos, uma vez que existem verbos que não são de movimento, mas que se comportam da mesma maneira dos que descremos nesta seção, ou seja, também aceitam objetos cognatos que denotam eventos e derivam SNs eventivos:

- (270) a. O menino chorou por horas.  
       b. O menino chorou um choro triste.  
       c. O choro do menino
- (271) a. A menina riu alto.  
       b. A menina riu uma risada escandalosa.  
       c. A risada da menina.
- (272) a. O velho roncou a noite toda.  
       b. O velho roncou um ronco profundo.  
       c. O ronco do velho.

Fazem parte desta classe 22 verbos que denotam movimento.

Neste trabalho, adotamos a proposta de Amaral (2013) para os verbos do tipo *correr* do PB, pois concordamos com a análise da autora.

## 4.2 Verbos de trajetória

A alcunha “verbos de trajetória” (TALMY, 1985, 2000; JACKENDOFF, 1983, 1990) ou “verbos de movimento direcional” (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992; LEVIN, 1993, DEMONTE, 2011, ZUBIZARRETA; OH, 2011) se refere, na literatura, a verbos que incluem em seu significado a especificação da direção do movimento, como *subir*, *descer*, *entrar*, *sair*, *ir*, *vir*, entre outros. Dessa forma, *subir* significa ‘ir para cima’, *descer*, ‘ir para baixo’, *entrar*,

‘ir para dentro’, *sair*, ‘ir para fora’, *ir*, ‘ir para um local distante do falante’<sup>51</sup>, *vir*, ‘ir para um local perto do falante’.

Entretanto, existem verbos classificados tipicamente como de trajetória, como *partir*, *regressar*, *retornar* e *voltar* (LEVIN, 1993; DEMONTE, 2011), que parecem não apresentar um sentido direcional evidente.

- (273) ⊢ O menino subiu para baixo.  
 (274) ⊢ O menino desceu para cima.  
 (275) ⊢ O menino entrou para fora.  
 (276) ⊢ O menino saiu para dentro.  
 (277) ⊢ O menino foi pra cá.  
 (278) ⊢ O menino veio pra lá.  
 (279) a. O soldado partiu/ regressou/ retornou/ voltou para a guerra/ da guerra.  
 b. O soldado partiu/ regressou/ retornou/ voltou pra lá/de lá/ daqui.

As sentenças de (273) a (279) são contraditórias, pois o SP contradiz a direção veiculada pelo significado verbal, o que mostra que esses verbos realmente lexicalizam um tipo de movimento direcional. Porém, a sentença em (279b) nos mostra que os verbos *partir*, *regressar*, *retornar* e *voltar* parecem não conter em seu sentido uma ideia direcional inerente, pois não conseguimos negá-la.

Contudo, todos os verbos denominados “verbos de trajetória” possuem dois argumentos: um SN que se move por uma trajetória, e um SP que expressa a trajetória (Fonte ou Meta) percorrida pelo SN (LEVIN, 1993; DEMONTE, 2011; CORRÊA, 2005; CORRÊA; CANÇADO, 2006; SOUTO, 2014):

- (280) O menino subiu para a casa da avó<sup>52</sup>. → Meta  
 (281) A criança desceu da bicama. → Fonte

<sup>51</sup> Os verbos *ir* e *vir* são tipicamente dêiticos (LEVIN, 1993; SOUTO, 2014).

<sup>52</sup> Os verbos *descer* e *subir* podem apresentar uma forma bitransitiva: *a mãe subiu o menino na cama/ a mãe desceu o menino da cama*. No entanto, propomos, através de uma analogia com noção de evento internamente causado (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1994, 1995), que a forma básica desses verbos é a que possui um SN sujeito e um SP trajetória, pois mesmo na forma bitransitiva, quem realiza o movimento de *subir* e *descer* é o próprio menino. Acreditamos que esses verbos se comportam, em relação à noção de causa interna e externa, como os verbos do tipo *to walk* ‘caminhar’ e *to jump* ‘pular’, do inglês, mostrados nos exemplos (134) e (135) desta dissertação.

- (282) A professora entrou na sala<sup>53</sup>. → Meta  
 (283) A moça saiu do quarto. → Fonte  
 (284) O ciclista foi até Ouro Preto. → Meta  
 (285) A menina veio do interior. → Fonte  
 (286) O soldado regressou da guerra. → Fonte  
 (287) O soldado retornou do campo de concentração. → Fonte  
 (288) A moça voltou para a casa. → Meta  
 (289) As tropas partiram para o Sul do país. → Meta

Podemos provar que o SP é um argumento verbal, mostrando que ele só pode ser apagado se atribuirmos às sentenças uma leitura dêitica:

- (290) O menino subiu. → gramatical apenas com leitura dêitica  
 (291) A criança desceu. → gramatical apenas com leitura dêitica  
 (292) A professora entrou. → gramatical apenas com leitura dêitica  
 (293) A moça saiu. → gramatical apenas com leitura dêitica  
 (294) O ciclista já foi<sup>54</sup>. → gramatical apenas com leitura dêitica  
 (295) A menina veio. → gramatical apenas com leitura dêitica  
 (296) O soldado regressou. → gramatical apenas com leitura dêitica  
 (297) O soldado retornou. → gramatical apenas com leitura dêitica  
 (298) A moça voltou. → gramatical apenas com leitura dêitica  
 (299) As tropas partiram. → gramatical apenas com leitura dêitica

No entanto, como vimos no capítulo anterior, tanto o SP trajetória quanto o SN são argumentos internos, de modo que esses verbos são considerados inacusativos de dois lugares (MUNHOZ, 2011; MUNHOZ; NAVES, 2012).

---

<sup>53</sup> O verbo *entrar*, diferentemente dos demais, pede um SP encabeçado pela preposição *em* para ter o seu sentido saturado. Embora seja utilizada tipicamente com valor locativo (*Belo Horizonte fica em Minas Gerais*), essa preposição ganha interpretação de Meta quando combinada com verbos de movimento com a finalidade de deslocamento, como é o caso de *entrar* (BEAVERS; LEVIN; THAM, 2010).

<sup>54</sup> Como já mostramos neste trabalho, Souto (2014) propõe que o verbo *ir* só pode ser licenciado sem a trajetória desde que esse argumento seja saturado pela presença de categorias funcionais, como é o caso de *já*. Devido a essa especificidade, a autora argumenta que esse verbo é diferente dos demais verbos de movimento direcional. Porém, em nossa pesquisa, não é interessante analisarmos esse verbo de maneira separada, pois, uma vez que o nosso objetivo é descrever as classes de verbos de movimento do PB, seria inusitado propormos que o verbo *ir*, sozinho, constitui uma classe verbal. Acreditamos que o item lexical *já* funciona como um desencadeador da dêixis em sentenças do tipo *o menino já foi*.

Ainda sobre a natureza do SP, Zubizarreta e Oh (2011) afirmam que os verbos de movimento direcional, embora peçam uma trajetória como complemento, quando essa expressa Meta, não acarretam que um ponto final é atingido. Através das sentenças de (300) a (303), podemos perceber que apenas os SPs Meta encabeçados pelas preposições *a*, *em* e *até* acarretam que o SN atinge um ponto final, uma vez que temos sentenças contraditórias quando negamos esse fato. Contudo, a preposição *para* não veicula esse acarretamento, de modo que podemos concluir que o fato de o SN atingir ou não um ponto final não depende do verbo, mas sim da preposição que encabeça o SP que o complementa.

- (300) O menino subiu para a casa da avó, mas não chegou lá.  
 (301) † A professora entrou na sala, mas não chegou na sala.  
 (302) † O ciclista foi até/ a Ouro Preto, mas não chegou em Ouro Preto.  
 (303) A moça voltou para casa, mas não chegou.

Além disso, é interessante notar que alguns verbos podem ocorrer com a especificação completa da trajetória, apresentando um SP que designa a Fonte e outro que corresponde a Meta:

- (304) O menino subiu **do primeiro até o quinto andar**.  
 (305) O ciclista foi **de Belo Horizonte até Ouro Preto**.  
 (306) A estudante veio **de São Vicente para Belo Horizonte**.

Contudo, o segundo elemento que expressa o ponto final da trajetória nas sentenças de (304) a (306) não parece fazer parte da estrutura argumental dos verbos, uma vez que podem ser omitidos na sintaxe; esse fato evidencia que o sentido de cada verbo já é saturado com a presença de apenas um dos SPs que denota um ponto da trajetória.

- (307) O menino subiu até o quinto andar.  
 (308) O ciclista foi até Ouro Preto.  
 (309) A estudante veio de São Vicente/ para Belo Horizonte.

Assim, o segundo SP parece funcionar como um adjunto que é utilizado quando desejamos especificar os pontos inicial e final da trajetória percorrida pelo SN.

Quanto à natureza do SN, verificamos que ele pode expressar um Agente, pois ocorre em uma estrutura do tipo *o que o x fez foi*, o que evidencia sua agentividade (JACKENDOFF, 1990):

- (310) O que o menino fez foi subir para a casa da avó.
- (311) O que a criança fez foi descer da bicama.
- (312) O que a professora fez foi entrar na sala.
- (313) O que a moça fez foi sair do quarto.
- (314) O que o ciclista fez foi ir até Ouro Preto.
- (315) O que a menina fez foi vir para Belo Horizonte.
- (316) O que o soldado fez foi regressar da guerra.
- (317) O que o soldado fez foi retornar do campo de concentração.
- (318) O que a moça fez foi voltar para casa.
- (319) O que as tropas fizeram foi partir para o Sul do país.

Contudo, o SN também pode se referir a entidades inanimadas, fazendo com que a leitura agentiva não seja efetivada.

- (320) A fumaça subiu para o céu.
- (321) A bola desceu morro abaixo.
- (322) A bola entrou no gol.
- (323) A bola saiu do campo.
- (324) A carta foi para São Paulo.
- (325) O livro veio do exterior.
- (326) A revista regressou às bancas.
- (327) O vestido alugado retornou para a loja.
- (328) A carta voltou para o correio.
- (329) A encomenda partiu de Belo Horizonte.

Nas sentenças acima, temos a interpretação de que o SN se desloca de forma não volitiva. A partir daí, baseadas na proposta de Potashnik (2012) e de Amaral (2015) para as sentenças médias, argumentamos que os verbos de movimento direcional atribuem ao SN o papel temático de Tema, ou seja, acarretam que esse é uma entidade que se desloca por uma

trajetória. A leitura agentiva é uma implicatura que decorre do fato de esperarmos que uma entidade animada que se move o faça volitivamente.

Em relação ao aspecto lexical, Levin e Rappaport Hovav (1992), Demonte (2011) e Souto (2014) propõem que os verbos de trajetória denotam *achievements*, ou seja, descrevem eventos que são pontuais. Vejamos, portanto, como eles se comportam com os testes de aspecto lexical. Como mostramos no capítulo 2, os verbos de *achievement* não podem se combinar com a expressão *parar de*, ou quando combinados com essa, adquirem leitura de atividade:

- (330) O menino parou de subir para a casa da avó.
- (331) A criança parou de descer da cama.
- (332) A professora parou de entrar na sala.
- (333) ?A moça parou de sair do quarto.
- (334) O ciclista parou de ir até/a Ouro Preto.
- (335) \*A menina parou de vir do interior.
- (336) \*O soldado parou de regressar da guerra.
- (337) \*O soldado parou de retornar do campo de concentração.
- (338) A moça parou de voltar para a casa.
- (339) \*As tropas pararam de partir para o Sul do país.

As sentenças em (330), (331), (332), (334) e (338) são interpretáveis apenas se lhes atribuirmos uma leitura de atividade, ou seja, se imaginarmos que a criança sabia descer da cama e não o faz mais, que o menino subia sempre para a casa da avó, que a professora entrava sempre em uma determinada sala, que o ciclista ia sempre até Ouro Preto e que a moça voltava sempre para casa depois de alguma situação. Isso está em consonância com a proposta de Cançado e Amaral (no prelo) de que verbos que denotam basicamente *achievements* podem apresentar aspecto derivado de atividade quando ocorrem no pretérito imperfeito (*esse vaso caía sempre*) e no presente (*esse vaso cai sempre*), e quando apresentam modificadores que denotam repetição, como é o caso do advérbio *parar de*.

Segundo Levin (1993) e Demonte (2011), alguns verbos de movimento direcional podem apresentar, além de um SP trajetória, um SN com o mesmo valor semântico, como podemos ver nas sentenças a seguir:

- (340) O menino subiu o morro.

(341) A menina desceu a escada.

A sentença em (340) significa que o menino subiu o morro todo e o mesmo pode ser dito para *desceu a escada* em (341). Demonte (2011) propõe que quando um verbo de movimento direcional tem um SN como argumento trajetória, esse recebe o papel temático de Tema Incremental (DOWTY, 1991), uma vez que sua estrutura interna está diretamente relacionada com a do evento, isto é, em (340), por exemplo, o topo do morro é atingido de forma gradual, à medida que o menino vai realizando o evento de subi-lo.

De fato, quando combinados com um SN trajetória, esses verbos têm o seu aspecto lexical alterado, adquirindo uma leitura de *accomplishment*, o que evidencia a argumentação de Demonte (2011).

(342) O menino quase subiu o morro.

- a. O que o menino quase fez foi subir o morro.
- b. O que o menino fez foi quase subir o morro.

(343) A menina quase desceu a escada.

- a. O que a menina quase fez foi descer a escada.
- b. O que a menina fez foi quase descer a escada.

Os verbos *subir* e *descer* tornaram-se ambíguos nas sentenças com o advérbio *quase*, o que é um comportamento típico de verbos de *accomplishment*. Em (342a), temos a leitura de que o menino pensou em subir o morro, mas não o fez, e em (342b) interpretamos que o menino começou a subir o morro, mas não o subiu até o final. O mesmo vale para as sentenças em (343a, b): na primeira, temos a interpretação de que a menina pensou em descer a escada, mas não o fez e, na segunda, entendemos que a menina não desceu a escada toda. Os exemplos em (342) e em (343) caracterizam, portanto, uma alternância aspectual (SMITH, 1997; CANÇADO; AMARAL, no prelo), por meio da qual um verbo tipicamente de *achievement* adquire leitura de *accomplishment*, devido a uma alteração feita em suas propriedades sintáticas: substituímos o SP trajetória por um SN de mesmo valor semântico.

Ainda é importante ressaltar que preposições télicas, como *até*, também fazem com que verbos de *achievement* adquiram aspecto derivado de *accomplishment*:

(344) O menino quase subiu até o fim do morro.

- a. O que o menino quase fez foi subir até o fim do morro.

- b. O que o menino fez foi quase subir até o fim do morro.

No exemplo acima, o SP, *até o fim do morro*, combinado com o advérbio *quase*, faz com que a sentença seja ambígua entre uma leitura em que o menino pensou em subir até o fim do morro, mas não o fez (344a), e uma em que o menino começou a subir o morro, mas não subiu até o seu fim (344b).

Quanto à representação semântica, Jackendoff (1990) propõe a estrutura, que mostramos em (11) e em (140) e aqui retomamos, para os verbos de trajetória:

(345) v: [<sub>Event</sub> GO ([X], [<sub>Path</sub> TO ([<sub>Place</sub> Y])])]

(JACKENDOFF, 1990, p. 93)

De acordo com o autor, a função GO expressa o deslocamento de uma entidade X por uma trajetória Y. Porém, o problema nessa representação é que ela não expressa a raiz do verbo, ou seja, o conteúdo semântico que é lexicalizado por ele.

Como mencionamos nesta dissertação, Cançado e Amaral (no prelo) propõem que o componente semântico da raiz verbal pode ser expresso “por nomes ou adjetivos com sentido correlato ao do verbo, e que esses itens lexicais podem se expandir em sintagmas que apresentam alguns dos argumentos do verbo” (CANÇADO; AMARAL, no prelo, p. 178). Os verbos de trajetória do PB derivam um SN, como vemos a seguir:

- (346) **A subida (do menino) para a casa da avó** foi longa.  
 (347) **A descida (da menina) do quinto ao primeiro andar** foi cansativa.  
 (348) **A entrada (da professora) na sala** foi repentina.  
 (349) **A saída (da moça) do quarto** foi inesperada.  
 (350) **A ida (do ciclista) de Belo Horizonte até Ouro Preto** foi cansativa.  
 (351) **A vinda (da menina) para Belo Horizonte** foi demorada.  
 (352) **O regresso (do soldado) da guerra** foi inesperado.  
 (353) **O retorno (do soldado) do campo de concentração** foi surpreendente.  
 (354) **A volta (da moça) para casa** foi rápida.  
 (355) **A partida (das tropas) para o Sul do país** foi planejada.

Esse SN denota um evento no mundo, fato que é evidenciado através da adição de expressões temporais que indicam o momento em que ocorreu o evento ou a duração do mesmo (AMARAL, 2013).

- (356) A subida do menino para a casa da avó durou 15 minutos.
- (357) A descida da menina da cama durou 5 minutos.
- (358) A entrada da professora na sala às 15h foi repentina.
- (359) A saída da moça do quarto às 20h foi inesperada.
- (360) A ida do ciclista até Ouro Preto durou 7 horas.
- (361) A vinda da menina para Belo Horizonte durou 4 horas.
- (362) O regresso do soldado da guerra durou dias.
- (363) O retorno do soldado do campo de concentração durou dias.
- (364) A volta da moça para casa durou meia hora.
- (365) A partida das tropas para o Sul do país às 15h foi planejada.

A partir daí, argumentamos, baseadas em Amaral (2013), que a raiz, na estrutura de decomposição de predicados desses verbos, deve ser da categoria ontológica dos eventos: *<EVENT>*. Tendo definido a raiz que representa o conteúdo semântico lexicalizado pelos verbos de trajetória, nosso próximo passo é estabelecer os metapredicados que irão compor a estrutura de sentido recorrente da classe. Como vimos, Jackendoff (1990) propõe uma representação para os verbos de trajetória através da função GO. Porém, como o metapredicado *EVENT* denota um evento no mundo e o primitivo GO denota movimento por uma trajetória, a combinação desses dois elementos não apresenta correspondência semântica, uma vez que, no mundo, eventos são realizados por uma entidade X e a função GO não veicula essa ideia.

Portanto, propomos, baseadas em Amaral (2013), que o metapredicado que se combina à raiz *<EVENT>* nos verbos de trajetória é o primitivo DO. Desse modo, a representação dos verbos de trajetória no PB seria [X DO *<EVENT>*], onde X é a entidade (animada ou inanimada) que realiza o evento de movimento. Porém, ainda não incluímos nessa estrutura a representação da trajetória pela qual X se movimenta.

Como vimos nas sentenças de (282) a (289), os verbos dessa classe tomam, como um de seus argumentos, um SP que expressa o ponto inicial (Fonte) ou o ponto final (Meta) de uma trajetória. Baseada no tipo do SP, Demonte (2011) divide os verbos de movimento direcional do espanhol em três classes distintas: verbos que expressam o ponto final da

trajetória (*entrar, subir, voltar*), verbos que apresentam o ponto inicial da mesma (*sair, partir*) e verbos que expressam tanto o ponto inicial quanto o final de um percurso (*atravessar, cruzar*).

Contudo, argumentamos que essa distinção é irrelevante, uma vez que um mesmo verbo pode expressar a Fonte ou a Meta da trajetória, dependendo do SP que o complementa:

- (366) a. O menino voltou da festa. → Fonte  
 b. O menino voltou para casa. → Meta

Wundelich (2012) propõe a existência de um primitivo LOC para expressar as relações estativas de locação, como *o livro está sobre a mesa*, onde LOC é instanciado por uma preposição, e também os eventos de mudança de lugar, como *o menino encaixotou os livros*, que apresentam a seguinte estrutura, segundo o autor:

- (367) *encaixotar*:  $\lambda z \lambda y \lambda x \lambda e$  [ACT (x) & BECOME LOC (y, AT z)] (e), with  $z \approx$   
 caixote

(Adaptado de WUNDERLICH, 2012, p. 324)

Em (367), esse primitivo associado à BECOME representa a mudança de lugar acarretada pelos verbos do tipo *encaixotar*.

Cançado e Amaral (no prelo), baseadas no autor, utilizam o predicado LOC para veicular uma ideia ampla de lugar nos verbos de mudança de estado locativo (GODOY, 2012; CANÇADO; GODOY, AMARAL, 2013a), ex. *esconder*, já que os verbos dessa classe não especificam a natureza de seu argumento SP (Fonte, Meta ou Locativo) em sua estrutura. Segundo as autoras, “essa especificidade será dada apenas na sintaxe, através das várias preposições locativas existentes” (CANÇADO; AMARAL, no prelo, p. 186). Como exemplo, as autoras dão a seguinte sentença composta pelo verbo de mudança de estado locativo *esconder*:

- (368) O menino escondeu a boneca em/ dentro de/ sobre/ debaixo de/ em cima de o  
 armário.

(CANÇADO; AMARAL, no prelo, p. 186)

O exemplo em (368) evidencia que a natureza do argumento que veicula a ideia de lugar não está especificada na estrutura semântica do verbo, sendo, portanto, representado pelo primitivo genérico LOC<sup>55</sup>:

(369) [[X ACT<sub>VOLITION</sub>] CAUSE [BECOME [[Y<STATE>] LOC Z]]]

(CANÇADO, AMARAL, no prelo, p. 188)

Assim, assumindo as propostas de Wunderlich (2012) e de Cançado e Amaral (no prelo), propomos que os verbos de trajetória atribuem ao seu argumento SP o papel temático genérico de trajetória, que é representado na estrutura semântica por LOC Z. A especificação do tipo dessa trajetória será dada na sintaxe através das preposições que indicam Meta (*a, para, até, em*) e Fonte (*de*). Portanto, a estrutura argumental dessa classe é a seguinte:

(370) [[X DO <EVENT>] LOC Z]

a. *sair*: [[X DO <SAÍDA>] LOC Z]

b. *chegar*: [[X DO <CHEGADA>] LOC Z]

c. *voltar*: [[X DO <VOLTA >] LOC Z]

Fazem parte desta classe 17 verbos.

Os colchetes na estrutura em (370) marcam os predicados e seus argumentos. Desse modo, DO é um primitivo biargumental que relaciona a variável X, que denota uma entidade (animada ou inanimada), à raiz <EVENT>, que, por sua vez, mostra que os verbos dessa classe lexicalizam um evento. A subestrutura [X DO <EVENT>] forma um argumento complexo. O metapredicado LOC, assim como DO, também pede dois argumentos para ter o seu sentido saturado: a variável Z e o argumento complexo [X DO <EVENT>].

A partir dessa representação, percebemos que os verbos de trajetória, assim como os da classe de *correr*, lexicalizam a realização de um evento no mundo. Contudo, esses últimos não tomam um SP trajetória como argumento. Em (367) é a combinação da subestrutura [X DO <EVENT>] com o primitivo LOC que compõe a ideia de movimento por uma trajetória<sup>56</sup>. Como o primitivo DO não acarreta agentividade, derivamos o papel temático de Tema para a

<sup>55</sup> Nessa classe, o predicado primitivo LOC e o seu argumento Z, além de fazerem parte do sentido dos verbos, correspondem a um constituinte sintático: um SP com valor locativo.

<sup>56</sup> Godoy (2012) já propõe que a propriedade semântica *movimento* é derivada da estrutura de decomposição de predicados dos verbos de mudança de lugar e de mudança de estado locativo do PB.

variável X. Além disso, podemos perceber que a estrutura é compatível com o aspecto lexical de *achievement* desses verbos, uma vez que ela apresenta um só evento.

Através da representação lexical dos verbos de trajetória do PB, derivamos as seguintes propriedades sintático-semânticas da classe: (i) os verbos possuem 2 argumentos, sendo um deles um SN, que recebe o papel temático de Tema, e um SP, que recebe um papel temático amplo de Trajetória, que é especificado como Fonte ou Meta, de acordo com a preposição selecionada semanticamente pelo verbo; (ii) os verbos derivam um SN eventivo que evidencia a categoria ontológica de sua raiz na linguagem de decomposição de predicados.

Por fim, ressaltamos que, como mostramos através dos exemplos em (279), o fato de alguns verbos, como *subir*, *descer*, *entrar*, *sair*, *ir* e *vir*, lexicalizarem o componente semântico de direção faz parte do sentido idiossincrático dos mesmos, uma vez que outros verbos que pertencem a essa classe, como *regressar*, *retornar*, *voltar* e *partir*, não apresentam sentido direcional evidente. Assim, propomos que a denominação “verbos de trajetória” decorre do fato de todos os verbos dessa classe possuírem um argumento que denota esse componente semântico e não do fato de alguns lexicalizarem uma direção. Portanto, a alcunha “verbos de trajetória” representa melhor a classe do que a nomenclatura “verbos de movimento direcional”.

### 4.3 Verbos de evento causado

Levin (1993) distribui os verbos que descrevemos nesta seção em diferentes classes: verbos do tipo *aterrissar*, do tipo *hastear* e do tipo *ultrapassar*. Contudo, argumentamos que eles constituem uma única classe, pois apresentam as mesmas propriedades semânticas e os mesmos comportamentos sintáticos.

Segundo a autora, os verbos do tipo *aterrissar* ‘to land’, em inglês, são denominais, e os nomes que os originam se referem a locais onde coisas podem ser colocadas. Assim, o significado desses verbos pode ser parafraseado como “colocar alguma coisa em X”<sup>57</sup>, de modo que X é o substantivo do qual se origina o verbo.

(371) The boy landed the plane. = The boy put the plane on the land.

‘O menino aterrissou o avião.’ ‘O menino colocou o avião na terra’.

---

<sup>57</sup> Do original: “put (something) on/in X”. (LEVIN, 1993, p. 122)

Porém, o verbo *aterrissar*, em PB, não é denominal, além de a paráfrase em (371) não representar adequadamente o seu sentido. A sentença *o menino colocou o avião na terra* parece descrever um evento em que um menino pega um avião de brinquedo e coloca-o na terra e não em que um menino aterrissa um avião.

Verbos do tipo *hastear* ‘to hoist’, de acordo com Levin (1993), veiculam a informação de que alguma coisa é colocada em algum lugar através de um movimento feito em uma determinada direção.

(372) O soldado hasteou a bandeira até o topo do mastro.

O verbo *hastear* na sentença em (372) indica que a bandeira foi colocada no topo do mastro através de um movimento direcionado para cima. Cowper (1990), *apud* Levin (1993), afirma que os verbos dessa classe descrevem ações que são realizadas em sentido contrário à força da gravidade.

(373) O soldado hasteou a bandeira.

(374) O atleta levantou a barra de ferro.

(375) O marinheiro soergueu a âncora.

(376) O marinheiro içou as velas.

Levin (1993) ainda aponta que esses verbos podem ocorrer com SPs que indicam um ponto específico para onde ou de onde o objeto é movido, como mostramos em (372) com um SP Meta e exemplificamos a seguir com um SP Fonte:

(377) O marinheiro soergueu a âncora do fundo do mar.

Embora classificados por Levin (1993) como pertencentes a classes distintas, os verbos desta seção apresentam os mesmos comportamentos: todos tomam dois argumentos (Agente e Tema) para terem seu sentido saturado, aceitam a adjunção de um SP que indica Meta ou Fonte e derivam um SN eventivo (passiva nominal).

(378) a. O piloto aterrissou o avião.

b. O piloto aterrissou o avião até o limite da pista de pouso.

c. A aterrissagem do avião pelo piloto

- (379) a. O piloto decolou o avião.  
 b. O piloto decolou o avião até um quilômetro do solo.  
 c. A decolagem do avião pelo piloto
- (380) a. O soldado hasteou a bandeira.  
 b. O soldado hasteou a bandeira até o topo do mastro.  
 c. O hasteamento da bandeira pelo soldado
- (381) a. O marinheiro içou as velas.  
 b. O marinheiro içou as velas até o topo do mastro.  
 c. O içamento das velas pelo marinheiro
- (382) a. O atleta levantou a barra de ferro  
 b. O atleta levantou a barra de ferro até os ombros.  
 c. O levantamento da barra de ferro pelo atleta
- (383) a. O marinheiro soergueu a âncora.  
 b. O marinheiro soergueu a âncora do fundo do mar.  
 c. O soerguimento da âncora pelo marinheiro

Percebendo as semelhanças existentes entre esses verbos, Côrrea (2005) e Côrrea e Cançado (2006) os classificam como pertencentes a uma única classe verbal. Segundo elas, todos os verbos pedem como argumento externo um desencadeador com controle e como argumentos internos um afetado deslocado e um SP locativo<sup>58</sup>. Contudo, argumentamos que o SP é um adjunto, uma vez que a sua presença não é necessária para que o sentido verbal seja saturado, como mostramos nas sentenças de (373) a (376).

Além disso, contrariamente às autoras que afirmam que os verbos dessa classe denotam *achievements*, classificamo-os como verbos de *accomplishments*, uma vez que apresentam ambiguidade quando combinados com o advérbio *quase*:

- (384) O piloto quase decolou o avião.  
 a. O que o piloto quase fez foi decolar o avião.  
 b. O que o piloto fez foi quase decolar o avião.

---

<sup>58</sup> Como mostramos no capítulo 3, Cançado (2005) define papéis temáticos em termos de propriedades atribuídas por um item predador a seus argumentos. *Desencadeador, afetado e controle* são exemplos dessas propriedades.

A sentença em (384a) refere-se à leitura de que o piloto pensou em decolar o avião, mas não o fez, e a em (384b) a de que o piloto chegou a realizar alguns procedimentos para decolar o avião, mas não os concluiu, de modo que o avião não decolou.

É importante mencionar que todos os verbos dessa classe exibem uma forma intransitiva, como vemos a seguir:

- (385) a. O atleta levantou a barra de ferro.  
b. O atleta levantou-se.
- (386) a. O marinheiro soergueu a âncora.  
b. O marinheiro soergue-se.
- (387) a. O piloto aterrissou o avião.  
b. O avião aterrissou (<http://portuguesemmisterio.com.br/2015/07/31/aterrisar-aterrizar-ou-aterrissar/> - Acessado em 10/12/2015)
- (388) a. O piloto decolou o avião.
- (389) b. O avião decolou quinze minutos antes do horário. (<http://jus.com.br/duvidas/365573/o-aviao-decolou-15-minutos-antes-do-horario-> Acessado em 10/12/2015)
- (390) a. O soldado hasteou a bandeira.  
b. A bandeira hasteou. (<http://dnoticias.pt/actualidades/politica> - Acessado em 10/12/2015)
- (391) a. O marinheiro içou as velas.  
b. Nem mesmo as velas içaram. (<http://elsonalves.wordpress.com/2012/11/22/biografia-prostituta/> - Acessado em 10/12/2015)

As sentenças em (385b) e (386b) são o que se chama de “forma média”, ou seja, formas intransitivas de verbos transitivos, marcadas opcionalmente com o clítico *se* e apresentando alguma ideia de reflexividade (KEMMER, 1993; CAMACHO, 2003; DORON E RAPPAPORT HOVAV, 2009; GODOY, 2012; AMARAL, 2015). Essas sentenças se diferem das reflexivas em dois aspectos básicos (CAMACHO, 2003; GODOY, 2012; AMARAL, 2015): apenas as sentenças reflexivas podem ser parafraseadas por sentenças contendo as expressões *a si mesmo(a)*/ *ele(a) mesmo(a)*, de modo que o clítico *se* tem caráter argumental, e esse clítico pode ser mais facilmente apagado nas médias do que nas reflexivas.

- (392) a. A mãe lavou o menino.  
b. O menino se lavou.

- c. O menino lavou ele mesmo.
- (393) a. O pai retirou o menino da sala.  
 b. O menino se retirou da sala.  
 c. \*O menino retirou ele mesmo da sala.

A sentença em (392b) é reflexiva e, portanto, pode ser parafraseada pela sentença em (392c), na qual o clítico *se* é substituído pela anáfora *por ele mesmo*. Já a sentença em (393b) é a forma média, uma vez que ela não pode ser parafraseada por (393c).

Para evidenciar o caráter argumental do clítico *se* nas sentenças reflexivas, Amaral (2015) argumenta que apenas essas sentenças, e não as médias, apresentam ambiguidade com o advérbio *de novo*, o que evidenciaria a sua transitividade (MEIRELLES; CANÇADO, 2014). Em um estudo para o PB, Meirelles e Cançado (2014), refinando a proposta de Morgan (1969), afirmam que sentenças transitivas apresentam duas leituras quando combinadas com *de novo*: a de que o mesmo agente desencadeia a ação duas vezes e a de que o mesmo evento é desencadeado duas vezes, porém por agentes diferentes. Essa ambiguidade não se manifesta em sentenças intransitivas.

- (394) a. O menino se sujou de novo.  
 b. O menino sujou ele mesmo de novo.
- (395) O menino se retirou da sala de novo.

Segundo Amaral (2015), as sentenças em (394) são ambíguas entre uma interpretação em que o próprio menino se sujou duas vezes e outra em que alguém sujou o menino e ele se sujou de novo. O mesmo não pode ser dito para a sentença em (395), uma vez que ela só apresenta a leitura de que o próprio menino se retirou da sala duas vezes.

Amaral (2015) ainda aponta que, diferentemente das reflexivas, que apresentam como restrição para a sua formação a possibilidade de o verbo apresentar uma entidade com o traço [+animado] como segundo argumento (KEMMER, 1993; GODOY, 2012), as sentenças médias ocorrem com verbos que possuem um argumento interno inanimado, desde que ele denote uma entidade com movimento próprio:

- (396) a. O menino enrolou a pipa no fio.  
 b. A pipa se enrolou no fio.
- (397) a. A artesã enroscou a lã na patinha do gato.

b. A lâ se enroscou na patinha do gato.

(AMARAL, 2015, pgs 101 e 102)

Segundo Cançado, Godoy e Amaral (2013a), os verbos *enrolar* e *enroscar* são verbos de mudança de estado locativos, ou seja, denotam que o seu objeto direto fica em um determinado estado em algum lugar.

Devido ao fato de as sentenças médias aceitarem uma entidade inanimada como argumento externo, Amaral (2015), baseada em Potashnik (2012), argumenta que os sujeitos dessas sentenças recebem o papel temático de Tema, ou seja, denotam uma entidade que se move. A leitura agentiva é uma implicatura que decorre do fato de esperarmos que uma entidade animada que se move o faça volitivamente.

Portanto, a autora conclui que as sentenças médias podem ser descritas como uma alternância transitivo-intransitiva que ocorre com verbos pertencentes a diferentes classes e que tem como restrição o acarretamento de movimento para o argumento interno de um verbo transitivo. Esse argumento não precisa ter o traço [+animado], mas precisa denotar uma entidade no mundo que é capaz de ter movimento próprio.

Em relação aos verbos de (387) a (391), Amaral (2015) propõem que eles participam de uma alternância transitivo-intransitiva chamada de “alternância metonímica”. Essa se caracteriza como um processo metonímico que permite que nomes de veículos sejam utilizados para designar os condutores desses veículos, que, por sua vez, são os verdadeiros agentes das sentenças. A autora evidencia o caráter agentivo do sujeito da forma intransitiva mostrando que SNs que nomeiam veículos podem ser referidos pelo pronome *quem*, o que comprova a natureza de animados dos mesmos.

(398) a. Quem aterrissou fora da pista foi o avião da Gol.

b. \*O que aterrissou fora da pista foi o avião da Gol.

(399) a. Quem decolou antes da permissão foi o avião da TAM.

b. \*O que decolou antes da permissão foi o avião da TAM.

Amaral (2015) ainda aponta que esses verbos também formam sentenças intransitivas em que o único argumento é o SN Agente da forma transitiva: *o piloto aterrissou/ decolou*. Contudo ela não entra em detalhes sobre essas sentenças, uma vez que o objetivo de seu trabalho é analisar alternâncias verbais em que o argumento interno da forma transitiva assume a posição de sujeito na forma intransitiva.

Cançado, Amaral e Meirelles (em prep.) argumentam que existem outros verbos que não são de movimento, mas que parecem se comportar como os dessa classe, uma vez que possuem dois argumentos e derivam um SN eventivo (passiva nominal):

- (400) a. O frentista abasteceu o carro.  
       b. O abastecimento do carro pelo frentista.
- (401) a. O dono do frigorífico abateu o boi.  
       b. O abate do boi pelo dono do frigorífico.
- (402) a. O bandido sequestrou a moça.  
       b. O sequestro da moça pelo bandido.

Em uma análise preliminar, as autoras listam cerca de 300 verbos que se comportam dessa maneira, o que indica que o fato de certos verbos, que exibem esse comportamento sintático, acarretar movimento para o seu argumento interno parece ser idiossincrático. Além disso, é essa propriedade idiossincrática que permite que os verbos aceitem a adjunção de um SP que indica Meta ou Fonte, como mostramos nas sentenças “b” dos exemplos de (378) a (383).

Desse modo, para propormos a estrutura semântica dessa classe, partimos das seguintes informações: os verbos são biargumentais, denotam *accomplishments*, derivam nomes eventivos (passiva nominal) e o fato de o argumento interno ser deslocado é uma propriedade idiossincrática de alguns verbos, de modo que eles parecem descrever eventos em que o argumento externo afeta o interno de alguma forma.

Amaral (2013) propõe que os verbos do tipo *escrever*, que apresentam uma forma intransitiva (*o menino escreveu a noite toda*) e uma transitiva (*o menino escreveu uma carta*), constituem casos de polissemia e apresentam a seguinte estrutura de decomposição de predicados em seu sentido transitivo:

- (403) v: [[X ACT] CAUSE [ <EVENT> OF Y]]

(AMARAL, 2013, p. 72)

Essa representação semântica evidencia que esses verbos possuem dois argumentos, representados pelas variáveis X e Y, possuem o aspecto lexical de *accomplishment*, evidenciado pela presença do primitivo CAUSE, e lexicalizam um evento no mundo (*a*

*escrita do menino/ da carta pelo menino durou horas*), denotado pela raiz <EVENT>. O primitivo OF é um predicado que relaciona a variável Y a raiz <EVENT> (AMARAL, 2013).

Contudo, Amaral e Cançado (no prelo) argumentam que os verbos do tipo *escrever*, considerados “verbos de criação”, não constituem casos de polissemia, mas participam de uma alternância aspectual que se origina das duas formas possíveis de manifestação da sua transitividade. A forma intransitiva dos verbos é a básica e é representada a partir da seguinte estrutura: [X ACT <MANNER>]. A forma transitiva, por sua vez, é derivada, sendo representada através da estrutura: [[X ACT <MANNER>] CAUSE [Y EXIST]].

Nesta dissertação, adotamos a estrutura proposta por Amaral (2013) como representação semântica para os verbos que denotam a causação de um evento, como *hastear*, *levantar*, *aterrissar*, *abastecer*, *abater*, *sequestrar*, entre outros. Excluímos dessa classe os verbos de criação, por apresentarem uma alternância intransitivo-transitiva em que a forma básica é a intransitiva. Os verbos aqui analisados não exibem esse comportamento sintático.

Assim, os verbos que descrevemos nesta seção apresentam a seguinte estrutura argumental:

- (404) v: [[X ACT] CAUSE [ <EVENT> OF Y]]
- a. *hastear*: [[X ACT] CAUSE [ <HASTEAMENTO> OF Y]]
  - b. *decolar*: [[X ACT] CAUSE [ <DECOLAGEM> OF Y]]
  - c. *levantar*: [[X ACT] CAUSE [ <LEVANTAMENTO> OF Y]]

Fazem parte desta classe 6 verbos que denotam movimento.

A partir dessa estrutura, derivamos as seguintes propriedades sintático-semânticas da classe: (i) são verbos de *accomplishment*; (ii) os verbos possuem dois argumentos, X e Y, para terem o seu sentido saturado; e (iii) os verbos lexicalizam a realização de um evento, o que pode ser evidenciado pelo SN correlato ao verbo.

Como já mencionamos, o fato de esses verbos acarretarem movimento para o seu argumento interno faz parte do sentido idiossincrático dos mesmos, de modo que a propriedade *movimento* está contida na raiz de alguns verbos específicos.

Passemos agora para a análise dos verbos do tipo *lançar*.

#### 4.4 Verbos de movimento causado

Os verbos que descrevemos nesta seção são classificados por Levin (1993) como pertencentes a diversas classes distintas. Contudo, argumentaremos no decorrer de nossa análise, como fizemos para os verbos da seção anterior, que eles constituem uma classe verbal única no PB, uma vez que compartilham as mesmas propriedades semânticas e os mesmos comportamentos sintáticos. Fazem parte dessa classe verbos do tipo *lançar*, do tipo *enviar*, do tipo *conduzir*, do tipo *extrair* e do tipo *doar*.

Segundo Levin (1993), verbos como *lançar* descrevem um evento em que algo desencadeia o movimento de uma entidade em uma determinada direção:

(405) O menino lançou/ arremessou/ jogou a boia na piscina/ para Pedro.

Verbos do tipo *enviar*, de acordo com a autora, denotam que uma entidade muda de lugar pela ação de um Agente ou causa externa:

(406) Henrique enviou/ entregou um presente para Miriam.

Verbos do tipo *conduzir*, por sua vez, lexicalizam que uma entidade se move em uma determinada direção, sendo acompanhada pelo causador desse movimento:

(407) O motorista conduziu/ transportou os alunos para/ até a escola.

Verbos do tipo *extrair* estão relacionados à remoção de uma entidade de um determinado local:

(408) A secretária extraiu/ retirou/ removeu os documentos da pasta.

Por fim, os verbos do tipo *doar* descrevem a mudança de posse de uma determinada entidade:

(409) A madame doou/ emprestou/ deu um colar de brilhantes para a sua secretária.

Segundo Levin (1993), grande parte desses verbos participa da chamada “alternância dativa”. Essa é uma alternância típica de línguas como o inglês que acontece quando um mesmo verbo permite duas formas de expressão de seus argumentos internos, como mostramos a seguir:

- (410) a. Rich gave/ sent/ threw the ball to Barry.  
 ‘Rich deu/ enviou/ lançou a bola para Barry.’  
 b. Rich gave/ sent/ threw Barry the ball.  
 ‘?Rich deu/ enviou/ lançou Barry a bola.’

(BEAVERS, 2011, p. 2)

De acordo com Beavers (2011), verbos do tipo *give* ‘dar’, *send* ‘enviar’ e *throw* ‘lançar’ são ditransitivos, pois selecionam um sujeito desencadeador do evento, um objeto direto que recebe o papel temático de Tema e um terceiro argumento que representa uma Meta ou um Locativo. Este pode ser realizado como primeiro objeto (410b), de modo que temos uma construção com objeto duplo (BEAVERS, 2011) ou como um SP (410a). Ainda é importante ressaltar que essa alternância é licenciada apenas quando o argumento preposicionado exibe características de beneficiário<sup>59</sup>, uma vez que sua ocorrência não é permitida quando o SP apresenta uma leitura estritamente locativa.

- (411) a. John sent the package to Bill/ to New York.  
 ‘John enviou a encomenda para Bill/ para Nova York.’  
 b. John sent Bill/ \*New York the package.  
 João enviou Bill Nova York a encomenda

(JACKENDOFF, 1990, p. 197)

Beavers (2011) afirma, seguindo Pinker (1989) e Gropen *et al* (1989), que, enquanto a construção de objeto duplo veicula o sentido de mudança de posse, a forma com o SP denota a causação de um movimento:

- (412) a. Mudança de posse: [[ x ACT] CAUSE [y HAVE z]]

---

<sup>59</sup> De acordo com Cançado (2013) e com Cançado e Amaral (no prelo) o papel temático de Beneficiário pode ser definido como o “ser animado que é beneficiado ou prejudicado pelo evento descrito”.

$$\exists e \exists s \in U_{+S} [\text{causer}'(x, e) \wedge \diamond \text{receive}'(y, z, e, s)]$$

b. Movimento causado: [[ x ACT] CAUSE [z GO TO y]]

$$\exists e \exists s \in U_{+M} [\text{causer}'(x, e) \wedge \diamond \text{arrive}'(y, z, e, s)]$$

(Adaptado de BEAVERS, 2011, pgs. 3 e 23)

Em (412a) leia-se que uma entidade x causa uma entidade y receber z, e em (412b) leia-se que uma entidade x causa z chegar a uma entidade y.

Entretanto, como podemos ver nas glosas de (410), essa alternância é rara no PB<sup>60</sup>, uma vez que essa língua prefere a forma com o SP. Além disso, é importante ressaltar que, embora esses verbos veiculem o sentido de movimento causado, eles não acarretam que a entidade que se move chega a um ponto final:

(413) A Ana deu um presente para a Maria, mas ela não aceitou.

(414) O João enviou uma carta para a Rosa, mas ela não recebeu.

(415) O Pedro lançou a bola para o gol, mas ela não chegou até lá.

Os exemplos em (413), (414) e (415) mostram que as sentenças não ficam contraditórias quando negamos que o Tema atinge a Meta, o que evidencia que esses verbos não veiculam o sentido expresso em (412b).

As características que todos os verbos do PB pertencentes a essa classe possuem em comum são o fato de denotarem um evento de movimento causado<sup>61</sup> e de possuírem três argumentos, sendo um externo (Agente ou Causa), e dois internos: um Tema, que é levado a se mover por uma trajetória, e um SP que, denota um ponto (Fonte, Meta) da trajetória percorrida pelo Tema. Retomemos aqui as sentenças que mostramos de (405) a (409):

---

<sup>60</sup> Cançado e Amaral (no prelo) apontam que a alternância dativa parece estar se incorporando em alguns dialetos coloquiais no PB, porém ainda com pouca produtividade: *a menina deu um presente para a mãe/ a menina deu a mãe um presente*.

<sup>61</sup> É importante ressaltar que o que entendemos por “verbos de movimento causado” se difere da construção de movimento causado proposta por Goldberg (1995). Essa última surge da necessidade de se explicar o sentido causativo e de movimento atribuído a verbos que não os possuem inerentemente, como em *they laughed the poor guy out of the room* ‘eles puseram o garoto para fora da sala a gargalhadas/ com suas gargalhadas’ (GOLDBERG, 1995, p. 152). Em nosso trabalho, denominamos de “verbos de movimento causado” eventos inerentemente causativos, ou seja, que denotam *accomplishments*, e que veiculam que uma entidade x desencadeia a realização de um evento de movimento em que y se move por uma trajetória.

- (416) O menino lançou/ arremessou/ jogou a boia na<sup>62</sup> piscina/ para Pedro. → Meta
- (417) Henrique enviou/ entregou um presente para Miriam. → Meta
- (418) O motorista conduziu/ transportou os alunos para/ até a escola. → Meta
- (419) A secretária extraiu/ retirou/ removeu os documentos da pasta. → Fonte
- (420) A madame doou/ emprestou/ deu um colar de brilhantes para a sua secretária. → Meta

Ainda que o caráter argumental do SP seja consensual entre diversos autores (LEVIN, 1993; PINKER, 1989; GROPEN, *et al*, 1989; BEAVERS, 2011), podemos evidenciá-lo, nos SPs encabeçados pela preposição *em*, através do teste proposto por Miotto, Silva e Lopes (2007), como fizemos para os verbos de trajetória no exemplo (224):

- (421) O João disse que o menino arremessou a boia na piscina.

A sentença em (421) apresenta apenas a leitura de que o SP *na piscina* se refere ao local para onde o menino arremessou a boia, o que mostra que ele é um argumento do verbo.

Além disso, é importante mencionar que, embora alguns verbos aceitem a especificação completa da trajetória, apresentando um SP que designa a Fonte e outro que corresponde à Meta, como em *o motorista transportou os alunos de casa até a escola*, o sentido desses verbos já é saturado com a presença de apenas um dos SPs, da mesma forma como acontece para os verbos de trajetória. Assim, o SP que aparece por último na sentença é um adjunto.

Quanto à natureza do argumento externo, alguns verbos podem apresentar tanto um sujeito Agente ou Causa, enquanto outros aceitam apenas um Agente, o que evidencia que o sujeito desses verbos precisa ser apenas um desencadeador, não sendo relevante o fato de ele ter ou não controle sobre o evento.

- (422) O menino/ a ventania lançou a boia na piscina.
- (423) O Ricardo/ \*a boa vontade do Ricardo emprestou dinheiro para Lívia.

---

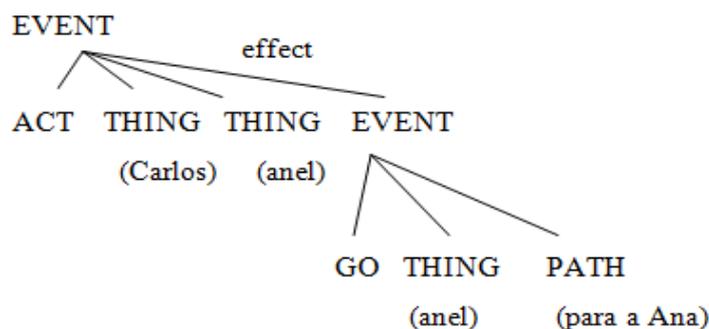
<sup>62</sup> Como fizemos para os verbos de trajetória, assumimos que SPs encabeçados pela preposição *em* recebem interpretação de Meta quando combinados com verbos que indicam movimento em uma determinada direção, como é o caso dos verbos em (416).

Como vimos, autores como Beavers (2011) e Pinker (1989) propõem representar verbos do tipo *lançar*, *enviar* e *dar* com o predicado GO, quando estão na forma com o SP:

(424) Movimento causado: [[ x ACT] CAUSE [z GO TO y]]

(BEAVERS, 2011, p. 3)

(425)



(Adaptado de PINKER, 1989, p. 211)

A estrutura em (425) é a representação que Pinker (1989) fornece para todos os verbos dativos. Assim, qualquer sentença que tenha um verbo desse tipo pode ser representada através desse modelo: *Carlos deu/lançou/enviou um anel para a Ana*.

É interessante notar que ambas as estruturas (424, 425) deixam explícito o caráter causativo desses verbos, que pode ser evidenciado pelo teste de aspecto lexical com o advérbio *quase*:

(426) O menino quase lançou a boia para a Maria.

a. O que o menino quase fez foi lançar a boia para a Maria.

b. O que o menino fez foi quase lançar a boia para a Maria.

A sentença em (426) pode apresentar a leitura de que o menino pensou em lançar a boia para a Maria, mas não o fez (426a), ou de que ele fez o movimento para lançar a bola, mas não o concluiu (426b). Isso mostra que *lançar* é um verbo de *accomplishment*.

Godoy (2012) propõe a seguinte estrutura para os verbos do tipo *lançar* no PB:

(427) v: [[X ACT <sub><MANNER></sub>] CAUSE [Y MOVE [PATH Z]]]

(GODOY, 2012, p. 76)

Segundo a autora, fazem parte dessa classe verbos como *arremessar*, *transferir*, *teletransportar*, *retirar*, entre outros.

Para os verbos do tipo *conduzir*, a autora apresenta a seguinte estrutura:

(428) v: [[X ACT <sub><MANNER></sub>] & [X MOVE [PATH Z]] & [Y MOVE [PATH Z]]]

(GODOY, 2012, p. 79)

Segundo Godoy (*op. cit.*), essa classe é constituída por verbos como *acompanhar*, *buscar*, entre outros, que acarretam que o desencadeador do movimento se move junto com o objeto direto que recebe o papel temático de Tema. Contudo, esses verbos não parecem constituir uma classe verbal única, pois, além de não estarmos certas de que todos eles veiculam a ideia de movimento, eles apresentam comportamentos distintos:

(429) O pai acompanhou a filha na cirurgia.

(430) a. A anfitriã conduziu os convidados até a sala de espera.

b. A condução dos convidados

c. A condução dos convidados até a sala de espera

d. A condução dos convidados pela anfitriã

(431) a. A mãe buscou o menino na escola.

b. \*A busca do menino na escola

c. \*A busca do menino pela mãe

A sentença em (429) nos mostra que o verbo *acompanhar* não parece veicular movimento, mas sim uma ideia de “fazer companhia”. Já os verbos *conduzir* e *buscar*, embora denotem um evento em que tanto o sujeito quanto o objeto direto se movem, comportam-se de forma distinta, uma vez que derivamos um SN eventivo do primeiro, mas não o fazemos para o segundo. Isso nos mostra que o fato de sujeito e de objeto se moverem ao mesmo tempo não parece ser uma propriedade relevante para a divisão dos verbos em classes.

Além disso, as representações propostas pela autora em (427) e (428) apresentam uma problemas estruturais, como o fato de atribuir um argumento a PATH, sendo que esse já é um

argumento por si próprio e não um predicado (PINKER, 1989) e o fato de propor que a raiz desses verbos é do tipo <MANNER>.

Já mencionamos nesta pesquisa que Cançado e Amaral (no prelo) propõem que o componente semântico da raiz verbal pode ser expresso através de sintagmas nominais derivados do verbo. Como mostramos em (430) para o verbo *conduzir*, e exemplificamos para os demais verbos a seguir, esses verbos derivam um SN eventivo, o que faz com que a raiz <MANNER> não seja adequada para representar o componente de sentido lexicalizado pelos mesmos<sup>63</sup>.

- (432) a. O menino lançou a boia na piscina.  
 b. O lançamento da boia  
 c. O lançamento da boia na piscina  
 d. O lançamento da boia pelo menino
- (433) a. O Henrique enviou o presente para Miriam.  
 b. O envio do presente  
 c. O envio do presente para Miriam  
 d. O envio do presente pelo Henrique
- (434) a. A madame doou um colar de brilhantes para o leilão de caridade.  
 b. A doação de um colar de brilhantes  
 c. A doação de um colar de brilhantes para o leilão de caridade  
 d. A doação de um colar de brilhantes pela madame

Através das sentenças em (430), (432), (433) e (434), podemos ver que os verbos dessa classe derivam um SN eventivo com o SP Tema, correspondente à letra “b” nos exemplos em questão, um SN eventivo composto pelo SP, que representa o Tema, e SP trajetória (letra c), ou um SN eventivo na forma de uma passiva nominal, correspondente à letra “d”.

Ainda é importante notar que alguns verbos, os dativos, aceitam um SP que pode ser considerado Beneficário da ação e que, portanto, pode ser substituído pelo pronome oblíquo *lhe*:

---

<sup>63</sup> Os verbos *dar* e *jogar*, embora denotem um evento de movimento causado e possuam três argumentos, não derivam um SN eventivo: *\*a dação de um presente para a menina/ \*o jogamento/ a jogada da bola para o gol*. Desconhecemos a razão de tal fato.

(435) a. O motorista transportou as crianças para a escola.

b.\*O motorista transportou-lhe as crianças.

(436) a. Henrique enviou um presente para Miriam.

b. Henrique enviou-lhe um presente.

Contudo, o fato de alguns desses verbos apresentarem a leitura dativa, ou seja, um objeto indireto que recebe papel temático de Beneficiário<sup>64</sup>, não é relevante para a divisão dos mesmos em classes, uma vez que todos lexicalizam um evento de movimento. Propomos, então, que essa é uma propriedade idiossincrática de alguns verbos, que será relevante apenas para a substituição do SP pelo pronome *lhe*.

Assim, propomos a seguinte representação semântica para essa classe:

(437) v: [ [X ACT] CAUSE [ [ <EVENT> OF Y ] LOC Z ] ]

a. *lançar*: [ [X ACT] CAUSE [ [ <LANÇAMENTO> OF Y ] LOC Z ] ]

b. *enviar*: [ [X ACT] CAUSE [ [ <ENVIO> OF Y ] LOC Z ] ]

c. *doar*: [ [X ACT] CAUSE [ [ <DOAÇÃO> OF Y ] LOC Z ] ]

Fazem parte desta classe 29 verbos.

Podemos perceber que essa representação se assemelha à proposta para os verbos do tipo *hastear*. Isso evidencia que ambos possuem o aspecto lexical de *accomplishment* e lexicalizam a realização de um evento. Contudo, apenas os verbos da classe de *lançar* pedem um SP trajetória como argumento. O subevento [X ACT] representa o fato de uma entidade desencadear um evento. A raiz <EVENT> evidencia que esses verbos lexicalizam a realização de um evento, e o predicado OF, que é biargumental, associa esse evento a Y. O predicado LOC toma dois argumentos para ter o seu sentido saturado: a variável Z e o argumento complexo [<EVENT> OF Y]. LOC Z representa o SP e CAUSE relaciona os dois subeventos: [X ACT] e [<EVENT> OF Y] LOC [Z]]. Do mesmo modo como propusemos para os verbos de trajetória, esses verbos atribuem para o SP o papel temático genérico de Trajetória, que será especificado como Fonte ou Meta, de acordo com a preposição selecionada pelo verbo. É a combinação da raiz <EVENT> com o primitivo LOC que transmite a ideia de movimento por uma trajetória.

---

<sup>64</sup> Cançado e Amaral (no prelo), reconhecendo o caráter problemático da noção estanque de Beneficiário, argumentam, através da proposta de que papéis temáticos são definidos em termos de propriedades atribuídas por um item predicador a seus argumentos (DOWTY, 1991; CANÇADO, 2005), que esse papel temático passa a ser uma propriedade participante de alguns papéis e não a própria função semântica.

Através da estrutura em (437), derivamos as seguintes propriedades sintático-semânticas da classe: (i) os verbos possuem o aspecto lexical de *accomplishment*; (ii) tomam três argumentos para terem seu sentido saturado (um Agente/Causa, um Tema e uma trajetória); e (iii) lexicalizam a realização de um evento.

Por fim, gostaríamos de mencionar que alguns verbos dessa classe exibem uma forma intransitiva, como podemos ver a seguir:

- (438) a. O menino lançou a boia na piscina.  
 b. O menino se lançou na piscina<sup>65</sup>.
- (439) a. O pai retirou o menino da sala.  
 b. O menino se retirou da sala.

As sentenças intransitivas de (438) e (439) correspondem à forma média, uma vez que em sua forma transitiva, o verbo acarreta movimento para o seu argumento interno (AMARAL, 2015).

Visto isso, passemos agora para a descrição da classe dos verbos de modo de movimento.

#### 4.5 Verbos de modo de movimento

Como vimos no decorrer desta dissertação, Levin e Rappaport Hovav (1992) e Levin (1993) apontam a existência de três classes de verbos de movimento, dentre as quais se encontra a dos verbos do tipo *roll* ‘rolar’. Esses são verbos que exibem o aspecto lexical de atividade e denotam a maneira como o movimento ocorre.

No PB, o aspecto de atividade pode ser evidenciado através do teste do paradoxo do imperfectivo, uma vez que verbos que denotam atividades acarretam que a ação foi realizada quando postos no progressivo:

- (440) a. O menino estava girando o peão.  
 b. † O menino girou peão.
- (441) a. O vento estava sacudindo a cortina.

---

<sup>65</sup> Segundo Godoy (2012), a forma intransitiva do verbo *lançar* é ambígua entre uma leitura média e uma reflexiva (*o menino se lançou na piscina com uma catapulta* = *o menino lançou ele mesmo na piscina com uma catapulta*).

b. † O vento sacudiu a cortina.

Jackendoff (1990) classifica os verbos do tipo *rolar*, assim como Levin e Rappaport Hovav (1992) e Levin (1993), como verbos de modo de movimento e propõem uma representação lexical para os mesmos com o primitivo MOVE, como mostramos em (10), em (139), em (257) e aqui retomamos:

(442) v: [Event MOVE ([Thing ])]

Baseada no autor, Amaral (2010) faz uma análise para os verbos de modo de movimento do PB e conclui que eles denotam atividades, participam da alternância transitivo-intransitiva e apresentam as seguintes estruturas de decomposição de predicados, correspondentes à forma transitiva e intransitiva dos verbos, respectivamente<sup>66</sup>:

(443) v: [[X ACT] CAUSE [Y MOVE <MANNER> ]]

O vento balançou a cortina.

(444) v: [Y MOVE <MANNER>]

A cortina balançou.

O primitivo ACT, sem a presença do modificador VOLITION, indica que o sujeito da forma transitiva desses verbos pode ser tanto um Agente, como em *o menino balançou a cortina*, ou uma Causa: *o vento balançou a cortina*.

Mais tarde, em sua tese de doutorado, Amaral (2015) faz um estudo sobre a alternância transitivo-intransitiva no PB, e reformula sua proposta para os verbos de modo de movimento. Segundo ela, esses verbos não podem ser considerados participantes da alternância causativo-incoativa, contrariamente ao que propõem Levin e Rappaport Hovav (1992), Levin (1993) e Haspelmath (1993), uma vez que essa seria uma alternância típica de verbos de mudança de estado:

(445) a. O vento balançou a rede.

b. A rede balançou.

---

<sup>66</sup> Proposta semelhante pode ser encontrada no trabalho de Menuzzi e Ribeiro (2011).

c. \*A rede tornou-se balançada.

(Adaptado de AMARAL, 2015, pgs. 111 e 112)

Diferentemente dos verbos de mudança de estado, os verbos de modo de movimento não acarretam *ficar/ tornar-se estado* (PARSONS, 1990).

A autora ainda argumenta que os verbos de modo de movimento impõem uma restrição quanto ao tipo do argumento que pode ocorrer em sua forma intransitiva: ele deve denotar uma entidade capaz de ter movimento próprio ou de “se mover de uma maneira espontânea, através de eventos naturais” (AMARAL, 2015, p. 115).

- (446) a. O vento balançou o galho da árvore/ o balanço.  
 b. O galho da árvore/ o balanço balançou (com o vento)  
 c. ?A parede balançou (com o vento).
- (447) a. O menino quebrou o galho da árvore/ o balanço/ a parede.  
 b. O galho da árvore/ o balanço/ a parede (se) quebrou.

Nas sentenças em (446), os SNs *o galho da árvore* e *o balanço* podem ocorrer na forma intransitiva com o verbo *balançar* por serem passíveis de serem movimentados pelo vento, enquanto o mesmo não é verdadeiro para o SN *a parede*, o que faz com que ele não possa funcionar como sujeito da forma intransitiva. Já com o verbo de mudança de estado *quebrar*, todos os SNs, *o galho da árvore*, *o balanço* e *a parede*, podem ser sujeitos de sua forma intransitiva. Isso evidencia que os verbos de mudança de estado impõem apenas uma restrição de caráter lexical (devem denotar *ficar/ tornar-se estado* e apresentar a subestrutura [BECOME Y <STATE>] – CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a) para ocorrerem na alternância causativo-incoativa, de modo que o tipo de seu argumento não influencia em sua participação na mesma (AMARAL, 2015).

Assim, Amaral (2015) propõe que a alternância transitivo-intransitiva que ocorre com os verbos de modo de movimento do PB é a alternância média, pois esses verbos acarretam movimento para o seu argumento interno na forma transitiva e só aceitam a forma intransitiva se o SN sujeito denotar uma entidade capaz de ter movimento próprio. Essas são as mesmas restrições que limitam a ocorrência da alternância média.

Além disso, assim como ocorre para as sentenças médias, quando um argumento com o traço [+animado] ocorre como sujeito da forma intransitiva dos verbos de modo de movimento, pode-se ter uma leitura agentiva.

(448) O menino se balançou (na cadeira de balanço) para se divertir.

(AMARAL, 2015, p. 115)

Contudo, essa leitura é apenas uma implicatura, uma vez que as sentenças intransitivas aceitam sujeitos inanimados que se movem espontaneamente (446b), e até mesmo seres animados podem ter interpretação não agentiva (AMARAL, 2015):

(449) O menino balançava ao vento, pendurado pelo pé no último galho de uma árvore alta.

(AMARAL, 2015, p. 116)

Quanto à estrutura argumental desses verbos, a autora nota que sua proposta de 2010 é problemática, uma vez que apenas verbos que denotam *accomplishments* devem ser representados pelo primitivo CAUSE, o qual evidencia a existência de dois subeventos internos ao verbo (DOWTY, 1979; PINKER, 1989; CANÇADO; GODOY; AMARAL, 2013a). Como mostramos nesta dissertação, a presença de dois subeventos no sentido do verbo pode ser evidenciada pelo teste do advérbio *quase* (MORGAN, 1969).

(450) O vento quase balançou a rede.

(451) O mãe quase chacoalhou o leite.

As sentenças em (450) e em (451) não são ambíguas, o que mostra que os verbos de modo de movimento não veiculam *accomplishments*.

Dessa forma, AMARAL (2015) reformula o primitivo MOVE de Jackendoff (1990), de modo que ele passa a ser biargumental, podendo, portanto, ser utilizado para representar a forma transitiva dos verbos de modo de movimento sem o CAUSE:

(452) v: [X MOVE <sub><MANNER></sub> Y]<sup>67</sup>

a. *balançar*: [X MOVE <sub><BALANÇANDO></sub> Y]

b. *chacoalhar*: [X MOVE <sub><CHACOALHANDO></sub> Y]

<sup>67</sup> Não estamos certas de que o predicado primitivo MOVE seja necessário para representar esses verbos. Como vimos para as demais classes que possuem verbos de movimento, essa propriedade semântica (*movimento*) faz parte do sentido idiossincrático dos verbos (classes de *correr* e de *hastear*) ou é derivada a partir da combinação da raiz com o primitivo LOC (classes de *chegar* e de *lançar*). Talvez os verbos de modo de movimento possam ser representados por um predicado mais geral, como AFFECT, de modo que o fato de acarretarem movimento para o seu argumento interno seria idiossincrático.

c. *rodopiar* [X MOVE <RODOPIANDO> Y]

Fazem parte desta classe 17 verbos.

O primitivo MOVE, modificado pela raiz <MANNER>, evidencia que esses verbos denotam a maneira como o movimento ocorre e os dois argumentos de MOVE, as variáveis X e Y, indicam que esses verbos são basicamente transitivos. A representação da classe através da raiz <MANNER> pode ser evidenciada pelo fato de esses verbos apresentarem um modificador cognato que denota o modo do movimento<sup>68</sup> (CANÇADO; AMARAL, no prelo).

(453) O menino balançou a rede com um balanço suave.

(454) A mãe chacoalhou o leite do bebê com chacoalhadas rápidas.

(455) A bailarina rodopiou até o meio do salão com rodopios perfeitos.

Através da estrutura de decomposição em predicados em (448), podemos derivar as seguintes propriedades sintático-semânticas da classe: (i) os verbos possuem o aspecto lexical de atividade; (ii) são biargumentais; (iii) aceitam um modificador cognato que denota modo de movimento; e (iv) participam da alternância média, pois acarretam movimento para o seu argumento interno – fato representado pelo primitivo MOVE.

Nesta dissertação adotamos a proposta de AMARAL (2015) para os verbos de modo de movimento do PB.

## 4.6 Conclusões

Neste capítulo, o nosso objetivo foi mostrar, baseadas nas propostas de Levin e Rappaport Hovav (1992), de Levin (1993) e de Jackendoff (1990) para o inglês, que os verbos de movimento do PB não constituem uma única classe. Eles podem ser divididos em 5 classes distintas, sendo que cada uma delas possui uma representação lexical própria:

**1. Classe dos verbos do tipo *correr*:** são monoargumentais, apresentam aspecto lexical básico de atividade e derivam SNs que denotam a realização de um evento em que o sujeito do verbo é o complemento do nome: *o atleta correu a tarde toda/ a corrida do atleta*.

---

<sup>68</sup> De acordo com a sugestão da banca, os SPs das sentenças de (453) a (455), apesar de serem modificadores verbais, parecem não denotar o modo como ocorre o movimento, mas sim um evento no mundo.

Representação lexical: *v*: [X DO <EVENT>]

*correr*: [X DO <CORRIDA>]

**2. Classe dos verbos do tipo *chegar*:** são biargumentais, pedindo um SN Tema e um SP trajetória para terem o seu sentido saturado. Apresentam o aspecto lexical básico de *achievement* e derivam SNs que denotam a realização de um evento. Esse SN pode ser composto pelo nome eventivo + SP trajetória (*a chegada na festa*) ou pelo nome eventivo + SP Tema + SP trajetória (*a chegada do menino na festa*).

Representação lexical: *v*: [[X DO <EVENT>] LOC Z]

*chegar*: [[X DO <CHEGADA>] LOC Z]

**3. Classe dos verbos do tipo *hastear*:** são biargumentais, pedindo dois SNs para terem o seu sentido saturado. Apresentam aspecto lexical básico de *accomplishment* e derivam SNs que denotam a realização de um evento. Esse SN corresponde à passiva nominal, na qual o sujeito do verbo corresponde ao SP encabeçado pela preposição *por*: *o hasteamento da bandeira pelo soldado*.

Representação lexical: *v*: [[X ACT] CAUSE [ <EVENT> OF Y]

*hastear*: [[X ACT] CAUSE [ <HASTEAMENTO> OF Y]

**4. Classe dos verbos do tipo *lançar*:** possuem três argumentos, sendo um SN Agente ou Causa como argumento externo, um SN Tema como argumento interno e um SP trajetória também como argumento interno. Apresentam o aspecto lexical básico de *accomplishment* e derivam SNs que denotam a realização de um evento. Esse SN pode ser composto pelo nome eventivo + SP Tema (*o lançamento da bola*), por nome eventivo + SP Tema + SP trajetória (*o lançamento da bola para o gol*) ou por nome eventivo + SP Tema + SP Agente, o que corresponde a passiva nominal, na qual o sujeito do verbo corresponde ao SP encabeçado pela preposição *por* (*o lançamento da bola pelo jogador*).

Representação lexical: *v*: [[X ACT] CAUSE [ [<EVENT> OF Y] LOC Z]]

*lançar*: [[X ACT] CAUSE [ [<LANÇAMENTO> OF Y] LOC Z]]

**5. Verbos do tipo *balançar*:** possuem dois argumentos, sendo um SN Agente ou Causa e um SN tema. Apresentam o aspecto lexical básico de atividade e podem ter a maneira como ocorre o movimento apresentada através de SPs cognatos (*o menino balançou a rede com balanços suaves*).

Representação lexical: *v*: [X MOVE <MANNER>Y]

*balançar*: [X MOVE <BALANÇANDO>Y]

Também procuramos mostrar como a propriedade semântica *movimento* é representada em cada classe. Nas classes de *correr* e de *hastear*, ela faz parte do sentido idiossincrático dos verbos, pois outros verbos que não possuem essa propriedade, como *chorar* e *abastecer*, respectivamente, fazem parte dessas classes.

Já nas classes de *chegar* e *lançar*, o sentido de *movimento* é dado pela composição da raiz verbal com o primitivo LOC, uma vez que os verbos dessas classes denotam a realização de um evento por uma trajetória.

O *movimento*, nos verbos de modo de movimento, é expresso, até então, através do primitivo MOVE.

## CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos as considerações finais sobre nosso trabalho e, para tanto, retomamos o que foi feito ao longo desta dissertação.

No capítulo 1, definimos nosso objeto de estudo, os verbos de movimento no PB, os nossos objetivos, a justificativa da pesquisa, a metodologia adotada e apresentamos nossa hipótese de que nem todas as classes de verbos que denotam movimento têm uma representação lexical que contenha predicados primitivos específicos dessa propriedade semântica.

No segundo capítulo, explicitamos o referencial teórico que subjaz nossa pesquisa. Delineamos o campo de estudo da Interface Sintaxe-Semântica Lexical através da explicação de conceitos fundamentais para essa linha de pesquisa, como o conceito de classes verbais, de aspecto lexical e de representações semânticas.

No capítulo três, fizemos um panorama de como a propriedade semântica *movimento* é tratada na literatura linguística. Talmy (1985, 2000) divide as línguas do mundo em dois grandes tipos de acordo com a forma como lexicalizam os componentes semânticos *movimento*, *maneira*, *causa* e *trajetória*: línguas emolduradas nos verbos, cujos verbos lexicalizam *movimento* e *trajetória*, como o italiano, e línguas emolduradas nos satélites, cujos verbos lexicalizam *movimento* e *maneira* ou *causa*, como o inglês. Propusemos, baseadas nos trabalhos de Riberio (2014) e de Cesa (2012), que os dados do PB corroboram a proposta de Beavers, Levin e Tham (2010) de que a tipologia linguística proposta por Talmy (1985, 2000) não pode ser considerada de forma rígida, uma vez que várias línguas apresentam, ao mesmo tempo, comportamento de línguas emolduradas nos verbos e nos satélites.

Ainda no mesmo capítulo, apresentamos uma série de análises que discutem o estatuto dos verbos de movimento enquanto classe verbal e propõem representações semânticas para os mesmos (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992; LEVIN, 1993; JACKENDOFF, 1983, 1990; AMARAL, 2010, 2013, 2015; MENUZZI; RIBEIRO, 2011; GODOY, 2012; CORRÊA, 2005; CORRÊA; CANÇADO, 2006; SOUTO, 2014). Para o PB, encontramos propostas de representações lexicais para os verbos de modo de movimento (AMARAL, 2010, 2015; MENUZZI; RIBEIRO, 2011), para os verbos do tipo *lançar* (GODOY, 2012), para os do tipo *correr* (AMARAL, 2013) e para os verbos de trajetória (CORRÊA, 2005; CORRÊA; CANÇADO, 2006). Contudo, nenhum desses trabalhos traz uma análise completa

sobre os diversos tipos de verbos de movimento, além de alguns apresentarem problemas quanto à divisão dos verbos em classes e quanto à estruturação da representação semântica proposta.

Também mostramos o comportamento dos verbos de movimento em relação à inacusatividade e concluímos que, no PB, os verbos de trajetória são inacusativos de dois lugares e os do tipo *correr* são inergativos (DUARTE, 2003; ELISEU, 1984; MUNHOZ, 2011), assim como no inglês (LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1992). Os verbos de modo de movimento, como *balançar*, são basicamente transitivos (AMARAL, 2015).

No capítulo 4, agrupamos e distribuimos os verbos de movimento de nossa língua em classes de acordo com o seu comportamento sintático-semântico e concluímos que eles se dividem em 5 classes distintas, sendo elas: classe dos verbos do tipo *correr* (AMARAL, 2013), dos verbos de trajetória, como *chegar*, dos verbos do tipo *hastear*, dos verbos do tipo *lançar* e dos verbos de modo de movimento (AMARAL, 2010, 2015). Explicitamos as propriedades semânticas e sintáticas relevantes de cada classe e propusemos representações lexicais através da linguagem de decomposição de predicados primitivos para as mesmas. Algumas dessas representações já haviam sido propostas por AMARAL (2013, 2015).

Como resultado, confirmamos o pressuposto de que a propriedade semântica *movimento* não é relevante para a divisão dos verbos do PB em classes e concluímos ser desnecessária a existência de primitivos específicos que denotam *movimento*, (salva a proposta para os verbos de modo de movimento que precisa ser mais bem analisada), pois essa propriedade semântica é idiossincrática de alguns verbos (verbos do tipo *correr* e do tipo *hastear*) ou é derivada da combinação da raiz idiossincrática com o primitivo LOC (verbos de trajetória e do tipo *lançar*).

Por fim, gostaríamos de retomar os objetivos específicos que nos propusemos a realizar: (i) fazer um amplo levantamento dos verbos de movimento do PB; (ii) separar os verbos de movimento do PB em classes e propor representações semântico-lexicais para os mesmos; e (iii) determinar quando a propriedade semântica *movimento* deve estar presente na estrutura argumental dos verbos por meio de primitivos específicos. Acreditamos termos cumprido, em grande parte, esses objetivos e, com isso, termos contribuído para a descrição do sistema linguístico do PB e para a sistematização da metalinguagem de decomposição de predicados primitivos, através da análise dos primitivos que devem compor os eventos de movimento.

## REFERÊNCIAS

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton & Co., 1957.

\_\_\_\_\_. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT press, 1965.

GRUBER, J. *Studies in Lexical Relations*. Tese de doutorado, MIT. Cambridge, 1965.

LAKOFF, G. *On the nature of syntactic irregularity*. Tese de Doutorado. Indiana University, 1965.

VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell, 1967.

FILLMORE, C. The case for case. In: E. Bach and R.T.Harms (eds.), *Universal in Linguistic Theory*, Holt, Rinehart and Winston, New York, p. 1-88, 1968.

MCCAULEY, J. The role of semantics in a grammar. In: BACH, E.; HARMS, R. *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, p. 124-169, 1968.

MORGAN, J. On arguing about semantics. *Papers in Linguistics*, v. 1, p. 49-70, 1969.

FILLMORE, C. The grammar of hitting and breaking. In: FILLMORE, C. *Form and meaning in language: papers on semantics roles*. Stanford: CSLI Publications, p. 123-139, 2003 [1970].

FODOR, J. Three reasons for not deriving 'kill' from 'cause to die'. *Linguistic Inquiry*, v. 1, p. 429-438, 1970.

LAKOFF, G. *Irregularity in Syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

FILLMORE, C. Types of lexical information. In: FILLMORE, C. Form and meaning in language: papers on semantics roles. Stanford: CSLI Publications, p. 141-173, 2003 [1971].

ROSS, J. R. Act. In: DAVIDSON, D.; HARMAN, G. *Semantics of natural language*. Dordrecht: D. Reidel, p. 70-126, 1972.

PERLMUTTER, D. Impersonal passives and the Unaccusative Hypothesis. *Berkeley Linguistics Society* 4, p.157-189, 1978.

CLARK, E. V.; CLARK, H. H. When nouns surface as verbs. *Language*, v. 55, p. 767-811, 1979.

DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel, 1979.

KIPARSKY, P. Word formation and the lexicon. In *Proceedings of the Mid-America Linguistics Conference*, ed. F. Ingeman. University of Kansas, p. 3-29. 1982.

JACKENDOFF, R. *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press, 1983.

ELISEU, A. *Verbos ergativos do português: descrição e análise*. 1984. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1984.

KIPARSKY, P. Some consequences of Lexical Phonology. *Phonology Yearbook* 2, p. 85-138, 1985.

TALMY, L. Lexicalization patterns: Semantic structure in lexical forms. In TIMOTHY SHOPEN (ed.), *Language typology and syntactic description: Grammatical categories and the lexicon*, v.3, 57-149. New York: Cambridge University Press, 1985.

BACH, E. The Algebra of Events. *Linguistics and Philosophy* 9, p. 5-16, 1986.

BURZIO, L. *Italian Syntax: a government and binding approach*. Dordrecht: D. Reisel Publishing Company, 1986.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of "let alone", In: *Language*, v.64, p. 501-538, 1988.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. What To Do with Theta-Role. In: WILKINS, W. (Org.). *Syntax and Semantics 21* (Thematic Relations). New York: Academic Press, p.7-36, 1988.

ASKE, J. Path predicates in English and Spanish: A closer look. *Berkeley Linguistics Society* (BLS) 15, p. 1-14, 1989.

GROPEN, J.; PINKER, S.; HOLLAND, M.; GOLDBERG, R.; WILSON, R. The learnability and acquisition of dative alternation in English. *Language*, 65, p. 203-257, 1989.

PINKER, S. *Learnability and Cognition: The acquisition of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 1989.

BORBA, F. (Coord). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Editora da Unesp, 1990.

JACKENDOFF, R.. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

PARSONS, T. *Events in the Semantics of English*. Cambridge: MIT Press, 1990.

CHOI, S.; BOWERMAN, M. Learning to express motion events in English and Korean: The influence of language-specific lexicalization patterns. *Cognition* 41, p. 83-121, 1991.

DOWTY, D. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. The Lexical Semantics of Verbs of Motion: The Perspective from Unaccusativity. In: ROCA, I. *Thematic Structure: Its Role in Grammar*. Berlin: Foris, p. 247-269, 1992.

CANN, R. *Formal Semantics: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HALE, K.; KEYSER, S. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: HALE, K.; KEYSER, S. *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, p. 53-109, 1993.

HASPELMATH, M. More on typology of inchoative/causative verb alternations. In: COMRIE, B.; POLINSKY, M. *Causatives and transitivity*. Amsterdam: John Benjamins, p. 87-120, 1993.

KEMMER, S. *The middle voice*. Amsterdam: John Benjamins, 1993.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations – a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LAUGHREN, M.; LEVIN, B. Levels of Lexical Representation. In: PUSTEJOVSKY (ed.). *Semantic and the lexicon*. Kluwer Academic Publishers, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. .A Preliminary Analysis of Causative Verbs in English, *Lingua* 92, p. 35-77, 1994.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.

DINI, L.; TOMASO, V. Linking theory and lexical ambiguity: The case of Italian motion verbs. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica* 9, p. 161–169. Pisa: Scuola Normale Superiore, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions: a constructions grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

PUSTEJOVSKY, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge: MIT Press, 1995.

SMITH, C. *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer, 1997.

WUNDERLICH, D. Cause and the structure of verbs. *Linguistic Inquiry*, v. 28, n. 1, p. 27-68, 1997.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Building Verb Meanings. In: BUTT, M.; GEUDER, W. *The projection of arguments: Lexical and Syntactic Constraints*. Stanford: CSLI Publications, Stanford University, p. 97-134, 1998.

TALMY, L. *Toward a cognitive semantics: Typology and process in concept structuring*. v 2, Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

HALE, K.; KEYSER, S.. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

CAMACHO, R. Em defesa da categoria da voz média no português. *DELTA*, v19, n. 1, p. 91-122, 2003.

DUARTE, I. A família das construções inacusativas. In: MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, p.507-548, 2003.

CIRÍACO, L.; CANÇADO, M. Inacusatividade e inergatividade no PB. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 46, n. 2, p. 207-225, 2004.

SLOBIN, D. The many ways to search for a frog: *Linguistic typology and the expression of motion events*. In STROMQVIST & VERHOEVEN (eds.), p. 219–257, 2004.

ZLATEV, J.; YANGKLANG, P. A third way to travel: The place of Thai. In *Motion event typology*. In STROMQVIST & VERHOEVEN (eds.), p. 159–190, 2004.

CANÇADO, M. Propriedades semânticas e posições argumentais. *DELTA*, v. 21, n. 1, p. 23-56, 2005.

CORRÊA, R. *Verbos de trajetória: uma análise sintático-semântica*. 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Argument Realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CORRÊA, R.; CANÇADO, M. Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, p. 371-404, 2006.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. Sobre a Noção de Aspecto. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.48, v.2, p.211-232, 2006.

WUNDERLICH, D. Introduction: What the study of the lexicon is about. In: WUNDERLICH, W. (ed.). *Advances in the Theory of the Lexicon*. Copyright, p.1-27, 2006.

FÁBREGAS, A. The Exhaustive Lexicalisation Principle. *Nordlyd : Tromsø Working Papers in Linguistics* 34. n 2, p. 165–199, 2007.

MIOTO, C.; SILVA, M.; LOPES, R. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Editora Insular, 2007.

BARBOSA, J. *A estrutura sintática das chamadas “construções resultativas” em PB*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, USP, São Paulo, 2008.

BEAVERS, J. On the nature of goal marking and delimitation: Evidence from Japanese. *Journal of Linguistics* 44, p. 283–316, 2008.

LAPORTE, É. Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do léxico-gramática. *Revista (Con)textos Linguísticos*, v. 2, p. 26-51, 2008.

MORAES, H. R. *Aspectos sintaticamente relevantes do significado lexical: estudo dos verbos de movimento*. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, UnesP, Araraquara, 2008.

DORON, E.; RAPPAPORT HOVAV, M. A unified approach to reflexivization in semitic and romance. *Brill's Annual of Afroasiatic Languages and Linguistics*, v. 1, p. 75-105, 2009.

GODOY, L. Os verbos recíprocos no PB e a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe. *ALFA*, v 53, n.1, p. 283-299, 2009.

AMARAL, L. *Os verbos de modo de movimento do português brasileiro*. 2010. Monografia (Bacharelado em Letras) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

BEAVERS, J. The structure of lexical meaning: why semantics really matters. *Language*, v.86, n 4, p.821-864, 2010.

BEAVERS, J.; LEVIN, B. THAM, S. The typology of motion expressions revisited. *Journal of Linguistics*, v.46, issue 2, p. 331-377, 2010.

CANÇADO, M. Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v. 3, n. 1, p. 77-111, 2010.

CROFT, W.; BARDDAL, J.; HOLLMANN, W.; SOTIROVA, V.; TAOKA, C. Revising Talmy's typological classification of complex events. In Boas, H. (ed.), *Contrastive construction grammar*, Amsterdam: John Benjamins, p. 201-236, 2010.

RAPPAPORT HOVAV, M.; LEVIN, B. Reflections on Manner/Result Complementarity. In: RAPPAPORT HOVAV, M.; DORON, E.; SICHEL, I. *Syntax, lexical semantics, and event structure*. Oxford: Oxford University Press, p. 21-38, 2010.

BEAVERS, J. An aspectual analysis of ditransitive verbs of caused possession in English. *Journal of Semantics*, 28, p. 1-54, 2011.

DEMONTTE, v. Los eventos de movimiento en español: construcción léxico-sintáctica y microparámetros preposicionales. In: OLTAL, J.; FERNÁNDEZ, L.; SINNER, C. *Estudios sobre perífrase y aspecto*. Munique: Peniope, p. 16-42, 2011.

LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. Lexical Conceptual Structure: In: HEUSINGER, K.; MAIENBORN, C.; PORTNER, P. (eds), *Semantics: An International Handbook of Natural Language Meaning I*, Mouton de Gruyter, Berlin, p. 418-438, 2011.

MENUZZI, S.; RIBEIRO, P. A representação léxico-semântica de alguns tipos de verbos monoargumentais. *Cadernos do IL*, n. 42, p. 83-94, 2011.

MUNHOZ, A. T. M. *A estrutura argumental das construções de tópico-sujeito: o caso dos sujeitos locativos*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília. 2011.

SILVA, C.; FARIAS, J. O fenômeno da inacusatividade no português: por uma análise léxico- sintática dos verbos do tipo *ir* e *chegar*. *Veredas*, n. 1, 2011.

ZUBIZARRETA, M.L; OH, E. *On the syntactic composition of Manner and Motion*. Mit Press, 2011.

CANÇADO, M.; GODOY, L. Representação Lexical de Classes Verbais do PB. *ALFA*, v. 56, n. 1, p. 109-135, 2012.

CESA, N.N.B. A preposição *até* como elemento integrador de eventos: uma abordagem cognitiva. *Anais do X Encontro do CELSUL*, Cascavel, 2012.

GODOY, L. *A reflexivização no português brasileiro e a decomposição semântica de predicados*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2012.

MUNHOZ, A.T.M.; NAVES, R. R. Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferências de traços de C. *SIGNUM*, n. 15, Londrina, p. 245-265, 2012.

POTASHNIK, J. Emission verbs. In: EVERAERT, M.; MARELJ, M.; SILONI, T. *The theta system: argument structure at the interface*. Oxford University Press, 251-278, 2012.

WUNDERLICH, D. Lexical Decomposition in Grammar. In: WERNING, M.; HINZEN, W.; MACHERY, E. *The Oxford Handbook of Compositionality*. Oxford: Oxford University Press, p. 307-327, 2012.

AMARAL, L. *Os predicados primitivos ACT e DO na representação lexical dos verbos*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2013.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. Vol I - Verbos de mudança. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013a.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. Predicados primitivos, papéis temáticos e aspecto lexical. *Revel*, v, 11, n. 20, 2013b.

MEIRELLES, L. L. *Os verbos instrumentais no português brasileiro*. 2013. Monografia (Bacharelado em Letras) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2013a.

MEIRELLES, L. As vantagens do uso da linguagem de decomposição em predicados primitivos em uma análise semântico-lexical das classes verbais do português brasileiro. *Anais do SILEL*. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013b.

BEAVERS, J. *Linking Arguments to Verbal Meaning*. Lecture notes from the X Workshop on Formal Linguistics, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, Aug 25-27, 2014.

MEIRELLES, L.; CANÇADO, M. Análise semântica do prefixo re- em verbos do português brasileiro. *Revista da Abralin*, v. 13, n.1, p. 155-180, 2014.

RIBEIRO, P. *Revisitando a semântica conceitual de Jackendoff: um estudo sobre a semântica verbal no PB sob a perspectiva da hipótese locacional*. 2014. Tese (Doutorado). Faculdade de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

SOUTO, K. C. E. *Categorias funcionais e lexicais no licenciamento de verbos de trajetória: o caso do verbo ir*. 2014. Tese (Doutorado) – UnB, Brasília, 2014.

AMARAL, L. *A alternância transitivo - intransitiva no português brasileiro: fenômenos semânticos*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Poslin, Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2015.

MEIRELLES, L.; CANÇADO, M. Os verbos instrumentais no português brasileiro. *Revista de Estudos Linguísticos Veredas*, v 19, nº2, 2015.

AMARAL, L.; CANÇADO, M. Argument structure of activity verbs in Brazilian Portuguese. *Semantics-Syntax Interface*, v. 2, n. 2. no prelo.

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à Semântica Lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis: Vozes, no prelo.

CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. *Catálogo de verbos do português brasileiro: classificação verbal segundo a decomposição de predicados*. v, 2. em prep.

## APÊNDICE A- DADOS

### Verbos de realização de evento

**Estrutura:** [X DO <EVENT>] (AMARAL, 2013)

#### 1. Andar

A menina andou (muito hoje).  
A Maria andou uma andada boa hoje.  
A andada da menina

#### 2. Caminhar

O menino caminhou (muito hoje).  
O menino caminhou uma longa caminhada pela manhã.  
A caminhada do menino

#### 3. Correr

O maratonista correu.  
O maratonista correu uma corrida perfeita.  
A corrida do maratonista

#### 4. Cavalgar

O cavalo cavalgou.  
O cavalo cavalgou uma cavalgada graciosa.  
A cavalgada do cavalo

#### 5. Dançar

A odalisca dançou.  
A odalisca dançou a dança do ventre.  
A dança da odalisca

#### 6. Desfilar

A menina desfilou.  
A menina desfilou um desfile gracioso.  
O desfile da menina

#### 7. Engatinhar

O filho da Maria engatinhou.  
O bebê engatinhou sua primeira engatinhada.  
A engatinhada do filho da Maria

## 8. Exercitar

O atleta (se) exercitou.

O atleta exercitou exercícios pesados/ uma exercitação pesada.

A exercitação/ do atleta

## 9. Galopar

O potro galopou.

O potro galopou um galope ligeiro.

O galope do potro

## 10. Malhar

O atleta malhou (muito hoje).

O atleta malhou uma malhação pesada.

A malhação do atleta

## 11. Marchar

O exército marchou.

O exército marchou uma marcha atlética.

A marcha do exército

## 12. Mergulhar

O menino mergulhou.

O menino mergulhou um mergulho olímpico.

O mergulho do menino

## 13. Nadar

O atleta nadou.

O atleta nadou um nado borboleta.

O nado do atleta

## 14. Pular

A criança pulava.

A criança pulava pulos cada vez mais altos.

O pulo da criança

## 15. Passear

O menino passeava.

O menino passeou um passeio agradável.

O passeio do menino

## 16. Rebolar

A Karla Peres rebolava  
 A Karla Peres rebolou um rebolado fenomenal.  
 O rebolado da Karla Peres

## 17. Requebrar

A funkeira requebrava.  
 A funkeira requebrou um requebrado rápido.  
 O requebrado da funkeira

## 18. Saltar

O atleta saltou.  
 O atleta saltou um salto triplo.  
 O salto do atleta

## 19. Sambar

As estrangeiras sambavam.  
 As estrangeiras sambavam um samba desengonçado.  
 O samba das estrangeiras

## 20. Sapatear

O dançarino sapateava.  
 O dançarino sapateou um sapateado maluco.  
 O sapateado do dançarino

## 21. Viajar

Sônia viajou.  
 Sônia viajou uma viagem excelente.  
 A viagem de Sônia

## 22. Voar

A andorinha voava.  
 A andorinha voou um vôo longo.  
 O vôo da andorinha

**Verbos de trajetória**

**Estrutura argumental: [ [X DO <EVENT>] LOC Z ]**

## 1. Adentrar

O menino adentrou a/na sala.  
 O menino adentrou. → gramatical com leitura dêitica

O adentramento do menino na sala

## 2. Atravessar

O menino atravessou para o outro lado da rua.

O menino atravessou a rua. → alternância aspectual

O menino atravessou. → gramatical com leitura dêitica

A travessia do menino para o outro lado da rua

## 3. Avançar

A tropa avançou para o Sul.

A tropa avançou. → gramatical com leitura dêitica

O avanço das tropas para o Sul

## 4. Chegar

O João chegou na festa/ de Paris.

O João chegou. → gramatical com leitura dêitica

A chegada do João na festa/ de Paris

## 5. Descer

O menino desceu da cama/ para/ até o terceiro andar.

O menino desceu o morro. → alternância aspectual

O menino desceu. → gramatical com leitura dêitica

A descida da menina da cama/ para/ até o terceiro andar

## 6. Desembarcar

O menino desembarcou do trem.

O menino desembarcou. → gramatical com leitura dêitica

O desembarque do menino do trem

## 7. Embarcar

O menino embarcou no trem.

O menino embarcou. → gramatical com leitura dêitica

O embarque do menino no trem

## 8. Entrar

A professora entrou na sala.

A professora entrou. → gramatical com leitura dêitica

A entrada da professora na sala

## 9. Ir

O João foi para/ até São Paulo.

A ida do João para/ até São Paulo

## 10. Partir

A tropa partiu do/ para o Sul.

A tropa partiu. → gramatical com leitura dêitica

A partida da tropa do/ para o Sul

## 11. Recuar

O cavalo recuou até a cerca.

O cavalo recuou. → gramatical com leitura dêitica

O recuo do cavalo até a cerca.

## 12. Regressar

O soldado regressou da guerra/ para casa.

O soldado regressou. → gramatical com leitura dêitica

O regresso do soldado da guerra/ para casa

## 13. Retornar

O soldado retornou da guerra/ para casa.

O soldado retornou. → gramatical com leitura dêitica

O retorno do soldado da guerra/ para casa

## 14. Sair

Ana saiu da sala/ para a casa da amiga.

Ana saiu. → gramatical com leitura dêitica

A saída de Ana da sala/ para a casa da amiga

## 15. Subir

O menino subiu na mesa/ para/ até o quarto andar.

O menino subiu o morro. → alternância aspectual

O menino subiu. → gramatical com leitura dêitica

A subida do menino na mesa/ para/ até o quarto andar.

## 16. Vir

João veio para/ até Belo Horizonte/ do Rio.

João veio. → gramatical com leitura dêitica

A vinda de João para/ até Belo Horizonte

## 17. Voltar

João voltou para casa/ da festa.

João voltou. → gramatical com leitura dêitica

A volta de João para casa/ da festa

## Verbos de evento causado

**Estrutura argumental: [[X ACT] CAUSE [<EVENT> OF Y]] (AMARAL, 2013)**

### 1. Aterrissar

O piloto aterrissou o avião.

O piloto aterrissou o avião até o limite da pista de pouso.

A aterrissagem do avião pelo piloto

O avião aterrissou. → alternância metonímica

O piloto aterrissou. → alternância metonímica

### 2. Decolar

O piloto decolou o avião.

O piloto decolou o avião até um quilômetro do solo.

A decolagem do avião pelo piloto

O avião decolou. → alternância metonímica

O piloto decolou. → alternância metonímica

### 3. Hastear

O soldado hasteou a bandeira.

O soldado hasteou a bandeira até o topo do mastro.

O hasteamento da bandeira pelo soldado

A bandeira hasteou. → forma média

### 4. Içar

O marinheiro içou as velas.

O marinheiro içou as velas até o topo do mastro.

O içamento das velas pelo marinheiro

As velas içaram. → forma média

### 5. Levantar

O atleta levantou a barra de ferro.

O atleta levantou a barra de ferro até os ombros.

O levantamento da barra de ferro pelo atleta

O atleta levantou-se.

### 6. Soerguer

O marinheiro soergueu a âncora.

O marinheiro soergueu a âncora do fundo do mar.

O soerguimento da âncora pelo marinheiro

O marinheiro soergueu-se. → forma média

## Verbos de movimento causado

**Estrutura argumental:** [ [X ACT] CAUSE [ [ <EVENT> OF Y ] LOC Z ] ]

### 1. Absorver

O solo absorveu a água da chuva.

A absorção da água da chuva

A absorção da água pelo solo

### 2. Apagar

João apagou as anotações do caderno.

O apagamento das anotações do caderno

O apagamento das anotações pelo João

### 3. Arremessar

Luana arremessou a boia na piscina/ para Bruna.

O arremesso da boia pela Luana

O arremesso da boia na piscina

Luana se arremessou na piscina.

### 4. Chutar

O menino chutou a latinha no/ para o lixo.

O chute da latinha pelo menino

O chute da latinha no/ para o lixo

### 5. Coletar

O medico coletou sangue do menino.

A coleta de sangue do menino

A coleta de sangue pelo médico

### 6. Colher

O menino colheu os frutos das árvores.

A colheita dos frutos das árvores

A colheita dos frutos pelo menino

### 7. Conduzir

A anfitriã conduziu os convidados até/ para a porta.

A condução dos convidados pela anfitriã

A condução dos convidados até/ para a porta

## 8. Deslocar

O professor deslocou os alunos para/ até outra sala.  
O deslocamento dos alunos pelo professor  
O deslocamento dos alunos para/ até outra sala  
O professor se deslocou para outra sala.

## 9. Doar

A madame doou um colar de brilhantes para o leilão da instituição de caridade.  
A doação de um colar de brilhantes pela madame  
A doação de um colar de brilhantes para o leilão de caridade

## 10. Eliminar

O médico eliminou as impurezas do sangue do paciente.  
A eliminação das impurezas do sangue do paciente  
A eliminação das impurezas do sangue pelo médico

## 11. Emprestar

Ricardo emprestou dinheiro para Lívia.  
O empréstimo de dinheiro pelo Ricardo  
O empréstimo de dinheiro para Lívia

## 12. Endereçar

O sargento endereçou a intimação ao suspeito.  
O endereçamento da intimação pelo sargento  
O endereçamento da intimação para o suspeito

## 13. Entregar

O João entregou um buquê de rosas para Maria.  
A entrega de um buquê de rosas pelo João  
A entrega de um buquê de rosas para Maria

## 14. Enviar

Henrique enviou um presente para Miriam.  
O envio de um presente pelo Henrique  
O envio de um presente para Miriam

## 15. Excluir

Luísa excluiu as fotos do computador.  
A exclusão das fotos pela Luísa  
A exclusão das fotos do computador  
As fotos excluíram do computador.

## 16. Exonerar

A administração exonerou o servidor do cargo  
A exoneração do servidor do cargo  
A exoneração do servidor pela administração

## 17. Exportar

O Brasil exportou 1000 kg de café para os Estados Unidos.  
A exportação de 1000 kg de café pelo Brasil  
A exportação de 1000 kg de café para os Estado Unidos

## 18. Expulsar

O juiz expulsou o jogador do jogo.  
A expulsão do jogador do jogo  
A expulsão do jogador pelo juiz

## 19. Extrair

A secretária extraiu os documentos da pasta.  
A extração dos documentos pela secretária  
A extração dos documentos da pasta

## 20. Importar

Os Estados Unidos importaram 1000 kg de café do Brasil.  
A importação de 1000 kg de café pelos Estados Unidos  
A importação de 1000 kg de café do Brasil

## 21. Lançar

O menino lançou a bola na piscina/ para o colega.  
O lançamento da bola pelo menino  
O lançamento da bola na piscina/ para o colega  
O menino se lançou na piscina.

## 22. Remover

A secretária removeu o documento da pasta.  
A remoção do documento da pasta  
A remoção do documento pela secretária

## 23. Retirar

O pai retirou o menino da sala.  
A retirada do menino pelo pai  
A retirada do menino da sala  
O menino se retirou da sala.

## 24. Sacar

A mulher sacou dinheiro do banco.  
 O saque de dinheiro pela mulher  
 O saque de dinheiro do banco

## 25. Subtrair

O professor subtraiu 3 questões da prova.  
 A subtração de 3 questões da prova  
 A subtração de 3 questões pelo professor

## 26. Suprimir

O professor suprimiu 3 questões da prova.  
 A supressão de 3 questões da prova  
 A supressão de 3 questões pelo professor

## 27. Transferir

A diretora transferiu o menino para outra sala.  
 A transferência do menino pela diretora  
 A transferência de do menino para outra sala  
 O menino se transferiu para outra sala.

## 28. Transportar

O motorista transportou os alunos para/ até a escola.  
 O transporte dos alunos pelo motorista  
 O transporte dos alunos para/ até a escola  
 O motorista se transportou para a escola.

## 29. Teletransportar

O cientista teletransportou Miguel para Marte.  
 O teletransporte de Miguel pelo cientista  
 O teletransporte de Miguel para Marte  
 O cientista se teletransportou para Marte.

**Verbos de modo de movimento**

**Estrutura argumental: [X MOVE <MANNER> Y] (AMARAL, 2015)**

## 1) Arrastar

A faxineira arrastou o sofá.  
 A faxineira arrastou o sofá com um arrasto forte.  
 A faxineira (se) arrastou pelo chão da sala.

## 2) Balançar

Bruna balançou a rede.

Bruna balançou a rede com um balanço suave.

A rede balançou (com a ventania)./ Bruna (se) balançou na rede.

## 3) Brandir

O bandeirinha brandiu a bandeira vermelha.

O bandeirinha brandiu a bandeira vermelha com um bradimento agitado.

A bandeira vermelha brandiu.

## 4) Bulir

A brisa buliu a folhagem das árvores.

A brisa buliu a folhagem das árvores com bulidas suaves.

A folhagem das árvores buliu.

## 5) Chacoalhar

Ana chacoalhou o leite.

Ana chacoalhou o leite com chacoalhadas rápidas.

O leite chacoalhou (com o terremoto).

## 6) Fremir

A tempestade fremiu as velas da embarcação.

A tempestade fremiu as velas da embarcação com fremidas ferozes

As velas da embarcação fremiram.

## 7) Girar

O menino girou o peão.

O menino girou o peão com um giro perfeito.

O peão girou.

## 8) Menear

O lutador de esgrima meneou a espada.

O lutador de esgrima meneou a espada com um meneamento gracioso.

A espada meneou (com o movimento do lutador de esgrima).

## 9) Movimentar

A mãe movimentou o carrinho do bebê.

A mãe movimentou o carrinho do bebê com movimentos bem delicados.

O carrinho do bebê movimentou (com o terremoto)

## 10) Picar

O menino picava a bola de basquete.

O menino picava a bola de basquete com piques rápidos.

A bola de basquete picou.

## 11) Quicar

O menino quicava a bola de basquete.

O menino quicava a bola de basquete com piques rápidos.

A bola de basquete quicou.

## 12) Remexer

O cachorro remexeu a terra do jardim.

O cachorro remexeu a terra do jardim com remexida frenéticas.

O cachorro (se) remexia (sem parar).

## 13) Rodar

A criança rodou a roleta.

A criança rodou a roleta com rodadas rápidas.

A roleta rodou.

## 14) Rodopiar

O menino rodopiou o peão.

O menino rodopiou o peão com um rodopio perfeito.

O peão rodopiou.

## 15) Rolar

O instrutor de judô rolou o aluno.

O instrutor de judô rolou o aluno com um rolamento técnico.

O aluno rolou (com a ajuda do instrutor de judô).

## 16) Sacolejar

A mãe sacolejou a menina.

A mãe sacolejou a menina com sacolejos fortes.

A menina (se) sacolejou.

## 17) Sacudir

A mulher sacudiu a cortina.

A mulher sacudiu a cortina com sacudidas rápidas.

A cortina sacudiu (com o vento)